



CINCO TESES FILOSÓFICAS

Mao Tsé-tung

Edições NOVA CULTURA

Proletários de todo o mundo, uni-vos!



Mao Tsé-tung

Cinco Teses Filosóficas

Edições Nova Cultura

2ª edição

2018

© 2018 - NOVACULTURA.info

Autorizamos que o conteúdo deste livro seja utilizado ou reproduzido em qualquer meio ou forma, seja impresso, digital, áudio ou visual por movimentos de massas, organizações, sindicatos, associações, etc.

Edições NOVA CULTURA

www.novacultura.info/selo



O selo *Edições Nova Cultura* foi criado em julho de 2015, por iniciativa dos militantes da **UNIÃO RECONSTRUÇÃO COMUNISTA**, com o objetivo de promover e divulgar o marxismo-leninismo.

TSÉ-TUNG, Mao; Cinco Teses Filosóficas. 2ª Edição. 2018.

Conselho Editorial: União Reconstrução Comunista

ESSA OBRA É LICENCIADA POR UMA LICENÇA *CREATIVE COMMONS*

Atribuição – Uso Não Comercial – Compartilhamento pela mesma licença 3.0 Brasil.

É permitido:

– Copiar, distribuir, exibir e executar a obra – criar obras derivadas



Sob as seguintes condições:

ATRIBUIÇÃO: Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante; **USO NÃO COMERCIAL:** Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais; **COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA:** Se você alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

– Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outro, os termos da licença desta obra.



[...] “A direção apontada pelo Presidente Mao é, portanto, a direção acertada do povo chinês. O Presidente vem indicando a verdade e persistindo nesta. Isto é que temos dito: o Presidente Mao aplicou a verdade da revolução mundial – a verdade universal do marxismo-leninismo – à China e a integrou com a prática da Revolução Chinesa, criando assim o pensamento Mao Tsé-tung. Mao é daqueles que indicam a verdade, persistem nela e a desenvolve”.

CHU EN-LAI

ÍNDICE

Apresentação 13

CINCO TESES FILOSÓFICAS

Sobre a Prática 17

Sobre a Contradição 41

Sobre a justa solução das Contradições no seio do Povo 97

Sobre o trabalho de Propaganda 155

De onde vem as ideias corretas? 177

Apresentação

O selo Edições Nova Cultura, criado pela União Reconstrução Comunista, apresenta agora um volume das célebres *Cinco Teses Filosóficas* do dirigente máximo da Revolução Chinesa, Mao Tsé-tung. Compendio publicado amplamente na China logo após a vitória revolucionária, contém os clássicos trabalhos *Sobre a Prática* e *Sobre a Contradição*, escritos em julho e agosto de 1937, respectivamente, além dos dois artigos *Sobre o tratamento correto das Contradições no seio do Povo* e *Sobre o trabalho de Propaganda*, escritos no primeiro semestre do ano de 1957, e por fim, o sucinto *De onde vem as ideias corretas?*, produzido em 1963.

A publicação desta obra se justifica pelo papel cumprido pelo camarada Mao Tsé-tung no desenvolvimento do marxismo-leninismo e os aportes universais que ofereceu a ciência do proletariado, dentre as quais está suas formulações para o desenvolvimento da dialética.

Certa vez Mao afirmou que “considerou-se no passado que a dialética consiste em três grandes leis, e Stalin disse que consiste em quatro grandes leis. Eu acredito que existe somente uma lei básica, a lei da contradição. Qualidade e quantidade, afirmação e negação, fenômeno e essência, conteúdo e forma, necessidade e liberdade, possibilidade e realidade, etc., todos são unidades dos contrários”. Em sua rica obra, Mao demonstrou que a lei da unidade dos contrários e a lei básica da dialética e que a esta estão subordinadas todas as demais: a lei da negação da negação, a lei da transformação da quantidade em qualidade, a lei da interdependência universal.

Desta forma, o pensamento Mao Tsé-tung pode oferecer esta contribuição fundamental para o desenvolvimento da ciência proletária e encaminhá-la para este novo salto qualitativo em uma das fontes constitutivas do marxismo como Lenin delimitou: contribuiu para o desenvolvimento da filosofia, assim como o fez para as outras duas, o socialismo e a economia política.

Os textos aqui selecionados permitem obter um panorama amplo e rigoroso deste processo de desenvolvimento científico do marxismo-leninismo, que ao ser aplicado criativamente pelos comunistas chineses – com Mao à frente –, à realidade da Revolução Chinesa pode, por sua vez, enriquecido dialeticamente com o fecundo produto teórico desta mesma experiência.

A frase “um se divide em dois”, entendido como a unidade dos contrários, é a expressão deste fundamental aporte de Mao Tsé-tung. A compreensão desta lei é fundamental para o estudo da natureza e da sociedade, pois é esta mesma a lei do próprio pensamento, e está diametralmente oposta à concepção metafísica do mundo. É, portanto, uma tarefa indelével para todos os comunistas o estudo rigoroso e aprofundado desta filosofia para que possamos investigar corretamente os fenômenos para agir conseqüentemente na realidade e transformá-la, o objetivo final de todo interesse na ciência materialista. Ao agir desta maneira também eliminaremos os erros e desvios, dogmáticos e empiristas, de direita e esquerdistas, que podem surgir se nossa prática não for acompanhada de um conhecimento teórico científico acerca da realidade concreta do nosso país.

UNIÃO RECONSTRUÇÃO COMUNISTA

CINCO TESES FILOSÓFICAS

Sobre a Prática

O materialismo pré-marxista considerava os problemas do conhecimento sem considerar a natureza social dos homens, nem o desenvolvimento histórico da humanidade e, por esta razão, era incapaz de compreender que o conhecimento depende da prática social, quer dizer, depende da produção e da luta de classes.

Os marxistas pensam, acima de tudo, que a atividade dos homens na produção constitui justamente a base da sua atividade prática, o determinante de todas as outras atividades. O conhecimento do homem depende essencialmente da sua atividade de produção material, durante a qual compreende progressivamente os fenômenos da natureza, suas propriedades e suas leis, assim como as relações entre ele próprio, homem, e a natureza; ao mesmo tempo, pela sua atividade de produção, aprende a conhecer em graus diversos, e também de uma maneira progressiva, certas relações que existem entre os próprios homens. Todos esses conhecimentos não podem ser adquiridos fora da atividade de produção. Na sociedade sem classes, todo indivíduo isolado, enquanto membro dessa sociedade, colabora com os demais, entra em determinadas relações de produção com estes e entrega-se a uma atividade de produção orientada para a solução dos problemas relativos à vida material dos homens. Nas diferentes sociedades de classes, os membros dessas sociedades, que pertencem às diferentes classes e que, sob várias formas, entram em determinadas relações de produção, também se dedicam a uma atividade de produção orientada para a solução

dos problemas da vida material dos homens. Aí está a fonte principal do desenvolvimento do conhecimento humano.

A prática social dos homens não se limita à atividade de produção. Esta apresenta ainda muitas outras formas: luta de classes, vida política, atividade desenvolvida no domínio da ciência e da arte; em resumo, o homem social participa de todos os domínios da vida prática da sociedade. É por esta razão que o homem, em sua atividade cognitiva, apreende em graus variados as relações distintas que existem entre os homens, não somente na vida material, mas igualmente na vida política e cultural (esta que está estreitamente ligada à vida material). Entre estas relações, as diversas formas de luta de classes exercem uma influência particularmente profunda sobre o desenvolvimento do conhecimento humano. Em uma sociedade de classes, cada indivíduo existe como membro de uma classe determinada, e cada forma de pensamento está invariavelmente marcada com o selo de uma classe.

Os marxistas pensam que a atividade de produção da sociedade humana desenvolve-se passo a passo, dos graus inferiores aos superiores; por esta razão, o conhecimento dos homens, quer no que respeita à natureza quer sobre a sociedade, desenvolve-se também passo a passo, dos graus inferiores aos superiores, isto é, do simples ao complexo, do unilateral ao multilateral. Durante um período histórico muito longo, os homens não puderam compreender a história da sociedade a não ser de uma maneira unilateral; isto foi assim porque, por um lado, os preconceitos das classes exploradoras deformavam constantemente a história da sociedade e, por outro lado, porque a escala reduzida da produção limitava o horizonte dos homens. Somente quando com a formação de forças produtivas gigantescas – a grande indústria – surgiu o proletariado moderno, é que os homens puderam chegar a

uma compreensão completa e histórica do desenvolvimento histórico da sociedade, e transformar os seus conhecimentos sobre a sociedade em uma ciência, a ciência do marxismo.

Os marxistas pensam que apenas a prática social dos homens pode constituir o critério da verdade dos conhecimentos que o homem possui sobre o mundo exterior. Assim, somente chegando, na prática social (no processo da produção material, da luta de classes, da experimentação científica), aos resultados esperados é que os homens recebem a confirmação da verdade dos seus conhecimentos. Se se pretende obter êxito no trabalho, isto é, atingir os resultados previstos, é necessário proceder de maneira que as ideias correspondam às leis do mundo exterior objetivo; sem tal correspondência, fracassa-se na prática. Após se ter fracassado, há que tirar disto a respectiva lição e modificar as ideias para fazê-las concordar com as leis do mundo objetivo, pode-se deste modo transformar o fracasso em triunfo. É o que se quer dizer com: “a derrota é a mãe da vitória” e “cada revés torna-nos mais experimentados”. A teoria materialista-dialética do conhecimento coloca a prática em primeiro lugar, sustentando que o conhecimento humano não pode estar, em nenhum grau, desligado da prática, e rejeitando todas as teorias erradas que negam a importância da prática e desligam o conhecimento da prática. Lenin dizia que: “a prática é superior ao conhecimento (teórico), pois esta possui não apenas a dignidade do geral, mas também a do real imediato”.¹

O materialismo dialético da filosofia marxista tem duas particularidades mais evidentes. Uma é o seu caráter de classe: afirma abertamente que o materialismo dialético está a

1. V. I. Lenin: “Resumo do Livro de Hegel *A Ciência da Lógica*”.

serviço do proletariado; a outra é seu carácter prático: sublinha o fato da teoria depender da prática, da teoria basear-se na prática e, por sua vez, servir a prática. A verdade de um conhecimento ou de uma teoria é determinada não por uma apreciação subjetiva, mas pelos resultados da prática social objetiva. O critério da verdade não pode ser outro senão a prática social. O ponto de vista da prática é o ponto de vista primordial, fundamental, da teoria materialista-dialética do conhecimento.²

Mas de que maneira o conhecimento humano nasce da prática e como serve, por sua vez, essa mesma prática? Para compreender isto basta examinar o processo de desenvolvimento do conhecimento.

Com efeito, no processo da sua atividade prática, os homens não veem, no começo, senão o aspecto exterior dos diferentes fenômenos encontrados ao longo desse processo; eles veem aspectos isolados dos fenômenos, a ligação externa dos fenômenos isolados. É assim que, por exemplo, as pessoas vindas do exterior para investigar em Yenan viram, no primeiro ou segundo dia, a configuração, as ruas e as casas da região; entraram em contato com muita gente, assistiram a recepções, saraus, reuniões, ouviram distintas intervenções, leram diversos documentos; tudo isto são os aspectos exteriores dos fenômenos, aspectos isolados desses fenômenos, a sua ligação externa. Este grau do processo do conhecimento chama-se grau da percepção sensível, isto é, o grau das sensações e das representações. Esses diferentes fenômenos, encontrados em Yenan, atuando sobre os órgãos dos sentidos dos senhores dos grupos de investigação, suscitaram neles sensações determinadas; na sua consciência surgiu toda uma

2. Ver K. Marx: *Teses sobre Feuerbach*, V. I. Lenin: *Materialismo e Empirio-criticismo*, cap. II, seção 6.

série de representações e estabeleceu-se um laço aproximativo, exterior, entre essas representações: tal é o primeiro grau do conhecimento. Neste, os homens ainda não podem elaborar conceitos profundos, nem proceder a conclusões lógicas.

A continuação da prática social implica a múltipla repetição de fenômenos que suscitam sensações e representações no homem. É então que se produz na consciência humana uma mutação, súbita (um salto) no processo do conhecimento: o aparecimento dos conceitos. O conceito já não reflete mais os aspectos exteriores dos fenômenos, os seus aspectos isolados, a sua ligação externa; ele capta a essência dos fenômenos, os fenômenos no seu conjunto, a ligação interna dos fenômenos. Entre o conceito e a sensação, a diferença não é somente quantitativa, é também qualitativa. O desenvolvimento que intervém ulteriormente nessa direção, o emprego dos métodos de juízo, de dedução, pode desembocar em conclusões lógicas. Quando, no *Romance dos Três Reinos*, se diz “basta um franzir de sobrelanceira para que um estratagema venha à mente”, ou ainda quando nós dizemos, correntemente, “deixe-me refletir”, isto significa que o homem opera intelectualmente usando conceitos, a fim de fazer juízos e proceder a deduções. Este é o segundo grau do conhecimento. Os senhores dos grupos de investigação que vêm até nós, depois de reunirem um material variado e “refletirem” sobre ele, podem fazer o juízo seguinte: “a política de Frente Única Nacional Antijaponesa, aplicada pelo Partido Comunista, aparece conseqüente, sincera e honesta”. E se, com a mesma honestidade, eles são partidários da unidade a fim de assegurar a salvação da Pátria, após um tal juízo poderão ir ainda mais longe e extrair a conclusão seguinte: “a Frente Única Nacional Antijaponesa pode ter êxito”. No processo geral do conhecimento de qualquer fenômeno pelos homens,

esse grau dos conceitos, dos juízos e das deduções aparece como um grau ainda mais importante, o grau do conhecimento racional. A verdadeira tarefa do conhecimento consiste em elevar-se da sensação ao pensamento, em elevar-se até à elucidação progressiva das contradições internas nos fenômenos que existem objetivamente, até à elucidação das suas leis, da ligação interna dos diferentes processos, isto é, consiste em atingir o conhecimento lógico. Nós repetimos: o conhecimento lógico difere do conhecimento sensível na medida em que o conhecimento sensível abraça aspectos isolados dos fenômenos, seus aspectos exteriores, a ligação externa dos fenômenos, enquanto que o conhecimento lógico, fazendo um enorme passo em frente, abarca os fenômenos por inteiro, a sua essência e a ligação interna dos fenômenos, eleva-se até ao ponto de evidenciar as contradições internas do mundo objetivo e, por isto mesmo, pode chegar a dominar o desenvolvimento desse mundo em sua integridade, com suas ligações gerais internas.

Uma tal teoria materialista-dialética do processo de desenvolvimento do conhecimento, fundada na prática, indo do superficial ao profundo, era desconhecida antes do marxismo. Foi o materialismo marxista que, pela primeira vez, resolveu corretamente este problema, pôs em evidência, de uma maneira materialista e dialética, o movimento do conhecimento segundo a linha do seu aprofundamento contínuo, o movimento progressivo do conhecimento dos homens, como seres sociais, na prática complexa e constantemente repetida da produção e da luta de classes; o movimento do conhecimento sensível ao conhecimento lógico. Lenin dizia: “as abstrações de matéria e de lei natural, a abstração de valor, etc.,

em uma palavra, todas as abstrações científicas (justas, sérias, não arbitrárias) refletem a natureza mais profundamente, mais fielmente, mais completamente”.³

O marxismo-leninismo considera que os traços distintivos dos dois graus do processo do conhecimento consistem no fato do conhecimento intervir, no grau inferior, enquanto conhecimento sensível, ao passo que intervém, no grau superior, como conhecimento lógico. Todavia, esses dois graus constituem os graus de um processo único do conhecimento. O conhecimento sensível e o conhecimento racional diferem pelo seu caráter, mas não estão separados um do outro, estão unidos na base prática. A nossa prática testemunha que os fenômenos de que temos uma percepção sensível, não podem ser imediatamente compreendidos por nós, e só os fenômenos compreendidos podem ser sentidos de uma maneira mais profunda. A sensação não pode resolver mais do que o problema dos aspectos exteriores dos fenômenos; o problema da essência não pode ser resolvido senão pelo pensamento teórico. A solução desses problemas não pode separar-se em grau nenhum da prática. Todo aquele que quiser conhecer um fenômeno não o conseguirá sem pôr-se em contato com esse fenômeno, isto é, sem viver (entregar-se à prática) no seu próprio seio. Era impossível conhecer de antemão as leis da sociedade capitalista enquanto se vivia na sociedade feudal, dado que o capitalismo ainda não tinha surgido e faltava a prática correspondente. O marxismo só podia ser produzido pela sociedade capitalista. E na época do capitalismo liberal, Marx não podia conhecer concretamente, de antemão, certas leis próprias da época do imperialismo, dado que o imperialismo, estado superior do capitalismo, ainda não tinha feito

3. V. I. Lenin: “Resumo do Livro de Hegel *A Ciência da Lógica*”.

sua aparição, e faltava a prática correspondente; apenas Lenin e Stalin puderam assumir essa tarefa. Marx, Engels, Lenin e Stalin puderam criar sua teoria não só em razão do seu gênio, mas, sobretudo, porque tomaram pessoalmente parte na prática, correspondente a esta época, da luta de classes e das experiências científicas; sem esta última condição, nenhum gênio teria podido chegar ao sucesso. A expressão “o bacharel, sem atravessar o umbral da sua porta, pode conhecer tudo o que se passa na terra” era uma frase vazia dos tempos antigos em que a técnica não estava ainda desenvolvida, e se na nossa época de técnica desenvolvida isso aparece realizável, apenas os indivíduos ligados à prática do que “se passa na terra” podem possuir conhecimentos autênticos, adquiridos graças a sua experiência pessoal; estes indivíduos, na sua prática, adquirem “conhecimentos” que, graças à escrita e à técnica, podem ser transmitidos ao bacharel, dando-lhe a possibilidade de conhecer, indiretamente, “tudo o que se passa na terra”. Para conhecer diretamente um fenômeno ou fenômenos, é indispensável participar em pessoa na luta prática que visa modificar a realidade, este fenômeno ou estes fenômenos, pois só participando pessoalmente em tal luta prática se torna possível entrar em contato com o aspecto exterior do fenômeno ou fenômenos, só assim é possível descobrir a essência do fenômeno ou fenômenos, e compreendê-los. Tal é o processo de conhecimento que os homens seguem na realidade; só que alguns deformam deliberadamente os fatos e pretendem o contrário. Os mais ridículos são os chamados “sabe-tudo”, que, cheios de conhecimentos ocasionais, fragmentários, consideram-se “autoridades número um do mundo”, o que comprova justamente sua fatuidade desmesurada. O conhecimento é uma questão de ciência, não admite a me-

nor desonestidade ou presunção. O que se requer é precisamente o contrário – honestidade e modéstia. Se se deseja adquirir conhecimentos, há que tomar parte na prática que transforma a realidade. Se se quer conhecer o gosto de uma pera há que transformá-la, prová-la. Se se quer conhecer a estrutura e as propriedades do átomo, há que entregar-se a experiências físicas e químicas, modificar o estado do átomo. Se se quer conhecer a teoria e os métodos da revolução, há que participar na revolução. Todos os conhecimentos autênticos resultam da experiência direta. Contudo, o homem não pode ter uma experiência direta de tudo, razão por que a maior parte dos nossos conhecimentos é, na realidade, o produto de uma experiência indireta, são conhecimentos que nos vêm de todos os séculos passados, ou conhecimentos que foram adquiridos por homens de outros países. Esses conhecimentos são o produto da experiência direta dos nossos antepassados, ou da experiência direta de estrangeiros. Se, durante a experiência direta dos nossos antepassados e estrangeiros, estes conhecimentos respondiam à condição de que falava Lenin, ou seja, se eram o resultado de uma “abstração científica”, se eram o reflexo científico de fenômenos com existência objetiva, tais conhecimentos são seguros; no caso contrário, não o são. É por isto que os conhecimentos do homem se compõem de duas partes: os dados da experiência direta e os dados da experiência indireta. Contudo, o que para mim é experiência indireta, permanece para os outros como experiência direta. Segue-se daí que, falando dos conhecimentos no seu conjunto, pode dizer-se que nenhum conhecimento pode ser desligado da experiência direta. A fonte de todo o conhecimento são sensações recebidas do mundo exterior objetivo, pelos órgãos dos sentidos do homem. Os que

negam a sensação, a experiência direta e a participação pessoal na prática que modifica a realidade, não são materialistas. Essa a razão pela qual os “sabe-tudo” são tão ridículos.

Os chineses têm um velho provérbio que diz: “se não se penetra no covil do tigre, não se lhe podem apanhar as crias”. Este provérbio é verdadeiro para a prática humana e, na mesma medida, para a teoria do conhecimento. O conhecimento desligado da prática é inconcebível.

Para pôr em evidência o movimento materialista dialético do conhecimento, que surgiu na base da prática modificadora da realidade – movimento do conhecimento segundo a linha do aprofundar progressivo – vamos dar ainda alguns exemplos concretos.

No período inicial da sua prática, período da destruição das máquinas e da luta espontânea, o proletariado, no seu conhecimento da sociedade capitalista, apenas se encontrava no grau do conhecimento sensível e não conhecia mais do que os aspectos isolados e a ligação externa dos diferentes fenômenos do capitalismo. Nesta época, o proletariado ainda não era mais do que aquilo a que se chama uma “classe em si”. Assim que começou, porém, o segundo período da prática do proletariado, período da luta econômica e política consciente e organizada, quando a experiência múltipla resultante da prática, a experiência adquirida ao longo de uma luta prolongada, foi generalizada cientificamente por Marx e Engels, e nasceu a teoria marxista utilizada para esclarecer o proletariado, teoria que ensina o proletariado a compreender a essência da sociedade capitalista, a compreender as relações de exploração entre classes sociais, a compreender as tarefas históricas do proletariado, este tornou-se em uma “classe para si”.

Este foi o caminho que seguiu o povo chinês no seu conhecimento do imperialismo. O primeiro grau foi o do conhecimento sensível, superficial, o da luta indiscriminada contra os estrangeiros, a época do Movimento do Reino Celestial dos Taipins, do Movimento de Ihotuan e outros. Só o segundo grau é que foi o do conhecimento racional, quando o povo chinês divisou as diferentes contradições internas e externas do imperialismo, quando viu a essência da opressão e da exploração das grandes massas populares da China pelo imperialismo aliado à burguesia compradora e à classe feudal chinesa, conhecimento racional que começou com o período do Movimento de 4 de Maio de 1919.

Vejamos agora a guerra. Se a guerra fosse dirigida por pessoas sem experiência militar, no começo, estas não poderiam compreender as leis profundas que regem o desenvolvimento de uma dada guerra concreta (por exemplo, o desenrolar da nossa Guerra Revolucionária Agrária dos últimos dez anos). No início, não poderiam adquirir senão a experiência da participação pessoal em numerosas batalhas, das quais um número importante terminaria em derrotas. Contudo, esta experiência (a experiência das vitórias e, sobretudo, a das derrotas) dar-lhes-ia a possibilidade de compreender os elementos de ordem interna que marcam toda a guerra no seu conjunto, ou seja, as leis desta guerra concreta, de compreender a estratégia e a tática e, em consequência, dar-lhes-ia a possibilidade de dirigir a guerra com segurança. Se se confiasse neste momento a direção da guerra a um homem desprovido de experiência, ele não poderia compreender as leis reais da guerra senão depois de ter sofrido uma série de derrotas (isto é, depois de ter adquirido experiência).

Com frequência, ouvem-se certos camaradas, que não se decidem a ocupar-se de tal ou tal trabalho, declarar que

não estão certos de poder desempenhar-se da tarefa. Por que é que pensam assim? Porque não têm uma ideia sistemática do conteúdo e das condições deste trabalho, nunca tiveram oportunidade de realizar um trabalho semelhante ou só raramente o fizeram. Eis porque, com relação a eles, nem sequer pode-se falar de conhecimento das respectivas leis. Só depois de se ter analisado em detalhe, na sua presença, o estado e as condições desse trabalho, é que começam a experimentar mais confiança em si próprios e aceitam a responsabilidade da respectiva realização. Se essas pessoas se consagram durante um certo tempo a tal tarefa, adquirem experiência e, se tentarem honestamente ir ao fundo da situação concreta, em vez de considerar as coisas duma maneira subjetiva, unilateral e superficial, tiram por si sós as conclusões relativas à maneira como convém efetuá-la, e metem-se com maior segurança ao trabalho. Só as pessoas que têm uma visão subjetivista, unilateral e superficial dos problemas, se lançam presunçosamente a dar ordens e instruções assim que chegam a um novo lugar, sem primeiramente se informar sobre as circunstâncias, sem procurar ver as coisas em seu conjunto (a sua história e o seu estado atual considerado como um todo) nem apreender-lhes a essência (sua natureza e sua ligação interna com as outras coisas). É inevitável que tal gente tropece e caia.

Em consequência, o primeiro passo no processo do conhecimento é o primeiro contato com os fenômenos do mundo exterior: o grau das sensações. O segundo é a síntese dos dados fornecidos pelas sensações, sua ordenação e elaboração: o grau dos conceitos, dos juízos e das deduções. É somente em presença de um grande número de dados fornecidos pelas sensações (não dados fragmentários, incompletos), e só no caso destas corresponderem à realidade (quer

dizer no caso de não ser o resultado de um erro dos sentidos), que se torna possível, na base desses dados, elaborar conceitos corretos e formular uma teoria correta.

Há aqui dois elementos importantes que convém especialmente destacar. Já se falou no primeiro, mas é necessário voltar a falar uma vez mais: é o problema da dependência em que se encontra o conhecimento racional, com relação ao conhecimento sensível. Os que consideram que o conhecimento racional pode deixar de vir do conhecimento sensível são idealistas. Na história da filosofia houve uma escola, chamada “racionalista”, que somente reconhecia a realidade da razão, negava a realidade da experiência, afirmava que não se podia ter confiança a não ser na razão e nunca na experiência fornecida pela percepção sensível; o erro desta tendência consiste na inversão que faz dos fatos. Se é possível apoiarmos nos dados do conhecimento racional, é justamente porque estes se originam nos dados da percepção sensível; do contrário, tais dados do conhecimento racional tornar-se-iam um rio sem nascente, uma árvore sem raízes, seriam algo em que nada poderia apoiar-se, algo que nascesse de maneira exclusivamente subjetiva. Do ponto de vista da ordem do processo do conhecimento, a experiência sensível é o primeiro dado, e nós destacamos a importância da prática social no processo do conhecimento porque o conhecimento humano só pode surgir baseado na prática social do homem, assim como somente baseado nessa prática é que o homem pode adquirir a experiência sensível proveniente do mundo objetivo exterior. Se o homem fechasse os olhos, tapasse as orelhas e se desligasse em absoluto do mundo exterior, não poderia sequer, com relação a ele, falar de conhecimento. O conhecimento começa com a experiência, e nisso reside o materialismo da teoria do conhecimento.

O segundo elemento é a necessidade de aprofundar o conhecimento, a necessidade de passar do grau do conhecimento sensível ao grau do conhecimento racional: nisso está a dialética da teoria do conhecimento.⁴ Pensar que o conhecimento pode deter-se no grau inferior, no grau do conhecimento sensível, pensar que podemos apoiar-nos simplesmente sobre o conhecimento sensível e não sobre o conhecimento racional, significa repetir o erro, assinalado pela história, dos “empíricos”. O erro desta teoria consiste na incompreensão do fato de que, embora os dados da percepção sensível sejam, sem dúvida alguma, o reflexo de certas realidades do mundo exterior objetivo (eu não abordarei aqui o empirismo idealista que limita a experiência ao que se chama de introspecção), são unilaterais, superficiais, sendo aquele reflexo um reflexo incompleto, que não reflete a essência dos fenômenos. Para refletir plenamente um fenômeno em sua totalidade, para refletir sua essência e suas leis internas, é preciso criar um sistema de conceitos e teorias, depois de se ter submetido os múltiplos dados da percepção sensível a uma elaboração mental que consiste em rejeitar a casca para guardar o grão, em eliminar o que é falso para conservar o verdadeiro, em passar de um aspecto dos fenômenos a outro, do externo ao interno; é preciso saltar do conhecimento sensível ao conhecimento racional. Esta elaboração não torna nossos conhecimentos menos ricos, menos seguros. Pelo contrário, tudo o que, após ter surgido no processo do conhecimento na base da prática, foi submetido a uma elaboração científica, reflete como dizia Lenin o mundo objetivo de uma maneira mais profunda, mais justa, mais completa. É justamente isto

4. Ver V. I. Lenin: “Resumo do Livro de Hegel *A Ciência da Lógica*”. Lenin diz: “para compreender, há que começar a compreender, a estudar de uma maneira empírica, a elevar-se do empírico ao geral”.

o que não compreendem os “práticos” vulgares. Eles inclinam-se diante da experiência e desprezam a teoria, em consequência do que não podem abarcar o processo objetivo em seu conjunto, sofrem de falta de clareza de orientação, de perspectiva, e embriagam-se com seus sucessos ocasionais e suas vistas curtas. Se esses indivíduos dirigissem a revolução, conduzi-la-iam a um beco sem saída.

O conhecimento racional depende do conhecimento sensível e este deve desenvolver-se em conhecimento racional. Assim é a teoria materialista-dialética do conhecimento. O “racionalismo” e o “empirismo”, em filosofia, não compreendem o carácter histórico ou dialético do conhecimento; embora cada uma dessas tendências ofereça um aspecto da verdade (trata-se do racionalismo e do empirismo materialistas, não idealistas), ambas se afiguram erradas, quando consideradas do ponto de vista da teoria do conhecimento em seu conjunto. O movimento materialista dialético do conhecimento, do sensível ao racional intervém tanto no processo do conhecimento do pequeno (por exemplo, o conhecimento de um objeto, de um trabalho qualquer) como no processo do conhecimento do grande (por exemplo, o conhecimento de tal ou tal sociedade, de tal ou tal revolução).

Todavia, o movimento do conhecimento não termina aí. Se o movimento materialista dialético do conhecimento se detivesse no conhecimento racional, só metade do problema ficaria esgotado; e o que é mais, do ponto de vista da filosofia marxista, essa não seria a metade mais importante. A filosofia marxista sustenta que a questão mais importante não é compreender as leis do mundo objetivo e poder, por isto, explicá-lo, mas sim utilizar o conhecimento dessas leis para transformar ativamente o mundo. Do ponto de vista marxista, a teoria é importante, e sua importância exprime-se plenamente na

seguinte frase de Lenin: “sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário”.⁵

Contudo, o marxismo atribui grande importância à teoria, justa e unicamente porque ela pode guiar a atividade prática. Se, quando conhecemos uma teoria justa, contentamo-nos em fazer dela um simples tema de conversação e, em vez de a pormos em prática, deixamo-la de lado, esta teoria, por mais bela que seja, não poderá ter qualquer significação. O conhecimento começa pela prática; e uma vez adquirido o conhecimento teórico através da prática, há que levá-lo de novo à prática. A função ativa do conhecimento não se exprime apenas no salto ativo do conhecimento sensível ao conhecimento racional, mas também, e o que ainda é mais importante, no salto do conhecimento racional à prática revolucionária. Uma vez adquirido o conhecimento das leis do mundo, deve-se dirigi-lo para a prática da transformação do mundo, aplicá-lo na prática da produção, na prática da luta de classes e da luta nacional revolucionárias, assim como na prática da experimentação científica. Tal é o processo de verificação e de desenvolvimento da teoria, a continuação de todo o processo do conhecimento. A questão de saber se uma proposta teórica corresponde à verdade objetiva não é, nem pode ser, inteiramente resolvida no movimento do conhecimento sensível ao conhecimento racional de que acima falamos. Para resolver completamente esta questão é necessário, a partir do conhecimento racional, regressar à prática social; aplicar a teoria na prática e verificar se ela pode conduzir ao objetivo fixado. Muitas das teorias das ciências da natureza foram reconhecidas como verdadeiras, não somente por ter sido elaboradas por sábios que se devotam a tais ciências,

5. V. I. Lenin: *Que Fazer?*, cap. I, seção 4.

mas também por ter atingido confirmação na prática científica ulterior. Do mesmo modo, o marxismo-leninismo é reconhecido como verdade não só pelo facto de essa doutrina ter sido cientificamente elaborada por Marx, Engels, Lenin e Stalin, mas também por ter sido confirmada pela prática ulterior da luta de classes e da luta nacional revolucionárias. O materialismo dialético é uma verdade universal porque é impossível, na prática, sair desse quadro. A história do conhecimento humano demonstra que a verdade de muitas teorias não era suficientemente completa, mas, em consequência da verificação na prática, esta insuficiência foi eliminada. Muitas teorias eram erradas, mas, em consequência da sua verificação na prática, seus erros foram corrigidos. É por isto que a prática é o critério da verdade, o “ponto de vista da vida, da prática, deve ser o ponto de vista primordial, fundamental, da teoria do conhecimento”.⁶

Stalin exprimiu-se de uma maneira notável sobre isto: “a teoria resulta sem objeto e não for ligada à prática revolucionária, assim como a prática será cega se a teoria revolucionária não ilumina seu caminho”.⁷

É aí que se conclui o movimento do conhecimento? Nós respondemos sim e não. O homem, enquanto membro da sociedade que participa na prática da modificação dum processo objetivo determinado em um determinado estágio do seu desenvolvimento (seja da prática da modificação de um processo produzindo-se na natureza, seja da prática da modificação de um processo social qualquer), recebe, sob a influência do reflexo do processo objetivo e da sua própria atividade subjetiva, a possibilidade de passar do conhecimento sensível ao conhecimento racional e de criar ideias, teorias,

6. V. I. Lenin: *Materialismo e Empiriocriticismo*, cap. II, seção 6.

7. J. V. Stalin: “Fundamentos do Leninismo”, parte III.

planos ou projetos que correspondem, em geral, às leis desse processo objetivo; e se na aplicação ulterior dessas ideias, teorias, planos e projetos, na prática do mesmo processo objetivo, se chega ao objetivo fixado, isto é, se se consegue, na prática desse processo, transformar em realidade as ideias, teorias, planos e projetos previamente elaborados, ou se se chega a realizá-los em suas linhas gerais, o movimento do conhecimento deste processo objetivo pode considerar-se terminado. Por exemplo, no processo de uma modificação da natureza, a realização do plano de uma construção, a confirmação de uma hipótese científica, a criação de um mecanismo, a recolha de uma planta cultivada ou então, no processo de uma modificação da sociedade, o sucesso de uma greve, a vitória em uma guerra, a execução de um programa de ensino, tudo isto significa que o objetivo fixado foi atingido. Contudo, de um modo geral, tanto na prática da modificação da natureza como na da modificação da sociedade, é extremamente raro que as ideias, teorias, planos e projetos previamente elaborados pelos homens, se realizem sem sofrer a mínima alteração. Isto produz-se porque as pessoas que modificam a realidade encontram-se geralmente condicionadas por múltiplas limitações: se encontram-se limitadas não somente pelas condições científicas e técnicas, mas ainda pelo desenvolvimento do próprio processo objetivo e pelo grau em que se manifesta (por ainda não ter sido completamente esclarecidos os diferentes aspectos e a essência do próprio processo objetivo). Em tal situação, dada a formação na prática de circunstâncias imprevistas, as ideias, as teorias, os planos e os projetos resultam, muitas vezes, parcialmente modificados e, em alguns casos, até mesmo completamente. Isto significa que existem casos em que as ideias, teorias, pla-

nos e projetos, tal como tinham sido originariamente elaborados, não correspondem em parte ou no todo à realidade, resultam parcial ou totalmente errados. Em muitos casos, só depois de falhas repetidas se consegue eliminar o erro, obter a correspondência com as leis do processo objetivo e transformar assim o subjetivo em objetivo, quer dizer, chegar na prática aos resultados esperados. Em todo caso, é neste momento que o movimento do conhecimento pelos homens de um processo objetivo determinado, em um grau determinado do seu desenvolvimento, pode considerar-se acabado.

Todavia, se se considera o processo em seu desenvolvimento, o movimento do conhecimento humano não termina aí. Quer na natureza, quer na sociedade, todos os processos, em consequência das suas contradições e lutas internas, progredem e desenvolvem-se. E o processo do conhecimento humano deve igualmente progredir e desenvolver-se com eles. Se se fala de um movimento social, os verdadeiros dirigentes revolucionários devem não só ser capazes de corrigir os erros existentes nas suas ideias, teorias, planos e projetos, como foi dito anteriormente, mas ainda, por ocasião da passagem desse processo objetivo determinado de um grau a outro do seu desenvolvimento, tornar-se, a si próprios e a todos os demais participantes da revolução, capazes de seguir essa passagem no seu conhecimento subjetivo, isto é, chegar a fazer corresponder às novas tarefas revolucionárias, aos novos planos de trabalho, às novas modificações surgidas na situação. Em um período revolucionário, a situação modifica-se muito rapidamente; se a consciência dos revolucionários não conseguir seguir com rapidez tais modificações, estes são impotentes para conduzir a revolução à vitória.

Acontece frequentemente, entretanto, que as ideias se atrasam em comparação com a realidade. Isto dá-se porque

o conhecimento humano está limitado por várias condições sociais. Nós lutamos contra os obstinados nas fileiras revolucionárias porque suas ideias não seguem o ritmo das modificações da situação objetiva, o que na história se tem manifestado sob forma de oportunismo de direita. Estes indivíduos não veem que a luta dos contrários já fez avançar o processo objetivo, enquanto que seu conhecimento permanece ainda no grau precedente. Esta particularidade é característica das ideias de todos os obstinados. As suas ideias estão desligadas da prática social, não podem colocar-se à frente do carro do progresso social e servir de guias; não sabem mais do que ficar atrás e queixar-se de que o carro vai depressa, tentando puxá-lo para trás ou fazê-lo correr em sentido contrário.

Nós lutamos igualmente contra os fraseadores de “esquerda”. As suas ideias aventuram-se para além de uma etapa determinada do desenvolvimento do processo objetivo; uns tomam suas ilusões por realidades, outros tentam realizar à força, no presente, ideais que só são realizáveis no futuro; desligadas da prática corrente da maioria das pessoas, desligadas da realidade atual, suas ideias traduzem-se, na prática, em espírito de aventura.

A ruptura entre o subjetivo e o objetivo, a separação do conhecimento da prática, são características do idealismo e do materialismo mecanicista, do oportunismo e do espírito de aventura. A teoria marxista-leninista do conhecimento, que se caracteriza pela prática social científica, não pode deixar de lutar com resolução contra estas concepções erradas. Os marxistas reconhecem que, no processo geral, absoluto, de desenvolvimento do Universo, o desenvolvimento de processos concretos particulares é relativo. É por isto que, na corrente infinita da verdade absoluta, o conhecimento que os ho-

mens têm de processos concretos particulares, em etapas determinadas do seu desenvolvimento, não contém mais do que verdades relativas. A verdade absoluta⁸ é constituída pela soma de incontáveis verdades relativas. O desenvolvimento de um processo objetivo é um desenvolvimento pleno de contradições e de lutas. O desenvolvimento do processo do conhecimento humano é igualmente um desenvolvimento pleno de contradições e de lutas. Todo o movimento dialético do mundo objetivo pode, tarde ou cedo, encontrar seu reflexo no conhecimento humano. Na prática social, o processo do nascimento, desenvolvimento e morte, é infinito; igualmente infinito é o processo do nascimento, desenvolvimento e morte do conhecimento humano. Justamente porque a prática que modifica a realidade objetiva na base de ideias, teorias, planos e projetos determinados, está em progressão constante que o conhecimento humano da realidade objetiva se aprofunda sem cessar. O movimento de modificação do mundo real, objetivo, é eterno e ilimitado; igualmente eterno e ilimitado é o conhecimento que os homens obtêm da verdade no processo da prática. O marxismo-leninismo não põe, de maneira alguma, fim à descoberta da verdade; pelo contrário, abre incessantemente as vias do conhecimento da verdade no processo da prática. Nossa conclusão é que somos pela unidade histórica, concreta, do subjetivo e do objetivo, da teoria e da prática, do conhecimento e da ação; nós somos contra todas as concepções erradas – de “esquerda” e de direita – desligadas da história concreta.

Na época atual do desenvolvimento social, a história encarregou o proletariado e seu Partido da responsabilidade de conhecer o mundo de uma maneira exata e transformá-lo.

8. Ver V. I. Lenin: *Materialismo e Empiriocriticismo*, cap. II, seção 5.

Na China, como no mundo inteiro, o processo da prática de transformação do mundo, determinado na base do conhecimento científico, já atingiu um momento histórico de alta importância, um momento como a história da humanidade ainda não conheceu: o momento que vê dissiparem-se completamente as trevas na China e no mundo inteiro e a transformação deste mundo em um mundo novo, radioso. A luta do proletariado e dos povos revolucionários pela transformação do mundo implica a realização das tarefas seguintes: a transformação do mundo objetivo, como a do próprio mundo subjetivo de cada um – a transformação das próprias capacidades cognitivas de cada um, como a da relação existente entre o mundo subjetivo e o mundo objetivo. Em uma parte do globo terrestre, na União Soviética, os homens realizaram já estas transformações e aceleram atualmente o processo. O povo chinês e os povos de todo o mundo estão hoje igualmente empenhados, ou estarão empenhados no futuro, no processo de tais transformações. O mundo objetivo a transformar inclui igualmente todos os adversários desta transformação; eles devem no início passar pela etapa da transformação, pela coação, depois do que poderão abordar a etapa da reeducação consciente. A época em que a humanidade inteira passará conscientemente a sua própria transformação e à transformação do mundo, será a etapa do comunismo no mundo inteiro.

Pela prática, descobrir as verdades e, igualmente pela prática, as confirmar e desenvolvê-las. Passar ativamente do conhecimento sensível ao conhecimento racional, para depois, passar do conhecimento racional à direção ativa da prática revolucionária, para transformar o mundo subjetivo e objetivo. A prática, o conhecimento, e novamente a prática e o conhecimento, esta forma, em sua repetição cíclica, é infinita.

Além disso, o conteúdo de cada um desses ciclos de prática e de conhecimento se eleva a um nível cada vez mais alto. Tal é, em seu conjunto, a teoria materialista-dialética do conhecimento, tal é a concepção materialista-dialética da unidade do conhecimento e da ação.

trabalho apresentado em uma conferência realizada na Academia Militar e Política Antijaponesa de Yen-an, em julho de 1937

Sobre a Contradição

A lei da contradição inerente aos fenômenos, ou lei da unidade dos contrários, é a lei fundamental da dialética materialista. Lenin disse: “no sentido próprio, a dialética é o estudo da contradição na própria essência dos fenômenos”.⁹

Sobre esta lei, Lenin dizia com frequência que era a essência da dialética, afirmando também que era o núcleo da dialética.¹⁰ É assim que, ao estudarmos tal lei, somos obrigados a abordar um amplo círculo de problemas, um grande número de questões filosóficas. Se formos capazes de esclarecer tais questões, compreenderemos nos seus verdadeiros fundamentos a dialética materialista. Estas questões são: duas concepções do mundo, a universalidade da contradição, a particularidade da contradição, a contradição principal e o aspecto principal da contradição, a identidade e a luta dos aspectos da contradição, o lugar do antagonismo na contradição.

A crítica a que, nos círculos filosóficos soviéticos, foi submetido nestes últimos anos o idealismo da escola de Deborin, suscitou grande interesse entre nós. O idealismo de Deborin exerceu influência das mais perniciosas no seio do Par-

9. V. I. Lenin: “Notas sobre o livro de Hegel *Lições de História da Filosofia*”, Tomo I, “Escola dos Eleatas”, em “Resumo do Livro de Hegel *Lições da História da Filosofia*”.

10. Ver V. I. Lenin: “Sobre a Questão da Dialética”, onde diz que: “o desdobramento do que é um e o conhecimento das suas partes contraditórias constituem o fundo da dialética”; e “Resumo do Livro de Hegel *A Ciência da Lógica*”, onde Lenin diz: “pode definir-se brevemente a dialética como sendo a teoria da unidade dos contrários. Com isto domina-se o cerne da dialética, mas tornam-se necessárias explicações e um desenvolvimento”.

tido Comunista da China, não se podendo dizer que as concepções dogmáticas existentes no nosso Partido não tenham algo ver com tal escola. É por isto que, atualmente, o objetivo principal do nosso estudo da filosofia é extirpar concepções dogmáticas.

I. As duas concepções do mundo

Na história do conhecimento humano existiram sempre duas concepções acerca das leis do desenvolvimento do mundo: metafísica e dialética. Estas constituem duas concepções opostas sobre o mundo. Lenin dizia: “as duas concepções fundamentais (ou as duas possíveis? Ou as duas dadas pela história?) do desenvolvimento (evolução) são: o desenvolvimento como diminuição e aumento, como repetição, e o desenvolvimento como unidade de contrários (desdobramento do que é um em contrários que se excluem mutuamente, e relações entre eles)”.¹¹ Aí, Lenin referia-se justamente às duas concepções distintas sobre o mundo.

Na China, à Metafísica também se chama *Suansiué*. O modo de pensar metafísico, próprio da concepção idealista do mundo, ocupou durante um longo período da história um lugar predominante no espírito das pessoas, quer na China quer na Europa. Na Europa, o próprio materialismo foi metafísico nos primeiros tempos da existência da burguesia. Em resultado de toda uma série de Estados europeus, ao longo do seu desenvolvimento econômico-social, ter entrado na fase de um capitalismo altamente desenvolvido, e de as forças produtivas, a luta de classes e a ciência, ter atingido nível de desenvolvimento sem precedente na história, e ainda em resultado do proletariado industrial se ter transformado na maior força

11. V. I. Lenin: “Sobre a Questão da Dialética”.

motriz da história, nasceu a concepção materialista-dialética, marxista, do mundo. A partir de então, ao lado de um idealismo reacionário patente e nada camuflado, viu-se aparecer, no seio da burguesia, um evolucionismo vulgar, oposto à dialética materialista.

A metafísica, o evolucionismo vulgar, considera todos os fenômenos do mundo como isolados e em estado de repouso; considera-os unilateralmente. Tal concepção de mundo faz ver todos os fenômenos, formas e categorias, como eternamente isolados uns dos outros, como eternamente imutáveis. E se reconhecem as mudanças, é apenas como aumento ou diminuição quantitativos, como simples deslocação, residindo as causas de um tal aumento, diminuição e deslocação, não nos próprios fenômenos, mas sim fora deles, isto é, na ação de forças exteriores. Os metafísicos sustentam que os diferentes fenômenos do mundo, assim como seu carácter específico, permanecem imutáveis desde o começo da sua existência, sendo as modificações ulteriores apenas aumentos ou diminuições quantitativas. Pensam que um fenômeno não pode fazer mais do que reproduzir-se indefinidamente, sendo incapaz de transformar-se em fenômeno distinto. Segundo eles, tudo o que caracteriza a sociedade capitalista, ou seja, a exploração, a concorrência, o individualismo, etc., encontrava-se igualmente na sociedade escravagista da antiguidade, inclusive na própria sociedade primitiva, e há de continuar a existir de modo eterno, imutável. As causas do desenvolvimento da sociedade, explicam-nas por condições exteriores a esta, como o meio geográfico, o clima, etc. De uma maneira simplista, tentam encontrar as causas do desenvolvimento fora dos próprios fenômenos, negando essa tese da dialética materialista segundo a qual o desenvolvimento dos fenômenos é determinado pelas respectivas contradições

internas. Por isto são incapazes de explicar a diversidade qualitativa dos fenômenos, bem como a transformação de uma qualidade em uma outra. Na Europa, esse modo de pensar encontrou sua expressão no materialismo mecanicista dos séculos XVII e XVIII e, posteriormente, nos fins do século XIX e começos do XX, no evolucionismo vulgar. Na China, o pensamento metafísico, que se exprimia na afirmação “o céu é imutável, imutável é o Tao”¹², foi defendido durante muito tempo pela classe feudal, decadente, no poder. Quanto ao materialismo mecanicista e ao evolucionismo vulgar, importados da Europa nos últimos cem anos, encontraram seus defensores na burguesia.

Contrariamente à concepção metafísica do mundo, a concepção materialista-dialética entende que, no estudo do desenvolvimento de um fenômeno, deve partir-se do seu conteúdo interno, das suas relações com outros fenômenos, ou seja, deve considerar-se o desenvolvimento dos fenômenos como sendo seu movimento próprio, necessário, interno, encontrando-se aliás cada fenômeno, no seu movimento, em ligação e interação com outros fenômenos que o circundam. A causa fundamental do desenvolvimento dos fenômenos não é externa, mas interna; reside no contraditório do interior dos próprios fenômenos. No interior de todo fenômeno há contradições, daí seu movimento e desenvolvimento. O contraditório no seio de cada fenômeno é a causa fundamental do respectivo desenvolvimento, enquanto que a ligação mútua e a ação recíproca entre os fenômenos não constituem mais do

12. Palavras de Tum Tchom-chu (179-104 A.C.), célebre representante do confucionismo na dinastia dos Han, dirigidas ao imperador Vuti: “O grande *Tao* vem do próprio céu, o céu é imutável, é imutável o *Tao*”. *Tao*, expressão usual entre os filósofos da China antiga, significa “caminho” ou “razão”, e pode traduzir-se como “princípio” ou “lei”.

que causas secundárias. Assim, a dialética materialista combate energeticamente a teoria da causa externa, da impulsão exterior, característica do materialismo mecanicista e do evolucionismo vulgar metafísicos. É evidente que as causas puramente externas são apenas capazes de provocar o movimento mecânico dos fenômenos, isto é, modificações de volume, de quantidade, não podendo explicar porque os fenômenos são de uma diversidade qualitativa infinita, a razão porque passam de uma qualidade a uma outra. Com efeito, mesmo o movimento mecânico, provocado por uma impulsão exterior, realiza-se por intermédio das contradições internas dos fenômenos. No mundo vegetal e animal, o simples crescimento, o desenvolvimento quantitativo, são também provocados fundamentalmente pelas suas contradições internas. Do mesmo modo, o desenvolvimento da sociedade é devido, sobretudo, a causas internas, e não externas. Há muitos países que se encontram em condições geográficas e de clima quase idênticas e, no entanto, desenvolvem-se de maneira bem diferente, desigual. Em um só e mesmo país produzem-se grandes modificações na sociedade sem que, no entanto, se tenha modificado o meio geográfico ou o clima. A Rússia imperialista transformou-se na União Soviética socialista e o Japão feudal, fechado ao mundo exterior, transformou-se no Japão imperialista, sem que a geografia e o clima destes países tivessem sofrido alteração. A China, durante muito tempo submetida ao regime feudal, registrou imensas alterações no decurso dos últimos cem anos, e agora evolui em direção a uma China nova, emancipada e livre, sem que para isto se tivessem modificado sua geografia e seu clima. É certo que no conjunto do globo terrestre, e em cada uma das suas partes, se produzem modificações quanto à geografia e ao clima, simplesmente, comparadas às modificações da sociedade,

tais modificações são insignificantes. As primeiras exigem dezenas de milhares de anos para manifestar-se, enquanto que para as segundas bastam apenas alguns milênios, alguns séculos, umas décadas ou mesmo alguns anos, ou meses inclusive (em período de revolução). Segundo o ponto de vista da dialética materialista, as modificações na natureza se devem fundamentalmente ao desenvolvimento das contradições internas desta. Na sociedade, as mudanças são devidas principalmente ao desenvolvimento das contradições que existem em seu seio, isto é, a contradição entre forças produtivas e relações de produção, a contradição entre as classes e a contradição entre o novo e o velho; é o desenvolvimento destas contradições que faz avançar a sociedade e determina a substituição da velha sociedade por uma nova. Mas será que a dialética materialista exclui as causas externas? De maneira nenhuma. Ela considera que as causas externas constituem a condição das modificações, que as causas internas são a base dessas modificações e que as causas externas operam por intermédio das causas internas. O ovo que recebe uma quantidade adequada de calor transforma-se em pinto, enquanto que o calor não pode transformar uma pedra em pinto, já que as respectivas bases são diferentes. Os diversos povos agem constantemente uns sobre os outros. Na época do capitalismo, sobretudo na época do imperialismo e das revoluções proletárias, a ação e os efeitos dos diferentes países, atuando uns sobre os outros nos domínios da política, da economia e da cultura, são enormes. A Revolução Socialista de Outubro abriu uma era nova não apenas na história da Rússia, como também na história de todo o mundo; influiu nas modificações internas nos diferentes países, e também, com uma profundidade particular, nas modificações internas na China. Todavia, as modificações que dela resultaram produziram-se

por intermédio das leis internas próprias a estes países, ou próprias à China. De dois exércitos em luta, um vence e o outro é derrotado: isto é determinado por causas internas. A vitória é devida ou ao poderio do exército ou à justeza de vistas do seu comando; a derrota deve-se ou à fraqueza do exército ou aos erros cometidos pelo seu comando. É por intermédio das causas internas que atuam as causas externas. Na China, se a grande burguesia venceu em 1927 o proletariado, foi graças ao oportunismo que então se manifestava no próprio seio do proletariado chinês (no interior do Partido Comunista da China). Assim que acabamos com tal oportunismo, a Revolução Chinesa tornou a expandir-se. Mais tarde, voltou a sofrer seriamente com golpes desferidos pelo inimigo, desta vez em resultado das tendências aventureiras surgidas no Partido. Mas assim que liquidamos o espírito de aventura, nossa causa voltou a progredir. Daí se conclui que, para conduzir a revolução à vitória, um partido deve apoiar-se na justeza da sua linha política e na solidez da sua organização.

A concepção dialética do mundo, na China e na Europa, existe desde a antiguidade. A dialética dos tempos antigos, porém, era algo espontâneo, primitivo; em virtude das condições sociais e históricas de então, não podia ainda constituir um sistema teórico completo, era incapaz de explicar o mundo em todos seus aspectos, sendo posteriormente substituída pela metafísica. O célebre filósofo alemão, Hegel, que viveu no final do século XVIII e começo do XIX, deu importante contribuição à dialética, mas sua dialética era idealista. Só depois que Marx e Engels, os grandes protagonistas do movimento proletário, generalizaram os resultados positivos obtidos pela humanidade na história do conhecimento humano, e depois que, em particular, retomaram com espírito crítico os elementos racionais da dialética de Hegel e criaram

a grande teoria do materialismo dialético e histórico, é que se produziu uma revolução sem precedentes na história do conhecimento humano. Esta grande teoria foi desenvolvida mais tarde por Lenin e Stalin. Ela provocou imensas modificações no mundo do pensamento chinês assim que penetrou na China.

A concepção dialética nos ensina, sobretudo, a observar e analisar o movimento das contradições nos diferentes fenômenos, bem como a determinar, com base nesta análise, os métodos próprios para resolver tais contradições. Eis porque a compreensão concreta da lei da contradição inerente aos fenômenos é de importância extrema para nós.

II. A universalidade da contradição

Por comodidade de exposição, deter-me-ei primeiramente na universalidade da contradição e, depois, em sua particularidade. Com efeito, a partir da descoberta da concepção materialista-dialética do mundo, realizada pelos grandes fundadores e continuadores do marxismo – Marx, Engels, Lenin e Stalin –, a dialética materialista foi aplicada com máximo êxito à análise de inúmeros aspectos da história humana e da história natural, assim como à transformação de numerosos aspectos da sociedade e da natureza (por exemplo, na URSS); a universalidade da contradição está, pois, largamente reconhecida, bastando portanto umas quantas palavras para explicar bem a questão. Quanto à questão da particularidade da contradição é que, muitos camaradas, em especial os dogmáticos, ainda não a enxergam claramente. Não compreendem que, nas contradições, o universal existe no particular. Igualmente não compreendem como é importante, para dirigirmos o curso da nossa prática revolucionária, o estudo do particular nas contradições inerentes aos fenômenos concretos face

aos quais nos encontramos. Nós devemos, pois, estudar com atenção especial a particularidade da contradição, reservando espaço suficiente ao seu exame. Esta a razão porque, em nossa análise da lei da contradição inerente aos fenômenos, começaremos no exame do problema da universalidade da contradição, depois veremos mais especificamente sua particularidade, para voltar finalmente ao problema da universalidade.

A universalidade ou caráter absoluto da contradição tem um duplo significado: primeiro, que as contradições existem no processo de desenvolvimento de todos os fenômenos; segundo, que no processo de desenvolvimento de cada fenômeno, o movimento contraditório existe desde o princípio até ao fim.

Engels dizia: “o próprio movimento é uma contradição”.¹³ A definição, dada por Lenin, da lei da unidade dos contrários diz que esta “reconhece (descobre) tendências contraditórias, opostas e excluindo-se mutuamente, em todos os fenômenos e processos da natureza (incluídos o espírito e a sociedade)”.¹⁴ Acaso são justas estas afirmações? Sim, são justas. Em todos os fenômenos, a interdependência e a luta dos aspectos contrários que lhes são próprios determinam sua vida e animam seu desenvolvimento. Não há fenômeno que não contenha contradição. Sem contradições, o mundo não existiria.

A contradição é a base das formas simples do movimento (por exemplo, o movimento mecânico) e, por maior razão ainda, das formas complexas do movimento.

Engels explicou assim a universalidade da contradição: “se a simples mudança mecânica de lugar contém já em si

13. F. Engels: “Dialética. Quantidade e qualidade”, *Anti-Duhring*, parte I, seção 12.

14. V. I. Lenin: “Sobre a Questão da Dialética”.

mesma uma contradição, com maior razão ainda hão de contê-la formas superiores de movimento da matéria e, muito particularmente, a vida orgânica e o seu desenvolvimento. [...] a vida, antes de mais, consiste justamente no fato de um ser, em cada instante, ser o mesmo e, não obstante, também um outro. Assim, a vida é igualmente uma contradição que, existindo nas próprias coisas e nos processos, surge e resolve-se constantemente. E desde que a contradição cessa, a vida cessa, a morte intervém. Do mesmo modo, nós vimos que no domínio do pensamento não podemos igualmente escapar às contradições e que, por exemplo, a contradição entre a faculdade humana de conhecer, interiormente infinita, e sua existência real nos homens, que são todos limitados externamente e no pensamento, resolve-se na série de gerações humanas – série que, para nós, pelo menos praticamente, não tem fim – no movimento do progresso sem fim”. [...] “um dos fundamentos principais das matemáticas superiores é a contradição”. [...] “E as próprias matemáticas inferiores também já estão cheias de contradições”.¹⁵ Por sua vez, Lenin ilustrava a universalidade da contradição com os seguintes exemplos: “na matemática, mais e menos, diferencial e integral. Na mecânica, ação e reação. Na física, eletricidade positiva e negativa. Na química, combinação e dissociação dos átomos. Nas ciências sociais, as lutas de classes”.¹⁶

Na guerra, a ofensiva e a defensiva, o avanço e a retirada, a vitória e a derrota, são outros tantos pares de contrários em que um não pode existir sem o outro. Os dois aspectos estão simultaneamente em luta e em interdependência, o

15. F. Engels: “Dialética. Quantidade e qualidade”, *Anti-Duhring*, parte I, seção 12.

16. V. I. Lenin: “Sobre a Questão da Dialética”.

que constitui o todo que é a guerra, dá lugar ao desenvolvimento desta e resolve os respectivos problemas.

Deve se considerar toda diferença em nossos conceitos como reflexo de contradições objetivas. A reflexão das contradições objetivas no pensamento subjetivo forma o movimento contraditório dos conceitos, o qual estimula o desenvolvimento das ideias, resolve continuamente problemas que se colocam ao pensamento humano.

Oposição e luta entre concepções diferentes surgem constantemente no seio do Partido; é reflexo, no Partido, das contradições de classes e das contradições entre o novo e o velho existentes na sociedade. Se no Partido não houvesse contradições e lutas ideológicas para resolver as contradições, a vida do Partido morreria.

Em toda parte, em todo processo, há pois contradições, tanto nas formas simples do movimento, como nas formas complexas, tanto nos fenômenos objetivos quanto nos fenômenos do pensamento: este ponto está esclarecido. Mas será que a contradição existe igualmente na etapa inicial de cada processo? O processo de desenvolvimento de cada fenômeno, acaso apresentará este um movimento contraditório do começo até o fim?

Segundo os artigos nos quais os filósofos soviéticos a submetem a críticas, a escola de Deborin considera que a contradição não aparece logo no início do processo, mas apenas em certa etapa do seu desenvolvimento. Daí segue-se que, até este momento, o desenvolvimento do processo produz-se não sob ação de causas internas, mas sob a ação de causas externas. Deborin regressa assim às teorias da causa externa e mecanicista próprias à metafísica. Aplicando este modo de ver à análise dos problemas concretos, a escola de Deborin chega

à conclusão de que, nas condições da URSS, entre camponeses ricos e camponeses de forma geral somente existem diferenças e não contradições, e aprova inteiramente Bukharin. Analisando a Revolução Francesa, tal escola sustenta que, antes da revolução, no seio do Terceiro Estado, composto por operários, camponeses e burguesia, igualmente existiam somente diferenças e não contradições. Estes pontos de vista da escola de Deborin são antimarxistas. Esta escola não compreende que em toda a diferença já há uma contradição, e que a própria diferença é uma contradição. A contradição entre o trabalho e o capital existe desde o nascimento da burguesia e do proletariado, mas no começo não era uma contradição aguda. Entre os operários e os camponeses, mesmo nas condições sociais da URSS, existe uma diferença; esta diferença é uma contradição que, no entanto, diferentemente à contradição entre trabalho e capital, não pode acentuar-se até se converter em um antagonismo ou revestir a forma de uma luta de classes; os operários e os camponeses selaram uma sólida aliança durante a edificação do socialismo, e resolvem progressivamente a contradição no processo de desenvolvimento que vai do socialismo ao comunismo. Trata-se de diferentes espécies de contradições, mas não da presença ou ausência de contradições. A contradição é universal, absoluta; existe em todos os processos de desenvolvimento dos fenômenos, penetrando cada processo desde o começo até ao fim.

O que significa o surgimento de um novo processo? Significa que a antiga unidade e os contrários que a constituíam deram lugar a uma nova unidade, aos seus novos contrários, iniciando então o novo processo, que substituiu o antigo. O processo velho conclui-se, o novo surge. E, como o novo processo contém novas contradições, este começa sua própria história de desenvolvimento das contradições.

Lenin sublinha que Marx, em *O Capital*, ofereceu um modelo de análise do movimento contraditório que atravessa todo o processo de desenvolvimento de um fenômeno, do começo ao fim. Este é o método a ser seguido sempre que se estuda o processo de desenvolvimento de qualquer fenômeno. E o próprio Lenin também utilizou rigorosamente este método, o qual impregna todos os seus escritos. “Marx, em *O Capital*, analisa primeiramente a relação mais simples, mais habitual, mais fundamental, mais frequente e mais ordinária, o que se encontra milhares de vezes na sociedade burguesa (de mercado): a troca de mercadorias. Sua análise ressalta nesse fenômeno elementar (nessa ‘célula’ da sociedade burguesa) todas as contradições (ou embriões de todas as contradições) da sociedade moderna. A sequência da exposição nos demonstra o desenvolvimento (crescimento e movimento) destas contradições e dessa sociedade na \sum [soma] das suas diversas partes, desde o começo ao fim”.

E Lenin acrescenta: “tal deve ser também o método de exposição (de estudo) da dialética em geral”.¹⁷

Os comunistas chineses devem assimilar este método, pois somente assim poderão analisar corretamente a história e a situação atual da Revolução Chinesa, e deduzir-lhe as perspectivas.

III. A particularidade da contradição

As contradições existem no processo de desenvolvimento de todos os fenômenos, e penetram o processo de desenvolvimento de cada fenômeno, desde o começo até o fim.

17. V. I. Lenin: “Sobre a Questão da Dialética”.

Nisto está a universalidade ou caráter absoluto da contradição, de que falamos anteriormente. Tratemos agora da particularidade ou relatividade das contradições.

Convém estudar esta questão em vários planos.

Em primeiro lugar, as contradições de diferentes formas de movimento da matéria se revestem todas de caráter específico. O conhecimento da matéria pelo homem é o conhecimento das suas formas de movimento, uma vez que, no mundo, não há mais do que matéria em movimento, e o movimento da matéria reveste sempre formas determinadas. Ao nos debruçarmos sobre cada forma de movimento da matéria, nós devemos dirigir nossa atenção sobre aquilo que tem em comum com as demais formas de movimento. E o que é mais importante ainda, o que serve de base ao nosso conhecimento dos fenômenos, é notar aquilo que esta forma de movimento tem propriamente de específico, isto é, aquilo que a diferencia qualitativamente das demais formas de movimento. Só desta maneira se pode distinguir um fenômeno de outro fenômeno. Toda forma de movimento contém em si suas próprias contradições específicas, as quais constituem a essência específica que diferencia um fenômeno dos outros. É esta a causa interna, a base, da diversidade infinita dos fenômenos. Existe na natureza uma imensidade de formas de movimento: movimento mecânico, som, luz, calor, eletricidade, dissociação, combinação, etc. Todas essas formas de movimento da matéria estão em interdependência, mas distinguem-se umas das outras na essência. A essência específica de cada forma de movimento é determinada pelas suas próprias contradições específicas. É assim não apenas para a natureza, mas também para os fenômenos da sociedade e do pensamento. Cada forma social, cada forma de pensamento, contém suas contradições específicas e possui sua essência específica.

A delimitação das diferentes ciências está fundada justamente nas contradições específicas contidas no objeto de estudo de cada uma. Assim, as contradições próprias à esfera de um fenômeno dado constituem o objeto de estudo de um ramo determinado da ciência. Por exemplo, mais e menos em matemática; ação e reação em mecânica; eletricidade positiva e negativa em física; combinação e dissociação em química; forças produtivas e relações de produção, classes e lutas de classes nas ciências sociais; ataque e defesa na ciência militar; idealismo e materialismo, metafísica e dialética em Filosofia – tudo isto constitui objeto de estudo de diferentes ramos da ciência, em virtude precisamente da existência de contradições específicas e de uma essência específica em cada ramo. É claro que, sem um conhecimento do que há de universal nas contradições, é impossível descobrir as causas gerais ou as bases gerais do movimento, do desenvolvimento dos fenômenos. Mas se não se estuda o que há de particular nas contradições, é impossível determinar a essência específica que distingue um fenômeno dos demais, impossível descobrir as causas específicas ou bases específicas do movimento, do desenvolvimento dos fenômenos e, por consequência, impossível distinguir fenômenos e delimitar os domínios da investigação científica.

Se se considera a ordem seguida pelo movimento do conhecimento humano, vê que parte sempre do conhecimento do individual, do particular, para estender-se gradualmente até atingir o conhecimento do geral. Os homens começam sempre por conhecer primeiramente a essência específica de uma imensidade de fenômenos diferentes, antes de chegar a passar à generalização e conhecer a essência comum dos fenômenos. Uma vez atingido este conhecimento, isto serve-lhes de guia para avançar no estudo dos diferentes fenômenos

concretos que não tenham ainda sido estudados ou que o tenham sido insuficientemente, para encontrar sua essência específica; só assim podem completar, enriquecer e desenvolver seu conhecimento sobre a essência comum dos fenômenos e evitar que tal conhecimento seque ou se petrifique. Estas são as duas etapas do processo do conhecimento: a primeira vai do particular ao geral e a segunda, do geral ao particular. O desenvolvimento do conhecimento humano representa sempre um movimento em espiral e (se observado rigorosamente o método científico) cada ciclo pode elevar o conhecimento a um grau superior e incessantemente mais profundo. O erro dos nossos dogmáticos a esse respeito consiste no seguinte: por um lado, não compreendem que só depois de se ter estudado o que há de específico na contradição e se ter tomado conhecimento da essência específica dos fenômenos individualizados, se pode atingir o pleno conhecimento da universalidade da contradição e da essência comum destes; por outro lado, não compreendem que, depois de se ter tomado conhecimento da essência comum dos fenômenos, há que ir mais adiante e estudar os fenômenos concretos que não foram profundamente estudados ou que aparecem pela primeira vez. Os nossos dogmáticos são preguiçosos; recusam-se a qualquer esforço no estudo dos fenômenos concretos, consideram as verdades gerais como algo que cai do céu, fazem delas fórmulas puramente abstratas, inacessíveis ao entendimento humano, negam totalmente e invertem a ordem normal que os homens seguem para atingir o conhecimento da verdade. Tampouco compreendem a ligação recíproca entre as duas etapas do processo do conhecimento humano: do particular ao geral e do geral ao particular; não entendem coisa alguma sobre a teoria marxista do conhecimento.

É preciso estudar não só contradições específicas de cada um dos grandes sistemas de formas de movimento da matéria e a essência determinada por essas contradições, mas também as contradições específicas e a essência de cada uma dessas formas de movimento da matéria em cada etapa do longo caminho que segue o desenvolvimento destas. Toda forma de movimento, em cada processo de desenvolvimento que seja real e não imaginário, é qualitativamente diferente. No estudo, convém dispensar a isso uma atenção particular, até mesmo começar por aí.

Contradições qualitativamente distintas só podem ser resolvidas por métodos qualitativamente distintos. Por exemplo, a contradição entre o proletariado e a burguesia resolve-se pelo método da revolução socialista; a contradição entre as grandes massas populares e o sistema feudal resolve-se pelo método da revolução democrática; a contradição entre as colônias e o imperialismo resolve-se pelo método da guerra revolucionária nacional; a contradição entre a classe operária e a classe camponesa na sociedade socialista resolve-se pelo método da coletivização e mecanização da agricultura; as contradições no seio do Partido Comunista resolvem-se pelo método da crítica e autocrítica; a contradição entre a sociedade e a natureza resolve-se pelo método do desenvolvimento das forças produtivas. Os processos mudam, os antigos processos e as antigas contradições desaparecem, surgem novos processos e novas contradições, sendo, por consequência, igualmente diferentes os respectivos métodos de resolução. As contradições resolvidas pela Revolução de Fevereiro e as contradições resolvidas pela Revolução de Outubro na Rússia, assim como os métodos usados para resolvê-las, foram radicalmente diferentes. O princípio de usar méto-

dos distintos para resolver contradições distintas é um princípio que os marxista-leninistas devem observar rigorosamente. Os dogmáticos não observam tal princípio; não compreendem que as condições nas quais se desenvolvem distintas revoluções não são idênticas, como também não compreendem que contradições diferentes devem ser resolvidas por métodos diferentes. Invariavelmente, adotam aquilo que julgam ser uma fórmula imutável e a aplicam mecanicamente em todos os casos, o que não pode senão causar reveses à revolução ou comprometer o que poderia ser um êxito.

Para ressaltar a particularidade das contradições consideradas no seu conjunto ou na sua ligação mútua ao longo do processo de desenvolvimento de determinado fenômeno, ou seja, para destacar a essência do processo, é necessário ressaltar o carácter específico dos dois aspectos de cada uma das contradições desse processo; de outro modo é impossível sobressaltar a essência do processo. Isso também exige maior atenção no nosso estudo.

No processo de desenvolvimento de um fenômeno importante, há toda uma série de contradições. Por exemplo, no processo da revolução democrático-burguesa na China, existe nomeadamente uma contradição entre as classes oprimidas da sociedade chinesa e o imperialismo; uma contradição entre as massas populares e o regime feudal; uma contradição entre o proletariado e a burguesia; uma contradição entre os camponeses e a pequena burguesia urbana por um lado, e a burguesia por outro lado; contradições entre diversas camarilhas reacionárias dominantes. A situação é, pois, extremamente complexa. Todas essas contradições não podem ser tratadas da mesma maneira, já que cada uma tem seu carácter específico; e, por sua vez, os dois aspectos de cada contradição apresentam particularidades próprias, não sendo possível

encará-los de um mesmo modo. Nós, que trabalhamos pela causa da Revolução Chinesa, devemos não somente compreender o caráter específico de cada uma dessas contradições, considerada no seu conjunto, isto é, na sua ligação mútua, mas também estudar os dois aspectos de cada contradição, o único meio para chegarmos a compreender seu conjunto. Compreender cada aspecto de uma contradição é compreender a posição particular que cada um deles ocupa, as formas concretas em que estabelece relações de interdependência e relações de contradição com o seu contrário, os métodos concretos utilizados na sua luta com o outro quando os dois se encontram ao mesmo tempo em interdependência e em contradição, bem como após a ruptura da sua interdependência. O estudo dessas questões é de extrema importância. É o que Lenin tinha em vista quando dizia que a substância, a alma viva do marxismo, era a análise concreta de uma situação concreta.¹⁸ Contrariamente aos ensinamentos de Lenin, nossos dogmáticos nunca usam a cabeça para analisar os fenômenos de maneira concreta; seus artigos e discursos não fazem mais do que repisar de maneira vã, vazia, esquemas estereotipados, fazendo nascer no Partido um estilo de trabalho dos mais nefastos.

No estudo de uma questão é preciso evitar ser subjetivo, fazer exames unilaterais, ser superficial. Ser subjetivo é não saber encarar uma questão objetivamente, isto é, de um ponto de vista materialista. Eu já falei disso em *Sobre a Prática*. O exame unilateral consiste em não saber encarar as questões sob todos os seus aspectos. É o que acontece, por exemplo, quando se considera apenas a China e não o Japão,

18. Ver V. I. Lenin: "O Comunismo" (12 de junho de 1920). Ao criticar o comunista húngaro Bela Kun, Lenin dizia: "Ele descurava aquilo que é o mais essencial, a alma viva do marxismo, análise concreta de uma situação concreta".

apenas o Partido Comunista e não o Kuomintang, apenas o proletariado e não a burguesia, apenas os camponeses e não os senhores de terras, apenas as situações favoráveis e não as situações difíceis, apenas o passado e não o futuro, apenas a parte e não o conjunto, apenas as falhas e não os êxitos, apenas o que acusa e não o que se defende, apenas o trabalho revolucionário na clandestinidade e não o trabalho revolucionário legal, etc., em uma palavra, sempre que não se veem os traços característicos dos dois aspectos de uma contradição. É a isto que se chama encarar as questões de maneira unilateral, ou pode ainda dizer-se que é ver a parte e não o todo, ver a árvore e não a floresta. Ao proceder assim, é impossível encontrar o método para resolver as contradições, cumprir as tarefas da revolução, levar a bom termo o trabalho que se faz e desenvolver corretamente a luta ideológica no seio do Partido. Quando Suen Tse, ao tratar da arte militar, dizia: “conhece o teu adversário e conhece-te a ti próprio que poderás, sem riscos, travar um cento de batalhas”¹⁹, ele referia-se às duas partes beligerantes. Na dinastia Tam, Vei Tchem²⁰ também via o erro de um exame unilateral, quando dizia: “quem escutar as duas partes ficará com o espírito esclarecido, quem não escutar mais do que uma permanecerá nas trevas”.

Não obstante, nossos camaradas veem frequentemente os problemas de uma maneira unilateral, razão pela qual lhes acontece bater muitas vezes com a cabeça na parede. Na novela *Chuei Hu Tchuan*, conta-se que Som Quiam

19. Ver “Plano de Ataque”, *Suen Tse*, capítulo III.

20. Vei Tchem (580-643), homem político e historiador dos começos da dinastia Tam. O trecho foi extraído do *Tse Tchi Tom Quien*, Tomo 192.

atacou por três vezes Tchuquiatchuam²¹, fracassando duas vezes por não ter considerado as condições locais, e ainda por ter aplicado um método de ação incorreto. Posteriormente, Som Quiam mudou de método e procurou informar-se sobre a situação. Desde então, passou a conhecer todos os segredos do labirinto, quebrou a aliança das três aldeias, Li-quiatchuam, Huquiatchuam e Tchuquiatchuam, enviou alguns homens para que se escondessem no campo inimigo e preparassem uma emboscada, no esquema de um estratagema semelhante ao do cavalo de Tróia de que fala uma lenda estrangeira, sendo seu terceiro ataque coroado de sucesso. *Chuei Hu Tchuan* contém muitos exemplos de aplicação da dialética materialista, dos quais um dos melhores é precisamente o episódio dos três ataques a Tchuquiatchuam. Lenin dizia: “para conhecer realmente um objeto, é necessário abarcar e estudar todos os seus aspectos, todas as suas ligações e ‘mediações’. Nós nunca o conseguiremos de maneira integral, mas a necessidade de considerar todos os aspectos evita-nos erros e rigidez”.²²

Devemos lembrar-nos das suas palavras. Ser superficial é não levar em conta as características da contradição no seu conjunto, nem as características de cada um dos seus aspectos, negar a necessidade de ir ao fundo dos fenômenos e estudar minuciosamente as características das respectivas contradições, contentar-se com ver de longe e, após uma observação aproximativa de alguns traços superficiais dessas

21. *Chuei Hu Tchuan (A Borda d'Água)*, romance que descreve uma guerra camponesa dos últimos anos da dinastia dos Som do Norte. Som Quiam é o personagem principal desse romance. A aldeia de Tchuquiatchuam não se estava longe de Lianxampo, base dessa guerra camponesa. O governador dessa aldeia era um déspota, grande senhor de terras, chamado Tchu Tchao-fum.

22. V. I. Lenin: “Uma Vez mais sobre os Sindicatos, a Situação Atual e os Erros de Trotsky e Bukharin”.

contradições, tentar imediatamente resolvê-las (responder a uma pergunta, decidir sobre uma divergência, solucionar um problema, dirigir uma operação militar). Essa maneira de agir leva sempre a consequências funestas. A razão dos nossos camaradas caírem no erro do dogmatismo e empirismo é o fato de encararem os fenômenos de uma maneira subjetiva, unilateral e superficial. Encarar os fenômenos de modo unilateral e superficial é ainda subjetivismo, pois, em seu ser objetivo, os fenômenos estão de fato ligados uns aos outros e possuem leis internas; no entanto, há pessoas que, ao invés de refletirem os fenômenos tal como são, consideram-nos de modo unilateral ou superficial, desconhecendo-lhes a ligação mútua e as leis internas. Um tal método é, pois, subjetivo.

Devemos ter em vista não somente as particularidades do movimento dos aspectos contraditórios considerados em sua ligação mútua e nas condições de cada um deles no decorrer do processo geral de desenvolvimento de um fenômeno, mas também as particularidades próprias a cada etapa do processo de desenvolvimento.

Nem a contradição fundamental, no processo de desenvolvimento de um fenômeno, nem a essência deste processo, determinada por essa contradição, desaparecem antes da conclusão do processo. Entretanto, as condições diferem geralmente umas das outras, em cada etapa do longo processo de desenvolvimento de um fenômeno. Eis a razão: ainda que a natureza da contradição fundamental no processo de desenvolvimento de um fenômeno, assim como a essência do processo, permaneça sem modificação, a contradição fundamental agudiza-se progressivamente em cada etapa desse longo processo. Por outro lado, entre tantas contradições, grandes e pequenas, que são determinadas pela contradição fundamental ou se encontram sob sua influência, algumas

agudizam-se, outras são resolvidas ou atenuadas temporária ou parcialmente, enquanto que outras vão nascendo. Eis a razão por que há diferentes etapas no processo. Não é possível resolver corretamente as contradições inerentes a um fenômeno se não se presta atenção às etapas do processo do seu desenvolvimento.

Por exemplo, quando o capitalismo da época da livre concorrência se transformou em imperialismo, nem a natureza de classe das duas classes radicalmente contrárias – o proletariado e a burguesia –, nem a essência capitalista dessa sociedade sofreram qualquer mudança; contudo, a contradição entre essas duas classes agudizou-se, a contradição entre o capital monopolista e o capital liberal surgiu, a contradição entre as potências colonialistas e as colônias tornou-se mais aguda, a contradição entre os países capitalistas, contradição provocada pelo desenvolvimento desigual desses países, manifestou-se com uma acuidade particular; desde então começou uma etapa particular do capitalismo – o imperialismo. O Leninismo é o Marxismo da época do imperialismo e da revolução proletária, precisamente porque Lenin e Stalin deram uma explicação justa sobre essas contradições e formularam corretamente a teoria e a tática da revolução proletária chamadas a resolvê-las.

Ao se considerar o processo da revolução democrático-burguesa na China, que começou com a Revolução de 1911, igualmente se distinguem aí várias etapas específicas. Em particular, o período da revolução em que a direção era burguesa e o período em que a direção foi assumida pelo proletariado representam duas etapas históricas cuja diferença é considerável. Em outras palavras, a direção exercida pelo proletariado mudou radicalmente a fisionomia da revolução,

conduziu a um reajuste das relações entre as classes, implicou um grande desenvolvimento da revolução camponesa, imprimiu à revolução dirigida contra o imperialismo e o feudalismo um carácter radical, criou a possibilidade de passagem da revolução democrática à revolução socialista, etc. Tudo isto era impossível na época em que a direção da revolução era burguesa. Ainda que a natureza da contradição fundamental do processo tomado no seu conjunto, quer dizer, o carácter de revolução democrática anti-imperialista e antifeudal do processo (o outro aspecto da contradição era o carácter semifeudal e semicolonial do país) não tivesse sofrido qualquer mudança no decurso desse longo período, produziram-se acontecimentos tão importantes como a derrota da Revolução de 1911 e o estabelecimento da dominação dos caudilhos militares do Norte, a criação da primeira Frente Única Nacional e a Revolução de 1924-1927, a ruptura da Frente Única e a passagem da burguesia para o campo da contrarrevolução, as guerras entre os novos caudilhos militares, a Guerra Revolucionária Agrária, a criação da segunda Frente Única Nacional e a Guerra de Resistência contra o Japão – outras tantas etapas de desenvolvimento no espaço de vinte e poucos anos. Essas etapas são caracterizadas nomeadamente pelo fato de que certas contradições ter se agudizado (por exemplo, a Guerra Revolucionária Agrária e a invasão das quatro províncias do Nordeste pelo Japão), pelo fato de outras ter sido parcial ou provisoriamente resolvido (por exemplo, a liquidação dos caudilhos militares do Norte, o confisco, a que procedemos, das terras dos senhores de terras) e ainda pelo fato de outras ter surgido de novo (por exemplo, a luta entre os novos caudilhos militares, a recuperação das terras pelos senhores de terras após a perda das nossas bases de apoio revolucionárias, no Sul), etc.

Quando se estuda a particularidade das contradições em cada etapa do processo de desenvolvimento de um fenómeno, é preciso não somente considerar essas contradições na sua ligação mútua ou no seu conjunto, mas também encarar os dois aspectos de cada contradição.

Por exemplo, o Kuomintang e o Partido Comunista. Tomemos um dos aspectos dessa contradição: o Kuomintang. Como, no período da primeira Frente Única, seguiu as três grandes políticas de Sun Yat-sen (aliança com a Rússia, aliança com o Partido Comunista e ajuda aos operários e camponeses), o Kuomintang conservou seu carácter revolucionário e o seu vigor, representando a aliança das diferentes classes na revolução democrática. Após 1927, porém, transformou-se no seu contrário, tornando-se um bloco reaccionário dos senhores de terras e da grande burguesia. Depois do Incidente de Xi'an, em dezembro de 1936, uma nova mudança começou a produzir-se no seu seio, orientada no sentido da cessação da guerra civil e aliança com o Partido Comunista, para uma luta comum contra o imperialismo japonês. Tais são as particularidades do Kuomintang nessas três etapas. Evidentemente, estas resultaram de causas múltiplas. Vejamos agora o outro aspecto: o Partido Comunista da China. No período da primeira Frente Única, o Partido estava ainda na infância. Dirigiu corajosamente a Revolução de 1924-1927, mas demonstrou sua falta de maturidade no modo como compreendeu o carácter, as tarefas e os métodos da revolução, razão pela qual o tchentusiismo, surgido no último período dessa revolução, teve a possibilidade de exercer a sua ação e conduzir a revolução à derrota. A partir de 1927, o Partido Comunista passou a dirigir corajosamente a Guerra Revolucionária Agrária, criou um exército revolucionário e bases de apoio revolucionárias, mas cometeu erros de carácter aventureiro, em

consequência do que o exército e as bases sofreram pesadas perdas. Depois de 1935, o Partido corrigiu esses erros e dirigiu a nova Frente Única de resistência ao Japão, uma grande luta que está em vias de desenvolvimento. Na etapa atual, o Partido Comunista é um partido que já sofreu a prova de duas revoluções e possui uma rica experiência. Tais são as particularidades do Partido Comunista da China nas três etapas. Igualmente, isto deveu-se a causas múltiplas. Ao não estudar tais particularidades, fica-se impossibilitado de compreender as relações específicas entre o Kuomintang e o Partido Comunista nas diversas etapas do seu desenvolvimento: criação de uma Frente Única, ruptura desta frente, criação de uma nova Frente Única. Para estudar as diversas particularidades dos dois partidos, porém, torna-se indispensável estudar a base de classe desses mesmos partidos e as contradições que daí resultam, nos diferentes períodos, entre cada um deles e as demais forças. Por exemplo, no período da primeira aliança com o Partido Comunista, o Kuomintang encontrava-se em contradição com os imperialistas estrangeiros, o que o levava a opor-se ao imperialismo; por outro lado, encontrava-se em contradição com as massas populares no interior do país – muito embora fizesse de boca toda a espécie de promessas miríficas aos trabalhadores, na prática dava-lhes muito pouco, ou mesmo nada lhes dava. Durante a sua guerra anticomunista, o Kuomintang colaborou com o imperialismo e o feudalismo para se opor às massas populares, e suprimiu de uma só penada todas as vantagens que estas haviam conquistado na revolução, tornando assim mais agudas suas contradições com tais massas. No período atual de resistência ao Japão, em virtude das contradições com o imperialismo japonês, este tem necessidade de aliar-se ao Partido Comunista sem, contudo, pôr um freio à luta contra este e contra o povo,

nem à opressão que exerce sobre ambos. Quanto ao Partido Comunista, este esteve sempre, em qualquer dos períodos, ao lado das massas populares, para lutar contra o imperialismo e o feudalismo; todavia, no atual período de resistência ao Japão, adotou uma política moderada com relação ao Kuomintang e às forças feudais do país, na medida em que o Kuomintang pronunciou-se pela resistência. Essas circunstâncias deram lugar tanto a uma aliança como a uma luta entre os dois partidos, estando, aliás, mesmo em período de aliança, em uma situação complexa de aliança e luta simultâneas. Se não estudarmos as particularidades desses aspectos contrários, não poderemos compreender nem as relações respectivas dos dois partidos com as demais forças, nem as relações entre os dois partidos.

Daí se segue que quando estudamos o caráter específico de uma contradição, seja qual for – a contradição própria a cada forma de movimento da matéria, a contradição própria a cada forma de movimento em cada um dos seus processos de desenvolvimento, os dois aspectos da contradição em cada processo de desenvolvimento, a contradição em cada etapa de um processo de desenvolvimento, e os dois aspectos da contradição em cada uma dessas etapas – em uma palavra, sempre que estudamos o caráter específico de todas essas contradições, nunca devemos mostrar-nos subjetivos, arbitrários, mas sim fazer uma análise concreta sobre tudo isto. Sem análise concreta, torna-se impossível conhecer o caráter específico de seja que contradição for. Devemos lembrar-nos sempre das palavras de Lenin: análise concreta numa situação concreta.

Marx e Engels foram os primeiros a dar-nos magníficos exemplos desse gênero de análise concreta.

Quando Marx e Engels aplicaram a lei da contradição inerente aos fenômenos ao estudo do processo da história da sociedade, descobriram a contradição existente entre as forças produtivas e as relações de produção, a contradição entre a classe dos exploradores e a classe dos explorados, assim como a contradição, daí resultante, entre a base econômica e a superestrutura (política, ideologia, etc.); e descobriram como tais contradições engendraram, inevitavelmente, diferentes espécies de revoluções sociais nas diferentes espécies de sociedades de classes.

Quando Marx aplicou essa lei ao estudo da estrutura econômica da sociedade capitalista, descobriu que a contradição fundamental dessa sociedade era a contradição entre o caráter social da produção e o caráter privado da propriedade. Tal contradição manifesta-se pela contradição entre o caráter organizado da produção nas empresas isoladas e o caráter não organizado da produção à escala da sociedade inteira. E, nas relações de classes, manifesta-se na contradição entre a burguesia e o proletariado.

Como os fenômenos são de uma diversidade prodigiosa, e como não existe qualquer limite ao seu desenvolvimento, o que é universal em determinado contexto pode passar a particular em outro contexto; e, inversamente, o que é particular em um contexto pode passar a ser universal em outro contexto. A contradição, no regime capitalista, entre o caráter social da produção e a propriedade privada dos meios de produção, é comum a todos os países onde existe e se desenvolve o capitalismo. Para o capitalismo, isso constitui a universalidade da contradição. Todavia, essa contradição do capitalismo pertence a uma etapa histórica determinada do desenvolvimento da sociedade de classes em geral e, do pon-

to de vista da contradição entre as forças produtivas e as relações de produção na sociedade de classes em geral, isso constitui o caráter específico da contradição. Ao dissecar o caráter específico de todas as contradições da sociedade capitalista, Marx elucidou de uma maneira ainda mais aprofundada, mais ampla, mais completa, a universalidade da contradição entre as forças produtivas e as relações de produção na sociedade de classes em geral.

A unidade do particular e do universal, a presença, em cada fenômeno, tanto daquilo que a contradição tem de universal, como daquilo que tem de particular, o universal existindo no particular, obriga-nos, ao estudarmos um fenômeno determinado, a descobrir o particular e o universal assim como a sua ligação mútua, a descobrir o particular e o universal no próprio interior do fenômeno, assim como sua ligação mútua, a descobrir a ligação que mantém com muitos outros fenômenos exteriores a ele. Ao explicar as raízes históricas do Leninismo, Stalin, na sua célebre obra *Fundamentos do Leninismo*, analisa a situação internacional que deu origem ao Leninismo, analisa as contradições do capitalismo que atingiram um ponto extremo nas condições do imperialismo, demonstra como essas contradições fizeram da revolução proletária uma questão de prática imediata e criaram as condições favoráveis a um assalto direto contra o capitalismo. Além disso, analisa as razões pelas quais a Rússia tornou-se o berço do Leninismo, explica como a Rússia czarista constituía então o ponto crucial de todas as contradições do imperialismo, e a razão por que foi justamente o proletariado russo aquele que pôde transformar-se na vanguarda do proletariado revolucionário internacional. Assim, Stalin analisou a universalidade da contradição própria ao imperialismo, mos-

trando que o Leninismo era o Marxismo da época do imperialismo e da revolução proletária, mas também analisou o caráter específico do imperialismo da Rússia czarista nessa contradição geral, mostrando como a Rússia se transformara na pátria da teoria e da tática da revolução proletária e como esse caráter específico continha em si a universalidade da contradição. A análise de Stalin constitui para nós um modelo de conhecimento da particularidade e da universalidade da contradição, bem como da sua ligação mútua.

Tratando da questão do emprego da dialética no estudo dos fenômenos objetivos, Marx e Engels, e igualmente Lenin e Stalin, indicaram sempre que era necessário evitar todo o subjetivismo, de todo o arbitrário, que era preciso partir das condições concretas do movimento real objetivo para descobrir nesses fenômenos as contradições concretas, a situação concreta de cada aspecto da contradição e a relação mútua concreta das contradições. Como não observam essa atitude no estudo, nossos dogmáticos nunca têm uma ideia justa a respeito dos fenômenos. Nós devemos extrair uma lição dos seus fracassos e adotar essa atitude, a única atitude correta no estudo.

A relação entre a universalidade e a particularidade da contradição é a relação entre o geral e o particular. O geral reside no fato das contradições existirem em todos os processos e penetrarem todos os processos, desde o princípio até ao final; movimento, coisa, processo, pensamento – tudo é contradição. Negar a contradição nos fenômenos é negar tudo. Eis aí uma verdade universal, válida para todos os tempos e para todos os países, sem exceção. É por isso que a contradição é geral, absoluta. Todavia, esse geral não existe a não ser no particular; sem particular não há geral. Ao excluir todo o particular, o que poderá então restar do geral? É o fato de

cada contradição ter seu caráter específico próprio que dá origem ao particular. A existência de todo o particular é condicionada, passageira, portanto relativa.

Essa verdade que diz respeito ao geral e ao particular, ao absoluto e ao relativo, é a quintessência da questão das contradições inerentes aos fenômenos. Não compreender essa verdade é fugir da dialética.

IV. A contradição principal e o aspecto principal da contradição

Na questão do caráter específico da contradição, restam dois elementos que requer análise particular, a saber: a contradição principal e o aspecto principal da contradição.

No processo, complexo, de desenvolvimento de um fenômeno existe toda uma série de contradições; uma é necessariamente a contradição principal, cuja existência e desenvolvimento determinam a existência e o desenvolvimento das demais contradições ou agem sobre estas.

Por exemplo, na sociedade capitalista, as duas forças em contradição, o proletariado e a burguesia, formam a contradição principal; as outras contradições, por exemplo, a contradição entre os restos da classe feudal e a burguesia, a contradição entre a pequena burguesia camponesa e a burguesia, a contradição entre o proletariado e a pequena burguesia camponesa, a contradição entre a burguesia liberal e a burguesia monopolista, a contradição entre a democracia e o fascismo no seio da burguesia, as contradições entre os países capitalistas e as contradições entre o imperialismo e as colônias, todas são determinadas pela contradição principal ou sujeitas à influência desta.

Em um país semicolonial como a China, a relação entre a contradição principal e as contradições secundárias formam um quadro bastante complexo. Quando o imperialismo lança uma guerra de agressão contra um tal país, as diversas classes desse país, excetuado o pequeno número de traidores à nação, podem unir-se temporariamente em uma guerra nacional contra o imperialismo. A contradição entre o imperialismo e o país considerado passa então a ser a contradição principal e todas as contradições entre as diversas classes no interior do país (inclusa a que era a contradição principal, a contradição entre o regime feudal e as massas populares) passam temporariamente para um plano secundário, para uma posição subordinada. Foi esse o caso da China na Guerra do Ópio de 1840, na Guerra Sino-Japonesa de 1894, na Guerra de Ihotuan de 1900 e na atual Guerra Sino-Japonesa.

Em outras circunstâncias, contudo, as contradições mudam de posição. Quando o imperialismo não recorre à guerra como meio de opressão, mas utiliza formas de opressão mais moderadas, políticas, económicas e culturais, a classe dominante do país semicolonial capitula diante do imperialismo; então, forma-se entre estes uma aliança para oprimir em conjunto as massas populares. Nesse momento, as massas populares recorrem frequentemente à guerra civil para lutar contra a aliança dos imperialistas e da classe feudal. Quanto ao imperialismo, em vez de recorrer à ação direta, usa geralmente meios indiretos, para ajudar os reacionários do país semicolonial a oprimir o povo, com agudização especial das contradições internas. Foi o que aconteceu na China durante a Guerra Revolucionária de 1911 e durante a Guerra Revolucionária de 1924-1927, durante a Guerra Revolucionária Agrária começada em 1927 e prosseguida ao longo de dez

anos. As guerras intestinas entre diferentes grupos reacionários no poder dos países semicoloniais, como as que os caudilhos militares fizeram na China, pertencem a esta mesma categoria.

Quando, em um país, a guerra revolucionária ganha uma envergadura que ameaça a própria existência do imperialismo e seus lacaios, os reacionários do interior, o imperialismo recorre frequentemente a outros meios para manter sua dominação: fomento de divisões no seio da frente revolucionária ou envio direto de tropas em socorro da reação interior. Nesse momento, o imperialismo estrangeiro e a reação interior colocam-se completa e abertamente em um polo e as massas populares no outro polo, o que constitui a contradição principal que determina o desenvolvimento das outras contradições ou age sobre esse desenvolvimento. A ajuda prestada pelos diferentes países capitalistas aos reacionários russos, após a Revolução de Outubro, é um exemplo de tal intervenção armada. A traição de Chiang Kai-shek em 1927 é um exemplo de divisão da frente revolucionária.

Seja em qual caso for, não cabe qualquer dúvida que, em cada uma das etapas do desenvolvimento do processo, somente existe uma contradição principal, que desempenha o papel diretor.

Assim pois, se um processo comporta várias contradições, existe necessariamente uma delas que é a principal e desempenha o papel diretor, determinante, enquanto que as outras ocupam apenas uma posição secundária, subordinada. Por consequência, no estudo de um processo complexo, em que há duas ou mais contradições, devemos fazer o máximo por determinar a contradição principal. Uma vez dominada a contradição principal, todos os problemas se resolvem facil-

mente. Tal é o método que ensina Marx no seu estudo da sociedade capitalista. Esse é o método que igualmente nos ensinam Lenin e Stalin nos seus estudos sobre o imperialismo e a crise geral do capitalismo, bem como no seu estudo da economia da URSS. Milhares de sábios e homens de ação não chegam a compreender esse método; o resultado é que, perdidos nas brumas, são incapazes de ir ao cerne dos problemas e, por consequência, não podem encontrar o método para resolver as contradições.

Nós já afirmamos mais atrás que não se devem tratar as contradições de um processo como se fossem todas iguais, sendo necessário distinguir a contradição principal das contradições secundárias, e mostrar-se particularmente atento na descoberta da contradição principal. Nas diferentes contradições, porém, trate-se da contradição principal ou das contradições secundárias, acaso se poderá abordar os dois aspectos contrários considerando-os como iguais? Não, também não. Em qualquer contradição os aspectos contrários desenvolvem-se de maneira desigual. Acontece que, por vezes, estabelece-se um equilíbrio entre eles, mas isto não é mais do que um estágio passageiro e relativo; a situação fundamental é o desenvolvimento desigual. Dos dois aspectos contrários, um é necessariamente principal e o outro, secundário. O principal é aquele que desempenha o papel dominante na contradição. O caráter dos fenômenos é sobretudo determinado por esse aspecto principal da contradição, o qual ocupa a posição dominante.

Essa situação, porém, não é estática. O aspecto principal e o aspecto secundário da contradição convertem-se um no outro, mudando conseqüentemente o caráter dos fenômenos. Se, em um processo determinado ou uma etapa determinada do desenvolvimento da contradição, o aspecto principal

é A e o aspecto secundário é B, em uma outra etapa ou em um outro processo do desenvolvimento, os papéis invertem-se. Essa mudança é função do grau de acréscimo ou decréscimo atingido pela força de cada aspecto na sua luta contra o outro, ao longo do desenvolvimento do fenômeno.

Frequentemente falamos da “substituição do velho pelo novo”. Tal é a lei geral e imprescritível do Universo. A transformação de um fenômeno em outro, por saltos, cujas formas variam segundo o caráter do próprio fenômeno e segundo as condições em que se encontra, eis o processo de substituição do velho pelo novo. Seja em que fenômeno for, há sempre contradição entre o velho e o novo, o que determina uma série de lutas de curso sinuoso. De tais lutas resulta que o novo cresce e eleva-se à posição dominante, enquanto que o velho, pelo contrário, decresce e acaba por morrer. Assim que o novo conquista uma posição dominante sobre o velho, o fenômeno velho transforma-se qualitativamente em um novo fenômeno. Daí resulta que a qualidade de um fenômeno é, sobretudo, determinada pelo aspecto principal da contradição, o qual ocupa a posição dominante. Logo que o aspecto principal da contradição, o aspecto cuja posição é dominante, muda, a qualidade do fenômeno sofre uma mudança correspondente.

O capitalismo, que ocupava na antiga sociedade feudal uma posição subordinada, tornou-se força dominante dentro da sociedade capitalista; o caráter da sociedade sofreu uma transformação correspondente, isto é, de feudal passou a capitalista. Quanto à feudalidade, de força dominante que era no passado, passou, na época da nova sociedade capitalista, a uma força subordinada que morre progressivamente. Foi o que aconteceu, por exemplo, na Inglaterra e na França. Com o desenvolvimento das forças produtivas, a própria burguesia,

de classe nova que desempenhava um papel progressista, passou a ser classe velha, passando a desempenhar um papel reacionário e, finalmente, foi derrubada pelo proletariado, convertendo-se em uma classe destituída do direito à propriedade privada dos meios de produção, desprovida de poder e que desaparecerá com o passar do tempo. O proletariado, que é muito superior em número à burguesia, que cresceu ao mesmo tempo que esta, mas que encontra sob sua dominação, constitui uma força nova; ocupando, no período inicial, uma posição dependente em relação à burguesia, reforça-se progressivamente, transforma-se em uma classe independente, desempenhando o papel dirigente na História, e há de acabar por dominar o poder e transformar-se em classe dominante. Daí resulta que o caráter da sociedade há de mudar – a velha sociedade capitalista se transformará em uma nova sociedade, socialista. Tal é o caminho já percorrido pela União Soviética e que, inevitavelmente, há de ser percorrido por todos os países.

Veamos a situação da China. Na contradição em que a China se encontrou reduzida ao estado de semicolônia, o imperialismo ocupa a posição principal e oprime o povo chinês, enquanto a China, de país independente, transformou-se em uma semicolônia. A situação, porém, há de modificar-se fatalmente. Na luta entre as duas partes, a força do povo chinês, força que cresce sob a direção do proletariado, há de transformar inevitavelmente a China de país semicolonial em país independente, enquanto que o imperialismo será derrubado, e a velha China transformada inevitavelmente em uma nova China.

A transformação da velha China em uma China nova implica igualmente uma transformação nas relações entre as forças velhas, feudais, e as forças novas, populares. A velha

classe feudal dos senhores de terras será derrubada; de classe dominante passará a classe dominada, e morrerá progressivamente. Quanto ao povo, agora dominado, subirá, sob direção do proletariado, a uma posição dominante. Desse fato o caráter da sociedade chinesa modificará, a velha sociedade semicolonial e semifeudal se tornará uma sociedade nova, democrática.

Semelhantes transformações já se verificaram no passado. A dinastia dos Tsim, que reinou durante cerca de trezentos anos na China, foi derrubada pela Revolução de 1911, e o *Quemintonmenghuei*, dirigido por Sun Yat-sen, alcançou em dado momento a vitória. Na Guerra Revolucionária de 1924-1927, as forças revolucionárias do Sul, nascidas da aliança entre o Partido Comunista e o Kuomintang, de fracas passaram a fortes e conquistaram a vitória na Expedição do Norte, enquanto que os caudilhos militares do Norte, que tinham sido por um tempo os senhores do país, foram derrubados. Em 1927, as forças populares dirigidas pelo Partido Comunista diminuíram muito sob os golpes da reação do Kuomintang, mas, depois que expurgaram das suas fileiras o oportunismo, mais uma vez cresceram progressivamente. Nas bases de apoio revolucionárias dirigidas pelo Partido Comunista, os camponeses dominados tornaram-se nos dominadores, enquanto que os senhores de terras sofreram uma transformação inversa. Assim aconteceu sempre no mundo: o novo bate o velho, o novo substitui-se ao velho, o velho morre para dar lugar ao novo, o novo emerge do velho.

Em certos momentos da luta revolucionária, as dificuldades superam as condições favoráveis, nesse caso as dificuldades constituem o aspecto principal da contradição, e as condições favoráveis, o aspecto secundário. Contudo, os re-

volucionários podem, mediante seus próprios esforços, vencer progressivamente as dificuldades e criar uma nova situação, que seja favorável. Assim, a situação difícil cede lugar a uma situação favorável. Foi o que se passou na China após a derrota da revolução em 1927, e durante a Grande Marcha do Exército Vermelho. Na atual Guerra Sino-japonesa, a China encontra-se novamente em uma situação difícil, mas nós podemos mudá-la e transformar radicalmente a situação da China e do Japão. De modo inverso, as condições favoráveis podem transformar-se em dificuldades se os revolucionários cometem erros. A vitória conquistada na Revolução de 1924-1927 transformou-se em uma derrota. As bases de apoio revolucionárias, criadas a partir de 1927 nas províncias meridionais, sofreram todas uma derrota, em 1934.

O mesmo acontece no estudo, no que diz respeito à contradição entre a ignorância e o conhecimento. No início do nosso estudo do marxismo, existe uma contradição entre a nossa ignorância, ou nosso conhecimento limitado do marxismo, e o conhecimento do marxismo. Todavia, se nos aplicamos, chegamos a transformar essa ignorância em conhecimento, o conhecimento limitado em conhecimento profundo, a aplicação às cegas do marxismo em uma aplicação sábia.

Alguns pensam que não ocorre assim com relação a certas contradições. Para estes, na contradição entre as forças produtivas e as relações de produção, por exemplo, o aspecto principal é constituído pelas forças produtivas; na contradição entre a teoria e a prática o aspecto principal é constituído pela prática; na contradição entre a base econômica e a superestrutura o aspecto principal é constituído pela base econômica; e as posições respectivas desses aspectos não se convertem umas nas outras. Essa concepção é a do materialismo mecanicista e não a do materialismo dialético. É correto que

as forças produtivas, a prática e a base econômica desempenham em geral o papel principal, decisivo, de tal maneira que quem quer que o negue não é materialista; contudo, há que se reconhecer que, em circunstâncias determinadas, as relações de produção, a teoria e a superestrutura podem desempenhar, por sua vez, o papel principal, decisivo. Sempre que, por falta de uma modificação nas relações de produção, as forças produtivas não podem continuar a desenvolver-se, a modificação dessas relações de produção desempenha o papel principal, decisivo. Quando se está no caso de que falava Lenin: “sem teoria revolucionária não há ação revolucionária”²³, a criação e a propagação da teoria revolucionária desempenham o papel principal, decisivo. Quando se tem que cumprir uma tarefa (seja qual for), e não foi fixada ainda uma orientação, um método, um plano ou uma política, o que há de principal, de decisivo, é definir uma orientação, um método, um plano ou uma política. Quando a superestrutura (política, cultura, etc.) entrava o desenvolvimento da base econômica, as transformações políticas e culturais convertem-se no principal, no decisivo. Acaso iremos nós contra o materialismo quando falamos assim? Não, pois ao mesmo tempo que reconhecemos que no curso geral do desenvolvimento histórico o material determina o espiritual, o ser social determina a consciência social, reconhecemos e devemos reconhecer a reação do espiritual sobre, o material, da consciência social sobre o ser social, da superestrutura sobre a base econômica. Procedendo assim, não contradizemos o materialismo, pelo contrário, evitando cair no materialismo mecanicista, nós atemo-nos ao materialismo dialético.

23. Ver V. I. Lenin: *Que fazer?*, capítulo I, seção 4.

Se, no estudo do caráter específico da contradição, não consideramos as duas situações que aí se apresentam – a contradição principal e as contradições secundárias de um processo, bem como o aspecto principal e o aspecto secundário da contradição – isto é, se não consideramos o caráter distintivo dessas duas situações na contradição, caímos na abstração e não podemos compreender concretamente em que ponto encontra-se essa contradição nem, por consequência, descobrir o método correto para resolvê-la. O caráter distintivo ou o caráter específico dessas duas situações representa a desigualdade das forças em contradição. No mundo nada se desenvolve de maneira absolutamente igual, devendo nós combater a teoria do desenvolvimento igual, a teoria do equilíbrio. É nestas situações concretas das contradições, e nas modificações a que estão sujeitos o aspecto principal e o aspecto secundário da contradição no processo de desenvolvimento, que se manifesta a força do novo que vem substituir o velho. O estudo dos diferentes estados de desigualdade das contradições, da contradição principal e das contradições secundárias, do aspecto principal e do aspecto secundário da contradição, constitui o método importante de que se serve um partido revolucionário para determinar, corretamente, a sua estratégia e a sua tática em matéria política e militar. Todos os comunistas devem ter atenção a isto.

V. A identidade e a luta dos aspectos da contradição

Depois de esclarecido o problema da universalidade e particularidade da contradição, devemos passar ao estudo da questão da identidade e da luta dos aspectos da contradição.

A identidade, a unidade, a coincidência, a interpenetração, a impregnação recíproca, a interdependência (ou condicionamento mútuo), a ligação recíproca ou a cooperação

mútua, são termos que têm todos uma mesma significação e se referem a dois pontos: primeiro, cada um dos dois aspectos de uma contradição, no processo de desenvolvimento de um fenômeno, pressupõe a existência de um outro aspecto, que constitui o seu contrário, e ambos aspectos coexistem em uma mesma unidade; segundo, cada um dos dois aspectos contrários tende, em condições determinadas, a transformar-se no contrário. É o que significa identidade.

Lenin dizia: “a *dialética* é a teoria que mostra como os *contrários* podem ser e são habitualmente (e tornam-se) idênticos ao converter-se um no outro –, por qual razão o entendimento humano não deve tomar esses contrários por mortos, petrificados, mas sim por vivos, condicionados, móveis, convertendo-se um no outro”.²⁴

Que significa esta passagem de Lenin?

Os aspectos contrários em qualquer processo se excluem um ao outro, estão em luta um contra o outro, opõem-se um ao outro. No processo de desenvolvimento de qualquer fenômeno, também no pensamento humano, existem esses aspectos contrários, e isso não tem exceções. Um processo simples não contém mais do que um par de contrários, enquanto que um processo complexo contém mais do que um par. Esses pares de contrários, por sua vez, estão em contradição entre si. Assim são todos os fenômenos do mundo objetivo, assim é todo o pensamento humano, é assim que entram em movimento.

Sendo assim, os contrários estão longe de estar em estado de identidade e unidade; porque falamos então da sua identidade e unidade?

24. V. I. Lenin: “Resumo do Livro de Hegel *A Ciência da Lógica*”.

O que acontece é que os aspectos contrários não podem existir isoladamente, um sem o outro. Se falta um dos aspectos opostos, contrários, as condições de existência do outro aspecto desaparecem igualmente. Pensemos: acaso poderá suceder que qualquer dos dois aspectos contrários de um conceito surgido no espírito dos homens exista independentemente do outro? Sem vida, não há morte; sem morte, não há vida. Sem alto, não há baixo; sem baixo, não há alto. Sem infelicidade, não há felicidade; sem felicidade, não há infelicidade. Sem fácil, não há difícil; sem difícil, não há fácil. Sem senhores de terras, não há arrendatários; sem arrendatários, não há senhores de terras. Sem burguesia, não há proletariado; sem proletariado, não há burguesia. Sem opressão nacional pelo imperialismo, não há colônias nem semicolônias; sem colônias e semicolônias, não há opressão nacional pelo imperialismo. O mesmo acontece em relação a todos os contrários; em determinadas condições, por um lado, opõem-se um ao outro e, por outro lado, estão ligados mutuamente, impregnam-se reciprocamente, interpenetram-se e dependem um do outro; é a este caráter que se chama identidade. Todos os aspectos contrários possuem, em condições determinadas, o caráter da não-identidade, sendo por isto que se lhes chama contrários. Mas entre estes existe também uma identidade, sendo por isto ligados mutuamente. É o que entende Lenin, ao dizer que a dialética estuda “como os *contrários* podem ser *idênticos*”. Por que podem sê-lo? Porque cada um deles é a condição de existência do outro. Tal é o primeiro sentido da identidade.

Mas será suficiente dizer somente que cada um dos dois aspectos da contradição é a condição de existência do outro, que existe identidade entre eles e que, por consequência, coexistem na unidade? Não, isto não basta. A questão não

se limita ao fato de que os dois aspectos da contradição se condicionam mutuamente. O que é ainda mais importante é o fato de que se convertem um no outro. Dito de outro modo, cada um dos dois aspectos contrários de um fenômeno tende, em condições determinadas, a transformar-se em seu oposto, a tomar a posição ocupada pelo seu contrário. Tal é o segundo sentido da identidade.

Por que razão também há aí identidade? Vejamos: pela revolução, o proletariado passa de classe dominada a classe dominante, enquanto que a burguesia, que dominava até então, se transforma na classe dominada, tomando, portanto, cada um a posição originariamente ocupada pelo adversário. Isso já se verificou na União Soviética e há de verificar-se igualmente no mundo inteiro. Se não existisse entre esses contrários nem ligação, nem identidade em condições determinadas, como poderiam produzir-se tais modificações?

O Kuomintang, que desempenhou certo papel positivo em determinada etapa da história moderna da China, transformou-se em um partido da contrarrevolução, a partir de 1927, em virtude da sua própria natureza de classe e em consequência das promessas aliantes do imperialismo (essas as condições), vendo-se no entanto constrangido a pronunciar-se pela resistência contra o Japão, em virtude da agudização das contradições sino-japonesas e da política de Frente Única seguida pelo Partido Comunista (o que são outras condições). Entre contrários que se transformam um no outro existe, pois, uma determinada identidade.

A nossa revolução agrária registou e registrará o seguinte processo: a classe dos senhores de terras, que possui a terra, transforma-se em uma classe despossuída de terras, enquanto que os camponeses despojados das suas terras se convertem em pequenos proprietários que receberam terra. A

possessão e a despossessão, a aquisição e a perda, estão mutuamente ligadas em condições determinadas, e existe entre estas uma identidade. Já nas condições do socialismo, a propriedade privada dos camponeses, por sua vez, se transformará em propriedade social na agricultura socialista; isso já se realizou na União Soviética e há de realizar-se igualmente no mundo inteiro. Há uma ponte que leva da propriedade privada à propriedade social. Em Filosofia, a isso chama-se identidade ou transformação recíproca, interpenetração.

Consolidar a ditadura do proletariado, ou a ditadura do povo, é preparar exatamente condições para pôr fim a esta ditadura e passar a um estágio superior em que o próprio Estado, como tal, desaparecerá. Fundar e desenvolver o Partido Comunista é justamente preparar condições para suprimir o Partido Comunista e todos outros partidos políticos. Criar um exército revolucionário dirigido pelo Partido Comunista, fazer uma guerra revolucionária, é precisamente preparar condições para acabar definitivamente com as guerras. Eis toda uma série de contrários que, não obstante, se completam mutuamente.

A guerra e a paz, como todos sabem, convertem-se uma na outra. A guerra transforma-se em paz; por exemplo, a Primeira Guerra Mundial transformou-se na paz do após-guerra. Atualmente, a guerra civil cessou na China e estabeleceu-se a paz no país. A paz transforma-se em guerra; em 1927, por exemplo, a cooperação entre o Kuomintang e o Partido Comunista transformou-se em guerra. É possível também que a paz atual no mundo se transforme em um segundo conflito mundial. Por quê? Porque na sociedade de classes, entre aspectos contrários como a guerra e a paz existe identidade, em determinadas condições.

Todos os contrários estão ligados entre si; não somente coexistem na unidade dentro de condições determinadas, mas também se convertem um no outro em condições determinadas, eis o sentido pleno da identidade dos contrários. É justamente disso que fala Lenin: “como os *contrários*... são habitualmente (e se tornam) *idênticos* – em que condições eles são idênticos ao converterem-se um no outro” [...] “o entendimento humano não deve tomar esses contrários por mortos, petrificados, mas sim por vivos, condicionados, móveis, convertendo-se um no outro”.

Por que? Porque é precisamente assim que são os fenômenos na realidade objetiva. A unidade ou a identidade dos aspectos contrários de um fenômeno que existe objetivamente nunca é morta, petrificada, mas sim viva, condicionada, móvel, passageira, relativa; todo o aspecto contrário converte-se, em condições determinadas, no seu contrário. O reflexo disso no pensamento humano é a concepção materialista-dialética do mundo, a concepção marxista. Só as classes dominantes reacionárias de ontem e de hoje, bem como os metafísicos, que estão ao seu serviço, não consideram os contrários como vivos, condicionados, móveis, convertendo-se um no outro, mas sim como mortos, petrificados, propagando por toda a parte essa falsa concepção para enganar as massas populares, a fim de perpetuar sua dominação. A tarefa dos comunistas consiste em denunciar as ideias enganosas dos reacionários e dos metafísicos, propagar a dialética inerente aos fenômenos, contribuir para a transformação dos fenômenos, de maneira que sejam atingidos os objetivos da revolução.

Quando dizemos que, em condições determinadas, existe identidade entre os contrários, consideramos que esses contrários são reais e concretos, e que a transformação do

um no outro é igualmente real e concreta. Ao tomar as numerosas transformações que se encontram na mitologia, por exemplo, o mito da perseguição do sol por Cuafu, em *Xan Hai Quim*²⁵, o mito da destruição dos nove sóis pelas flechas do herói Yi, em *Huai Nan Tse*²⁶, o mito das setenta e duas metamorfoses de Suen Vu-com, em *Si lou Qui*²⁷ ou o da metamorfose dos demónios e das almas-raposas em seres humanos, no *Liao Tchai Tchi Yi*²⁸, etc., constata-se que as conversões de um contrário no outro não são, aí, transformações concretas refletindo contradições concretas; trata-se de transformações

25. *Xan Hai Quim* (O Livro dos Montes e dos Mares), obra da época dos Reinos Combatentes (403-221 A.C.). Cuafu é uma divindade descrita neste livro: “Cuafu perseguiu o sol. Quando chegou ao sol, sentiu sede e foi beber no rio Amarelo e na ribeira Uei. Como esses dois cursos de água não lhe bastassem, correu para o norte para beber no Grande Lago, mas morreu de sede antes de chegar. O bastão que deixou transformou-se em uma floresta” (“Hai Uei Pei Quim”).

26. Yi, herói lendário na antiguidade chinesa. “Flechar os sóis” é uma história famosa que descreve a mestria de Yi no manejo do arco. Em *Huai Nan Tse*, da autoria de Liu An (nobre do século II A.C.) da dinastia Han, lê-se: “Nos tempos de Yao, dez sóis apareceram ao mesmo tempo nos céus. As searas murchavam, as plantas definhavam e o povo sofria com a fome... Yao ordenou que Yi abatesse os sóis”. Na dinastia Han de Leste, nas notas aos versos de Qui Iuan, *Tien Ven*, Vam Yi (escritor do século II) afirma: “Conforme ao *Huai Nan Tse*, nos tempos de Yao, dez sóis apareceram ao mesmo tempo, murchando as plantações. Yao ordenou que Yi flechasse os dez sóis. Yi abateu nove, ... deixou um”.

27. *Si lou Qui* (A Peregrinação a Oeste), romance fantástico chinês do século XVI. O personagem principal do romance, Suen Vu-com, é um macaco divino capaz de operar sobre si próprio 72 metamorfoses. Ele podia transformar-se em pássaro, fera, inseto, peixe, erva, objetos de madeira ou mesmo tomar forma humana.

28. *Liao Tchai Tchi Yi* (Contos Estranhos da Sala sem Preocupações), compilação de contos composta no século XVII, durante a dinastia Tsim, por Pu Sunlim, na base de lendas populares. A obra contém 431 narrativas onde a maior parte trata de almas-raposas, fantasmas e outros seres sobrenaturais.

ingénuas, imaginárias, concebidas subjetivamente pelos homens, transformações a estes inspiradas pelas inúmeras conversões dos contrários complexos e reais.

Marx dizia: “toda a mitologia abarca, domina, as forças da natureza no plano da imaginação e pela imaginação, e dá-lhe uma forma, desaparecendo, portanto, quando essas forças são dominadas realmente”.²⁹

As descrições das inúmeras metamorfoses que figuram na mitologia (e também nos contos para crianças) podem encantar-nos quando nos mostram, entre outras, forças da natureza dominadas pelo homem. Os mais belos dos mitos possuem “encanto eterno” (Marx), mas não se formaram a partir de situações determinadas pelas contradições concretas, não são, portanto, um reflexo científico da realidade. Em outras palavras, nos mitos ou nos contos para crianças, os aspectos que constituem uma contradição não têm identidade real, mas sim imaginária. Em contrapartida, a dialética marxista reflete cientificamente a identidade nas transformações reais.

Por qual razão o ovo pode transformar-se em pinto e a pedra não? Por qual razão existe uma identidade entre a guerra e a paz e não entre a guerra e a pedra? Por qual razão o homem pode engendrar o homem e não qualquer outra coisa? A única razão consiste no fato de que a identidade dos contrários existir apenas em condições determinadas, indispensáveis. Sem essas condições determinadas, indispensáveis, não pode haver qualquer identidade.

Por qual razão a Revolução Democrática Burguesa de Fevereiro de 1917, na Rússia, está diretamente ligada à Revolução Socialista Proletária de Outubro, e a Revolução Burgue-

29. K. Marx: “Introdução à Crítica da Economia Política”.

sa Francesa não está diretamente ligada a uma revolução socialista, e por qual razão, em 1871, a Comuna de Paris terminou em uma derrota? Por qual razão o regime nômade na Mongólia e na Ásia Central passou diretamente ao socialismo? Por qual razão, enfim, a Revolução Chinesa pode evitar a via capitalista e passar diretamente ao socialismo, sem seguir a velha via histórica dos países do Ocidente, sem passar pelo período da ditadura burguesa? Tudo isso não pode ser explicado a não ser pelas condições concretas de cada um dos períodos considerados. Quando as condições determinadas, indispensáveis, estão reunidas, aparecem contrários determinados no processo de desenvolvimento de um fenômeno, e esses contrários (dois ou mais que dois) condicionam-se mutuamente e convertem-se um no outro. De outro modo, tudo isso seria impossível.

O que foi dito se refere à identidade. E quanto à luta? Que relação existe entre a identidade e a luta?

Lenin dizia: “a unidade (coincidência, identidade, equipolência) dos contrários é condicionada, temporária, passageira, relativa. A luta dos contrários que se excluem mutuamente é absoluta, tal como a evolução, tal como o movimento”.³⁰

Qual é o significado desta passagem de Lenin?

Todos os processos têm um começo e um fim, todos os processos se transformam nos seus contrários. A permanência de todos os processos é relativa, enquanto que a sua variabilidade, expressa na transformação de um processo em um outro, é absoluta.

30. V. I. Lenin: “Sobre a Questão da Dialética”.

No seu movimento, todo fenômeno apresenta dois estados, um estado de repouso relativo e um estado de modificação evidente. Esses dois estados são provocados pela luta mútua dos dois elementos contrários contidos no próprio fenômeno. Quando, no seu movimento, o fenômeno se encontra no primeiro estado, sofre modificações simplesmente quantitativas, e não qualitativas, manifesta-se em um repouso aparente. Quando o fenômeno, no seu movimento, se encontra no segundo estado, as modificações quantitativas que sofreu no primeiro estado já atingiram o ponto máximo, o que provoca uma ruptura da unidade do fenômeno e, por consequência, uma modificação qualitativa; daí a manifestação de uma mudança evidente. A unidade, a coesão, a união, a harmonia, a equipolência, a estabilidade, a estagnação, o repouso, a continuidade, o equilíbrio, a condensação, a atração, etc., que observamos na vida cotidiana, são as manifestações dos fenômenos que se encontram no estado das modificações quantitativas, enquanto que a ruptura da unidade, a destruição desses estados de coesão, união, harmonia, equipolência, estabilidade, estagnação, repouso, continuidade, equilíbrio, condensação, atração, etc., e a passagem respectiva aos estados opostos, são as manifestações dos fenômenos que se encontram no estado das modificações qualitativas, isto é, que se transformam passando de um processo a outro. Os fenômenos se transformam continuamente passando do primeiro ao segundo estado, e a luta dos contrários, que prossegue nos dois estados, desemboca na solução da contradição, no segundo. Eis a razão por que a unidade dos contrários é condicionada, passageira, relativa, enquanto que a luta dos contrários que se excluem mutuamente é absoluta.

Anteriormente, dissemos que existia uma identidade entre dois fenômenos opostos e que, por esse motivo, estes

podiam coexistir em uma mesma unidade e mesmo converter-se um no outro; tudo está pois nas condições, isto é, em condições determinadas, podem chegar à unidade e converter-se um no outro, e sem essas condições, lhes é impossível constituir uma contradição ou coexistir na mesma unidade, tal como transformar-se um no outro. A identidade dos contrários apenas se forma em condições determinadas, razão pela qual a identidade é condicionada, relativa. Acrescentemos ainda que a luta dos contrários penetra todo o processo do princípio até ao fim e conduz à transformação de um processo no outro, que está presente em toda a parte e que, por consequência, é incondicionada, absoluta.

A identidade condicionada e relativa unida à luta incondicionada e absoluta forma o movimento contraditório de todo o fenômeno.

Nós, os chineses, dizemos frequentemente: “as coisas opõem-se umas às outras e completam-se umas às outras”.³¹

Isso significa que há identidade entre as coisas que se opõem. Essas afirmações são dialéticas e opõem-se à metafísica. “As coisas opõem-se umas às outras” significa que os dois aspectos contrários se excluem um ao outro ou que lutam um contra o outro; “as coisas completam-se umas às outras” significa que, em condições determinadas, os dois aspectos contrários unem-se e ganham identidade. E na identidade há luta; sem luta não há identidade.

Na identidade há luta, no específico há universal, no particular há o geral. Nas palavras de Lenin, “o absoluto *existe no relativo*”.³²

31. Frase dos anais de *Tsien Han Chu* (Tomo 30, “Yi Ven Tchi”), redigidos por Ban Cu, célebre historiador chinês do século I. Posteriormente passou a empregar-se na linguagem corrente.

32. V. I. Lenin: “Sobre a Questão da Dialética”.

VI. O lugar do antagonismo na Contradição

Neste problema da luta dos contrários está inclusa a questão de saber o que é o antagonismo. Nossa resposta é que o antagonismo constitui uma das formas, e não a única forma, da luta dos contrários.

Na história da humanidade o antagonismo entre as classes existe como expressão particular da luta dos contrários. Consideremos a contradição entre a classe dos exploradores e a dos explorados: essas duas classes em contradição coexistem durante um longo período na mesma sociedade, quer se trate de sociedade escravagista, quer se trate de sociedade feudal ou capitalista, e lutam entre si; mas só quando a contradição entre as duas atinge um certo estado de desenvolvimento é que toma a forma de um antagonismo aberto e desemboca na revolução. O mesmo acontece com a transformação da paz em guerra na sociedade de classes.

Em uma bomba, antes da explosão, os contrários, em virtude de condições determinadas, coexistem em uma mesma unidade. Só com o surgimento de novas condições (ignição) é que se produz a explosão. Situação análoga encontra-se em todos os fenômenos da natureza onde, finalmente, a solução de uma antiga contradição e o nascimento de uma nova se produzem sob a forma de um conflito aberto.

É extremamente importante conhecer tal fato. Isso ajuda-nos a compreender que, na sociedade de classes, as revoluções e as guerras revolucionárias são inevitáveis, que sem estas é impossível um salto no desenvolvimento da sociedade, é impossível derrubar as classes dominantes reacionárias, ficando o povo impossibilitado de conquistar o poder político. Os comunistas devem denunciar a propaganda mentirosa dos reacionários quando, por exemplo, afirmam que a revolução

social não é necessária, nem possível; devem ater-se firmemente à teoria marxista-leninista da revolução social e ajudar o povo a compreender que a revolução social não somente é absolutamente necessária como inteiramente possível, e que a história de toda a humanidade e a vitória da União Soviética confirmam essa verdade científica.

Todavia, devemos estudar de maneira concreta as diferentes situações em que se encontra a luta dos contrários e evitar uma aplicação despropositada a todos os fenômenos do termo mencionado acima. As contradições e a luta são universais, absolutas, mas os métodos para resolver as contradições, quer dizer as formas da luta, variam segundo o caráter dessas contradições. Determinadas contradições revestem o caráter de um antagonismo aberto, outras não. Conforme o desenvolvimento concreto dos fenômenos, determinadas contradições, primitivamente não antagônicas, desenvolvem-se em contradições antagônicas, enquanto que outras, primitivamente antagônicas, desenvolvem-se em contradições não antagônicas.

Como foi dito anteriormente, enquanto existirem as classes, as contradições entre as ideias corretas e as ideias erradas dentro do Partido Comunista são o reflexo, no seio do Partido, das contradições de classes. No início, ou em certas questões, nada assegura que tais contradições se manifestem imediatamente como antagônicas. Contudo, com o desenvolvimento da luta entre as classes, elas podem tornar-se antagônicas. A história do Partido Comunista da URSS mostra-nos que as contradições entre as concepções corretas de Lenin e Stalin e as concepções erradas de Trotsky, Bukharin e outros, não se manifestaram de início sob a forma de antagonismo mas, posteriormente, tornaram-se antagônicas. Casos semelhantes se verificaram na história do Partido Comunista da

China. As contradições entre as concepções corretas de numerosos camaradas do nosso Partido e as concepções errôneas de Chen Tu-hsiu, Chang Kuotao e outros, tampouco se manifestaram logo sob forma do antagonismo, mas, posteriormente, tornaram-se antagônicas. Atualmente, as contradições entre as concepções corretas e as concepções errôneas no seio do nosso Partido não assumiram forma do antagonismo, e não irão até ao antagonismo se os camaradas que cometeram erros os souberem corrigir. Eis porque o Partido deve, por um lado, travar uma luta séria contra as concepções errôneas e, por outro lado, dar aos camaradas que cometeram erros a plena possibilidade de tomar consciência disso. Nessas circunstâncias, uma luta levada ao excesso é evidentemente inadequada. Todavia, se os que cometeram erros persistirem em sua atitude e os agravarem, essas contradições podem tornar-se antagônicas.

As contradições econômicas entre a cidade e o campo são de um antagonismo extremo, tanto na sociedade capitalista (onde a cidade, controlada pela burguesia, pilha desapidadamente o campo), como nas regiões controladas pelo Kuomintang na China (onde a cidade, controlada pelo imperialismo estrangeiro e pela grande burguesia compradora chinesa, pilha o campo com uma ferocidade inaudita). Em um país socialista, porém, ou em nossas bases de apoio revolucionárias, essas contradições antagônicas tornam-se não antagônicas, e não desaparecem na sociedade comunista.

Lenin dizia: “antagonismo e contradição não são de maneira alguma uma e a mesma coisa. No socialismo, o primeiro desaparecerá e a segunda subsistirá”.³³ Isso significa que o antagonismo não é mais do que uma das formas, e não

33. V. I. Lenin: “Notas sobre o livro de N. I. Bukharin – *A Economia do Período Transitório*”.

a única forma, da luta dos contrários, não se devendo empregar esse termo por todo o lado, sem discernimento.

VII. Conclusão

Nós podemos agora concluir com poucas palavras. A lei da contradição inerente aos fenômenos, quer dizer, a lei da unidade dos contrários, é a lei fundamental da natureza e da sociedade, por consequência a lei fundamental do pensamento. Esta está em oposição à concepção metafísica do mundo. A descoberta dessa lei foi uma grande revolução na história do pensamento humano. Segundo o ponto de vista do materialismo dialético, a contradição existe em todos os processos dos fenômenos objetivos, bem como no pensamento subjetivo, e penetra todos os processos, do início ao fim; é nisso que reside a universalidade e o caráter absoluto da contradição. Cada contradição e cada um dos seus aspectos tem as suas particularidades; é nisso que reside a particularidade e o caráter relativo da contradição. Em condições determinadas, há identidade dos contrários, eles podem, pois, coexistir na mesma unidade e transformar-se um no outro; é nisso igualmente que reside a particularidade e o caráter relativo da contradição. Contudo, a luta dos contrários é ininterrupta, prossegue tanto durante a sua coexistência como no momento da sua conversão recíproca, momento em que se manifesta com uma evidência particular. Novamente, é nisso que reside a universalidade e o caráter absoluto da contradição. Quando estudamos a particularidade e o caráter relativo da contradição, devemos prestar atenção à diferença entre a contradição principal e as contradições secundárias, entre o aspecto principal e o aspecto secundário da contradição; quando estudamos a universalidade da contradição e a luta

dos contrários, devemos prestar atenção à diferença entre as diversas formas de luta. De outro modo cometeremos erros.

Se, através do nosso estudo, ficarmos com uma ideia realmente clara dos pontos essenciais acima expostos, poderemos combater as concepções dogmáticas que violam os princípios fundamentais do marxismo-leninismo e prejudicam a nossa causa revolucionária, e poderemos ajudar também nossos camaradas experimentados a sistematizar as suas experiências, a elevá-las à categoria de princípios e a evitar a repetição dos erros do empirismo. Tal é a breve conclusão a que nos conduz o estudo da lei da contradição.

obra filosófica apresentada em uma conferência na Academia Militar e Política Antijaponesa de Yenan em agosto de 1937

Sobre a justa solução das Contradições no seio do Povo

O tema geral da minha intervenção é a justa solução das contradições no seio do povo. Para facilitar a sua exposição, o tema está dividido em doze partes. Apesar de serem igualmente tratados os problemas das contradições existentes entre nós e o inimigo, este debate, contudo, tem como assunto principal a análise das contradições que se manifestam no seio do povo.

I. Dois tipos de contradições de carácter distinto

O nosso país encontra-se atualmente mais unido do que nunca. As vitórias da revolução democrática burguesa e da revolução socialista, assim como os êxitos alcançados na edificação do socialismo, transformaram rapidamente a fisionomia da velha China. O futuro da nossa pátria anuncia-se ainda mais radioso. A divisão e o caos do país, odiados pelo povo, pertencem para sempre ao passado. Sobre a direção da classe operária e do Partido Comunista, os 600 milhões de habitantes do nosso país, unidos com um só homem, entregam-se agora à grandiosa tarefa da edificação socialista. Unificação do país, unidade do povo e unidade de todas as nacionalidades – eis a garantia fundamental do triunfo seguro da nossa causa. Todavia, isto não significa, de maneira nenhuma, que já não existam quaisquer contradições em nossa sociedade. Acreditar nisto seria uma ingenuidade que não corresponde à realidade objetiva. Nós enfrentamos dois tipos

de contradições sociais – as que existem entre nós e o inimigo, e as existentes no seio do próprio povo. Estes dois tipos de contradições são de natureza totalmente distinta.

Para compreender corretamente esses dois tipos diferentes de contradições no seio do povo, devemos começar esclarecendo o significado de “povo” e de “inimigo”. O conceito de “povo” toma sentidos diferentes conforme os países e os períodos distintos da história de cada um. Tomemos o nosso próprio país como exemplo. Durante a Guerra de Resistência Antijaponesa, todas as classes, todas as camadas e todos os grupos sociais que participaram da luta de resistência contra a agressão japonesa pertenciam ao povo, enquanto que os imperialistas japoneses, os chineses traidores a sua pátria e os elementos pró-japoneses pertenciam à categoria dos inimigos do povo. No período da Guerra de Libertação, os inimigos do povo foram os imperialistas estadunidenses e seus lacaios – a burguesia burocrática, a classe dos senhores de terras e os reacionários do Kuomintang que representavam essas duas classes; todas as classes, camadas e grupos sociais que lutavam contra esses inimigos constituíam o povo. Na etapa atual, o período da construção do socialismo, todas as classes, camadas e grupos sociais que aprovam apoiam e trabalham pela causa da construção socialista entram na categoria de povo, enquanto que todas as forças e grupos sociais que resistem à revolução socialista e hostilizam ou sabotam a edificação socialista são inimigos do povo.

As contradições entre nós e o inimigo são contradições antagônicas. No seio do povo, as contradições entre os trabalhadores não são antagônicas, e as que existem entre as classes exploradas e as classes exploradoras, além do aspecto antagônico que apresentam, têm aspecto não antagônico. As contradições existentes no seio do povo não datam de hoje,

mas seu conteúdo é diferente em cada período da revolução e no período de edificação do socialismo. Nas condições atuais da China, as contradições no seio do povo abrangem as contradições no seio da classe operária, as contradições no seio da classe camponesa, as contradições entre os intelectuais, as contradições entre os operários e os camponeses, por um lado, e os intelectuais, por outro, as contradições entre a classe operária e outros setores do povo trabalhador, por um lado, e a burguesia nacional, por outro, as contradições no seio da burguesia nacional, etc. O nosso Governo Popular é um governo que representa genuinamente os interesses do povo, um governo que serve o povo. Contudo, entre o governo e o povo existem também certas contradições. É o caso das contradições entre os interesses do Estado e os interesses coletivos, por um lado, e os interesses individuais, por outro; entre a democracia e o centralismo; entre a direção e os dirigidos; e da contradição surgida do estilo burocrático de trabalho de certos trabalhadores do governo nas suas relações com as massas. Estas são igualmente contradições no seio do povo. Falando genericamente, as contradições que se manifestam no seio do povo são contradições existentes com base na identidade fundamental dos seus interesses.

Em nosso país, a contradição entre a classe operária e a burguesia nacional pertence à categoria das contradições no seio do povo. De modo geral, a luta de classes entre a classe operária e a burguesia nacional é uma luta no interior das fileiras do povo, pois, no nosso país, a burguesia nacional tem um duplo caráter. No período da revolução democrática burguesa, seu caráter apresentava, ao mesmo tempo, um aspecto revolucionário e um aspecto conciliador. Já no período da revolução socialista, a busca pelo lucro através da exploração da classe operária constitui um aspecto do caráter da

burguesia nacional, enquanto que seu apoio à Constituição e sua disposição de aceitar a transformação socialista constituem outro aspecto. A burguesia nacional difere dos imperialistas, da classe dos senhores de terras e da burguesia burocrática. A contradição entre a burguesia nacional e a classe operária é uma contradição entre explorador e explorado, originariamente antagônica. Contudo, nas condições concretas da China, esta contradição antagônica entre as duas classes, sendo corretamente tratada, pode transformar-se em uma contradição não antagônica e ser resolvida por métodos pacíficos. Essa contradição se transformará em uma contradição entre nós e o inimigo se a não tratarmos corretamente e se não seguirmos, em relação à burguesia nacional, a política de nos unirmos a ela, de a criticarmos e educarmos, ou se ela rejeitar nossa política.

Dado que são diferentes por sua natureza, as contradições entre nós e o inimigo e as contradições no seio do povo devem ser resolvidas por métodos diferentes. Em poucas palavras, no primeiro caso a questão é estabelecer uma nítida distinção entre nós e o inimigo, enquanto que no segundo a questão é distinguir claramente entre o correto e o errado. Por exemplo, saber quem tem razão, se nós ou os reacionários internos e externos, os imperialistas, os senhores feudais e os capitalistas burocráticos, é também uma questão de distinção entre o correto e o errado; é, contudo, diferente, por sua natureza, da questão da distinção entre o correto e o errado no seio do povo.

O nosso Estado é uma ditadura democrática popular dirigida pela classe operária e baseada na aliança operário-camponesa. Para que esta ditadura? Sua primeira função é reprimir as classes e os elementos reacionários, bem como exploradores que no nosso país resistem à revolução socialista,

e reprimir aqueles que sabotam nossa construção socialista, ou seja, é resolver as contradições internas entre nós e nossos inimigos. Por exemplo, prender, julgar e condenar certos contrarrevolucionários, bem como privar por determinado tempo os senhores de terras e os capitalistas burocráticos do direito de voto e da liberdade de palavra – tudo isso entra na esfera da nossa ditadura. Para manter a ordem pública e salvaguardar os interesses do povo é igualmente necessário exercer a ditadura sobre os ladrões, burlões, assassinos, incendiários, bandos de malfeitores e outros elementos perniciosos que alteram seriamente a ordem pública. A segunda função dessa ditadura é proteger o nosso país da subversão e da possível agressão dos inimigos externos. Neste caso, a tarefa da ditadura é resolver a contradição externa entre nós e o inimigo. O objetivo desta ditadura é proteger todo o nosso povo de maneira que este possa dedicar-se ao trabalho pacífico e à agricultura, uma ciência e uma cultura modernas. Quem exerce a ditadura? Naturalmente, a classe operária e todo o povo que esta dirige. A ditadura não se exerce sobre o povo. O povo não pode exercer a ditadura sobre si mesmo, nem uma parte do povo pode oprimir a outra. Aqueles que no seio do povo violam as leis devem também ser sancionados de acordo com a lei; todavia, entre isto e a ditadura, que se exprime na repressão dos inimigos do povo, existe uma diferença de princípio. O que se aplica no seio do povo é o centralismo democrático. A nossa Constituição proclama que os cidadãos da República Popular da China têm liberdade de palavra, de imprensa, de reunião, de associação, de desfiles públicos, de manifestação, de crença religiosa, etc. A nossa Constituição também estabelece que os organismos do Estado devem praticar o centralismo democrático e apoiar-se nas grandes massas e que os

funcionários públicos devem servir o povo. A nossa democracia socialista é uma democracia no sentido mais amplo do termo, uma democracia que não pode existir em nenhum Estado burguês. A nossa ditadura é uma ditadura democrática popular, dirigida pela classe operária e baseada na aliança dos operários e dos camponeses. Isto significa que a democracia se exerce no seio do povo enquanto que a classe operária, unindo-se com todos que gozam de direitos cívicos, e antes de mais com os camponeses, exerce a ditadura sobre as classes e elementos reacionários e sobre todos aqueles que se opõem à transformação socialista e atuam contra a edificação do socialismo. No sentido político, o gozo dos direitos cívicos significa gozo do direito à liberdade e à democracia.

Mas esta liberdade é uma liberdade praticada sob uma determinada direção e tal democracia é uma democracia guiada pelo centralismo. Não se trata, pois, de anarquia. A anarquia não corresponde aos interesses e às aspirações do povo.

Os acontecimentos da Hungria³⁴ alegraram algumas pessoas no nosso país. Elas esperavam que algo semelhante acontecesse na China e que milhares e milhares de pessoas saíssem às ruas e se levantassem contra o Governo Popular. Tais esperanças vão contra os interesses das massas populares e não podem obter seu apoio. Na Hungria, uma parte das massas foi ludibriada pelas forças contrarrevolucionárias internas e externas e cometeu o erro de recorrer à violência contra o Governo Popular, em consequência do qual sofreu tanto o Estado quanto o povo. Os danos causados à economia do país em poucas semanas de motim levarão longo tempo para

34. Trata-se da contrarrevolução na Hungria de 1956. Ver em: MARTENS, Ludo. Budapeste, 1956: a Contrarrevolução Armada, in: *A URSS e a contrarrevolução de veludo*. São Paulo: Edições Nova Cultura, 2016.

serem reparados. Há em nosso país outras pessoas que adotaram atitude vacilante em relação aos acontecimentos da Hungria, porque ignoraram a situação concreta do mundo. Elas pensam que há muito pouca liberdade no nosso sistema de democracia popular e que há mais liberdade nos regimes democráticos parlamentares do Ocidente. Exigem a instauração de um sistema bipartidário à maneira ocidental, sistema segundo o qual um partido está no poder enquanto que o outro está fora dele. Contudo, este chamado sistema de dois partidos é somente um meio para conservar a ditadura da burguesia; não pode, seja em que circunstância for, salvar os direitos dos trabalhadores à liberdade. Na realidade, só há no mundo uma liberdade concreta e uma democracia concreta e não existe nem liberdade, nem democracia abstratas. Em uma sociedade na qual existe a luta de classes, quando as classes exploradoras têm liberdade para explorar os trabalhadores, estes não têm liberdade para eximir-se à exploração; onde existe democracia para a burguesia não pode haver democracia para o proletariado e demais trabalhadores. Em alguns países capitalistas é permitida a existência legal de partidos comunistas, mas unicamente na medida em que estes não lesem os interesses vitais da burguesia. Não lhes é permitido ultrapassar este limite. Os que exigem a liberdade e democracia em abstrato consideram que a democracia é um fim e não um meio. Por vezes, a democracia parece um fim, mas, na realidade, esta é somente um meio. O marxismo ensina-nos que a democracia faz parte da superestrutura e pertence ao domínio da política. Isto significa, afinal de contas, que a democracia serve à base econômica. O mesmo se dá com a liberdade. A democracia e a liberdade são relativas e não absolutas, surgiram e desenvolveram-se ao longo da história. No seio do povo, a democracia pressupõe o centralismo,

e a liberdade a disciplina. Em ambos os casos, trata-se de dois aspectos contraditórios de uma mesma entidade, simultaneamente em contradição e em unidade, e não devemos sublinhar unilateralmente um e negar o outro. No seio do povo não se pode prescindir da liberdade, nem da disciplina; não se pode prescindir da democracia, nem do centralismo. Essa unidade de democracia e de centralismo, de liberdade e disciplina, constitui o nosso centralismo democrático. Sob tal sistema, o povo goza de ampla democracia e liberdade, mas, ao mesmo tempo, deve manter-se dentro dos limites estritos da disciplina socialista. As massas populares compreendem tudo isto.

Nós somos partidários da liberdade combinada com a direção e da democracia com direção centralizada, mas isto não significa, de modo algum, que se deve recorrer à coação para solucionar as questões ideológicas e os problemas que envolvem a distinção entre o correto e o errado, que surgem no seio do povo. As tentativas de solução das questões ideológicas ou das questões relativas ao correto e ao errado através das ordens administrativas ou da coação não são somente vãs como são igualmente perniciosas. Nós não podemos abolir a religião por meio de ordens administrativas, nem obrigar as pessoas a não crer. Não podemos obrigá-las a crer no marxismo. A única via para resolver as questões de natureza ideológica ou as controvérsias no seio do povo é o uso do método democrático, da discussão, da crítica, persuasão e educação, e nunca o uso de métodos de coação ou repressão. Para poder dedicar-se com eficácia à produção e ao estudo, e para ordenar de forma correta a sua vida, o povo exige que o seu governo e os responsáveis pela produção e pelas organizações culturais e educacionais formulem disposições administrativas adequadas com caráter obrigatório. O bom senso

diz que a manutenção da ordem pública seria impossível sem tais disposições. As disposições administrativas e o método de persuasão e educação completam-se mutuamente na resolução das contradições existentes no seio do povo. As disposições administrativas para a manutenção da ordem pública devem ser, igualmente, acompanhadas da persuasão e educação, pois, em muitos casos, por si sós, não são eficazes.

Em 1942, nós concretizamos esse método democrático de solução das contradições no seio do povo com a fórmula: “unidade-crítica-unidade”. Explicada em detalhe, tal fórmula significa partir do desejo de unidade, resolver as contradições por meio da crítica ou luta, e chegar a uma nova unidade assentada em uma nova base. Segundo a nossa experiência, esse é o método correto para a solução das contradições no seio do povo. Em 1942, nós usamos este método para resolver as contradições no seio do Partido Comunista, nomeadamente as contradições entre os dogmáticos e a grande massa de militantes do Partido, e entre o dogmatismo e o marxismo. No passado, os dogmáticos de “esquerda” empregaram na luta no interior do Partido o método de “lutar sem piedade e bater sem compaixão”. Este método era errado. Ao criticar o dogmatismo de “esquerda”, usamos, em seu lugar, um novo método segundo o qual, partindo do desejo de unidade, se utilizava a crítica ou a luta para distinguir o correto do errado e conseguir assim uma nova unidade assentada em uma nova base. Tal foi o método da campanha de retificação efetuada em 1942. Passados alguns anos, durante o Sétimo Congresso Nacional do Partido Comunista, celebrado em 1945, conseguiu-se alcançar o objetivo da unidade de todo o Partido, graças à qual foi conquistada a grande vitória da revolução popular. Ao empregar este método, é necessário, antes de mais

nada, partir do desejo de unidade. Se não existir esta aspiração subjetiva de unidade, a luta, uma vez começada, des-camba imediata e inevitavelmente em uma desorganização que não se poderá controlar. Acaso não equivalerá isso ao emprego do método de “lutar sem piedade e bater sem compaixão”? De que unidade do Partido se pode então falar? Baseados nesta experiência, alcançamos a fórmula “unidade-crítica-unidade”. Em outras palavras: “tirar lição dos erros passados para evitar voltar a cometê-los e curar a doença para salvar o doente”. Difundimos este método também fora do Partido. Utilizamo-lo em todas as bases de apoio antijaponesas e conseguimos enormes êxitos na regularização das relações entre a direção e as massas, entre o exército e a população, entre oficiais e soldados, entre as diversas unidades do exército e entre os diversos grupos de quadros. O uso deste método remonta a um período ainda mais distante da história do nosso Partido. Já em 1927, quando criamos as nossas forças armadas e bases de apoio revolucionárias no Sul do país, aplicamos o referido método para tratar as relações entre o Partido e as massas, entre o exército e o povo, entre oficiais e soldados, assim como outras relações no seio do povo; a única diferença consiste em que, durante a Guerra de Resistência Antijaponesa, este método empregava-se de maneira muito mais consciente. Depois da libertação do país, empregamos ainda este método de “unidade-crítica-unidade” nas nossas relações com os partidos democráticos e com os meios industriais e comerciais. A nossa tarefa atual é continuar a propagar e a aplicar melhor ainda este método no seio do povo; queremos que todas nossas fábricas, cooperativas, estabelecimentos comerciais, escolas, organismos estatais, organizações populares, em uma palavra, que os seiscentos

milhões de habitantes do nosso país usem este método para resolver suas contradições internas.

Em circunstâncias normais, as contradições no seio do povo não são antagonicas. Todavia, podem chegar a sê-lo se não forem tratadas adequadamente, ou se relaxarmos a vigilância e baixarmos a guarda. Nos países socialistas, um tal desenvolvimento constitui geralmente um fenômeno parcial e temporário. Isto é assim, porque, nesses países, o sistema de exploração do homem pelo homem já foi abolido e os interesses do povo são fundamentalmente os mesmos. As ações antagonicas que tiveram lugar, em escala bastante ampla, por ocasião dos acontecimentos da Hungria, explicam-se pelo fato de ter ali interferido fatores contrarrevolucionários internos e externos. Essas ações foram também um fenômeno de caráter específico e temporário. Em casos como este, os reacionários dos países socialistas conspiram com os imperialistas, aproveitando as contradições existentes no seio do povo para fomentar a desunião e a discórdia e tramar confusões e distúrbios, com o intento de realizar os seus desígnios conspirativos. A lição dos acontecimentos da Hungria deve merecer a nossa atenção.

Parece a muitas pessoas que a utilização de métodos democráticos para resolver as contradições no seio do povo é uma questão recente. Mas na realidade não o é. Os marxistas sempre consideraram que a causa do proletariado só pode ser realizada com o apoio das massas populares e que os comunistas devem usar o método democrático de persuasão e educação na sua atividade com o povo trabalhador, sendo absolutamente inadmissível que adotem uma atitude autoritária ou meios de coação. O Partido Comunista da China é fiel a esse princípio marxista-leninista. Sempre sustentamos que,

sob a ditadura democrática popular, devem usar-se dois métodos diferentes – o ditatorial e o democrático – para resolver os dois tipos distintos de contradições: as que existem entre nós e o inimigo e as que existem no seio do povo. Esta ideia tem sido exposta repetidas vezes em documentos emitidos pelo nosso Partido e em intervenções de muitos dos seus dirigentes. No meu artigo *Sobre a ditadura democrática popular*, escrito em 1949, eu dizia que “a combinação destes dois aspectos, democracia para o povo e ditadura para os reacionários, constitui a ditadura democrática popular”. Também observei que para resolver os problemas existentes no seio do povo “usamos métodos democráticos, isto é, métodos de persuasão e não compulsórios”. Na minha intervenção na Segunda Sessão da Conferência Política Consultiva do Povo Chinês, realizada em junho de 1950, eu disse novamente: “a ditadura democrática popular emprega dois métodos. Em relação aos inimigos, utiliza o método ditatorial. Isto quer dizer que durante um período de tempo necessário não se lhes permite a participação em atividades políticas, obrigamo-los a aceitar as leis do Governo Popular e a trabalhar de modo que se transformem a si próprios em homens novos, por meio do trabalho. Pelo contrário, não se emprega o método ditatorial em relação ao povo, mas sim o método democrático. Isto significa que é necessário dar ao povo a possibilidade de participar na atividade política, e, em vez de o obrigar a fazer isto ou aquilo, usar métodos democráticos de educação e de persuasão. Esta educação constitui a autoeducação no seio do povo, e a crítica e a autocritica constituem o método fundamental da autoeducação”.

No passado, falamos muitas vezes do emprego de métodos democráticos para resolver as contradições existentes no seio do povo e, além disso, agimos fundamentalmente de

acordo com este princípio, princípio que muitos quadros e numerosas pessoas compreenderam na prática. Por que razão há ainda hoje algumas pessoas que pensam tratar-se de algo novo? Porque a luta travada por nós contra os nossos inimigos internos e externos foi muito intensa no passado e as pessoas não centravam, tanto como agora, as suas atenções nas contradições que existem no seio do povo.

São muitas as pessoas incapazes de fazer uma clara distinção entre estes dois tipos diferentes de contradições – as que existem entre nós e o inimigo e as que existem no seio do povo – e têm tendência a confundir as duas. Devemos admitir que por vezes é fácil confundi-las. Tal confusão estabeleceu-se várias vezes em nosso trabalho passado. Durante a liquidação dos contrarrevolucionários, pessoas inocentes foram consideradas erroneamente como culpadas. Tais casos deram-se no passado e ainda hoje acontecem. Se formos capazes de limitar os nossos erros, isso deve-se à nossa política de traçar uma demarcação entre nós e o inimigo e de retificar os erros logo que sejam constatados.

A filosofia marxista considera que a lei da unidade dos contrários é a lei fundamental do universo. Essa lei vale universalmente, quer na Natureza, quer na sociedade humana, quer no pensamento do homem. Entre os aspectos opostos de uma contradição há, ao mesmo tempo, unidade e luta, sendo que isso faz com que as coisas e os fenômenos se movam e mudem. As contradições existem em tudo, mas têm um caráter diferente conforme a natureza de cada coisa ou fenômeno. Para cada coisa ou fenômeno, a unidade dos contrários é condicional, temporária, transitória e, portanto, relativa, enquanto que a luta dos contrários é absoluta. Lenin deu uma explicação muito clara desta lei. No nosso país, é cada vez maior o número de pessoas que a compreendem. No entanto,

para muita gente o seu conhecimento é uma coisa, enquanto que a sua aplicação no exame e na solução dos problemas é outra coisa. Muitos não ousam reconhecer abertamente que existem ainda contradições no seio do povo, apesar de serem precisamente estas contradições que fazem avançar a nossa sociedade. Pessoas há, e muitas, que se recusam a admitir que existem ainda contradições na sociedade socialista e, devido a isso, quando se encontram ante contradições sociais, agem com hesitação e sem qualquer iniciativa. Eles não compreendem que é justamente no processo incessante de tratar e de resolver corretamente as contradições que se fortalecem a cada dia a coesão e a unidade internas da sociedade socialista. Por conseguinte, surge a necessidade de levar a cabo um trabalho de esclarecimento no seio do nosso povo, dos nossos quadros em primeiro lugar, a fim de ajudá-los a compreender as contradições da sociedade socialista e a saber resolvê-las de maneira correta.

As contradições na sociedade socialista são radicalmente diferentes das contradições nas velhas sociedades, tal como a capitalista, por exemplo. As contradições na sociedade capitalista manifestam-se por antagonismos e conflitos agudos, por uma violenta luta de classes, e não podem ser resolvidas pelo próprio sistema capitalista, mas sim pela revolução socialista. As contradições na sociedade socialista são, pelo contrário, não antagônicas e podem ser resolvidas uma após a outra pelo próprio sistema socialista.

As contradições fundamentais na sociedade socialista continuam a ser existentes entre as relações de produção e as forças produtivas e entre a superestrutura e a base econômica. Estas contradições são, contudo, radicalmente distintas, pelo seu caráter e pelo modo como se manifestam, das

que existiam nas velhas sociedades entre as relações de produção e as forças produtivas, entre a superestrutura e a base econômica. O atual sistema social do nosso país é de longe superior ao de outrora. Se assim não fosse, o velho sistema não teria sido derrotado e o novo sistema não teria sido instaurado. Quando se diz que as relações de produção socialista correspondem melhor do que as relações de produção socialista, correspondem melhor do que as relações de produção de outrora ao desenvolvimento das forças produtivas, quer-se dizer com isso que as primeiras permitem o desenvolvimento das forças produtivas a um ritmo sem precedentes na velha sociedade, graças ao que a produção pode aumentar continuamente e as necessidades do povo, em crescimento constante, podem ser gradualmente satisfeitas. Sob o domínio do imperialismo, do feudalismo e do capitalismo burocrático, as forças produtivas desenvolviam-se na velha China com extrema lentidão. Durante mais de meio século antes da libertação, a produção anual de aço em todo o país, excetuando o Nordeste, não passava de algumas dezenas de milhares de toneladas. Incluso o Nordeste, a produção máxima anual de aço mal ultrapassava 900 mil toneladas. Em 1949, a produção de aço em todo o país era de cento e poucas dezenas de milhares de toneladas. Mas, atualmente, apenas sete anos depois da libertação do país, nossa produção de aço em todo o país atingiu já 4 milhões e muitas centenas de milhares de toneladas por ano. Na velha China, mal existia uma indústria de construção mecânica, não existindo de todo as indústrias automobilística e aeronáutica. Contudo, hoje possuímos. Qual é o caminho que a China deve tomar, agora que seu povo derrubou a dominação do imperialismo, do feudalismo e do capitalismo burocrático? O caminho do capitalismo ou do socialismo? Muitas pessoas não têm ideia clara acerca

desta questão. Os fatos responderam já: apenas o socialismo pôde salvar a China. O sistema socialista promoveu um rápido desenvolvimento das forças produtivas no nosso país, o que é um fato que até os nossos inimigos exteriores se veem obrigados a reconhecer.

Todavia, nosso sistema socialista acaba apenas de ser instaurado; não está ainda totalmente estabelecido, nem completamente consolidado. Nas empresas industriais e comerciais mistas, com capital privado e do Estado, os capitalistas recebem ainda um juro fixo sobre o seu capital, o que quer dizer que ainda existe a exploração. Do ponto de vista da propriedade, as empresas deste tipo não são ainda de natureza totalmente socialista. Uma parte das cooperativas agrícolas de produção e das cooperativas artesanais de produção são ainda semissocialistas; mesmo nas cooperativas inteiramente socialistas estão ainda por resolver alguns problemas referentes à propriedade. Em vários setores da nossa economia estão a ser gradualmente estabelecidas relações de produção e de troca conforme princípios socialistas, que vão, pouco a pouco, encontrando formas relativamente adequadas. O estabelecimento de uma justa proporção entre a acumulação e o consumo em cada um dos dois setores da economia socialista, baseados respectivamente na propriedade de todo o povo e na propriedade coletiva dos meios de produção, assim como nas relações entre esses dois setores, é um problema complexo. Não é fácil encontrar uma solução imediata perfeitamente racional para este problema. Em resumo, as relações de produção socialistas já foram estabelecidas e correspondem ao desenvolvimento das forças produtivas, mas estão longe de ser perfeitas e seus aspectos imperfeitos estão em contradição com o desenvolvimento das forças produtivas. Além da existência de harmonia e contradição

entre as relações de produção e o desenvolvimento das forças produtivas, existe, analogamente, harmonia e contradição entre a superestrutura e a base econômica. A superestrutura – as nossas instituições estatais e as leis da ditadura democrática popular, bem como a ideologia socialista guiada pelo marxismo-leninismo – tem impulsionado ativamente a vitória das transformações socialistas e o estabelecimento da organização socialista do trabalho; corresponde à base econômica socialista, isto é, às relações de produção socialistas. Mas a subsistência da ideologia burguesa, de certos processos burocráticos de trabalho nos nossos organismos estatais e de deficiências em certos elos das nossas instituições estatais estão, por sua vez, em contradição com a base econômica socialista. É à luz das condições específicas que devemos continuar a resolver tais contradições. Naturalmente, resolvidas estas contradições, surgirão novos problemas. Novas contradições que exigem uma solução. Por exemplo, as contradições entre a produção e as necessidades da sociedade, que subsistirão durante um longo período como uma realidade objetiva, exigem uma solução através de planos do Estado, segundo um processo constante de reajuste. Em nosso país, elabora-se anualmente um plano econômico, a fim de estabelecer proporções adequadas entre acumulação e consumo, de modo a conseguir-se um equilíbrio entre a produção e as necessidades da sociedade. Este equilíbrio não é senão uma unidade relativa e temporária dos contrários. Ao fim de um ano, esse equilíbrio, tomado em seu conjunto, é rompido pela luta dos contrários, a unidade sofre uma alteração, o equilíbrio transforma-se em desequilíbrio, a unidade deixa de existir e é novamente necessário estabelecer o equilíbrio e a unidade para o ano seguinte. É precisamente nisso que reside a supe-

rioridade da nossa economia planificada. Na realidade, tal equilíbrio e tal unidade rompem-se parcialmente em cada mês e em cada trimestre, o que provoca a necessidade de um reajustamento parcial. Às vezes, porque as disposições subjetivas não correspondem à realidade objetiva, surgem contradições e o equilíbrio rompe-se. Isto é o que chamamos cometer um erro. As contradições surgem continuamente e são continuamente resolvidas. Esta é a lei dialética do desenvolvimento das coisas e dos fenômenos.

Eis como se apresenta atualmente a situação: as vastas e tempestuosas lutas de classes, travadas pelas massas, que caracterizam os períodos revolucionários anteriores, estão, no seu aspecto essencial, terminadas, mas a luta de classes ainda não terminou de forma alguma por completo; apesar das grandes massas acolherem com satisfação o novo regime, ainda não estão muito habituadas a este. Os trabalhadores do governo não possuem ainda suficiente experiência e têm que continuar a examinar e aprofundar determinadas questões políticas concretas. Isto quer dizer que nosso regime socialista necessita de tempo para implantar-se e consolidar-se, que as massas populares necessitam de tempo para se habituar ao novo sistema e que os trabalhadores do governo precisam também de tempo para estudar e adquirir experiência. No momento atual, é uma necessidade imperiosa levantar o problema de saber distinguir as contradições existentes entre nós e o inimigo das existentes no seio do povo, assim como o problema de resolver corretamente as contradições existentes no seio do povo, de modo a unir todas as nacionalidades do nosso país para o empreendimento de uma nova batalha – a batalha contra a natureza –, de modo a desenvolver a nossa economia e a nossa cultura, a ajudar todo o povo para atra-

vessar de maneira relativamente fácil o atual período de transição e de modo a consolidar nosso novo regime e edificar o nosso novo Estado.

II. A eliminação dos contrarrevolucionários

A questão da eliminação dos contrarrevolucionários é uma questão de luta entre nós e o inimigo, uma contradição entre nós e o inimigo. No seio do povo, algumas pessoas veem essa questão de maneira um tanto diferente. Dois tipos de pessoas defendem pontos de vista diferentes do nosso. Os que têm uma mentalidade direitista não fazem distinção entre nós e o inimigo e tomam o inimigo pela nossa própria gente. Eles consideram como amigas precisamente aquelas pessoas que as grandes massas consideram como inimigas. Os que têm uma mentalidade “esquerdista” exageram as contradições entre nós e o inimigo, de tal maneira que consideram certas contradições no seio do povo como contradições com o inimigo e olham como contrarrevolucionárias pessoas que na realidade o não são. Esses dois pontos de vista são errados. Nenhum deles pode conduzir a um correto tratamento da questão da eliminação dos contrarrevolucionários, nem a uma correta apreciação do nosso trabalho a tal respeito.

Para avaliar de forma justa os resultados dos nossos esforços para eliminar os contrarrevolucionários, vejamos qual foi o efeito causado em nosso país pelos acontecimentos da Hungria. Os ditos acontecimentos suscitaram certa agitação em uma parte dos nossos intelectuais, mas não provocaram qualquer desordem. Como explicar isso? Uma das razões, impõe-se dizê-lo, é termos conseguido eliminar quase radicalmente os contrarrevolucionários.

Está claro que a consolidação do nosso Estado não é primordialmente devida à supressão dos contrarrevolucionários. Esta deve-se, antes de mais nada, ao fato de dispormos de um Partido Comunista, de um Exército de Libertação e de um povo trabalhador temperados por uma luta revolucionária de várias dezenas de anos. O nosso Partido e o nosso Exército estão enraizados nas massas, foram temperados nas chamas de uma revolução prolongada e possuem combatividade. A nossa República Popular foi desenvolvida progressivamente a partir de bases revolucionárias, não foi edificada do dia para a noite. Alguns democratas de relevo foram igualmente temperados na luta, com menor ou maior intensidade, atravessando conosco os períodos difíceis. Certo número de intelectuais foi temperado na luta contra o imperialismo e as forças reacionárias; após a libertação, muitos passaram por um processo de transformação ideológica, destinado a permitir-lhes fazer uma nítida distinção entre nós e o inimigo. Por outro lado, a consolidação do nosso Estado é devida ao fato de as medidas econômicas serem justas no seu aspecto essencial, ao fato das condições de vida da população se ter estabilizado e melhorar progressivamente, ao fato de ser igualmente justa a nossa política em relação à burguesia nacional e a outras classes, e ainda por outras razões. No entanto, nossos sucessos na eliminação dos contrarrevolucionários são indubitavelmente uma importante razão da consolidação do nosso Estado. Por estas razões, ainda que um grande número dos nossos estudantes não seja originário de famílias de trabalhadores, todos, à parte de algumas exceções, são patriotas e defendem o socialismo, não tendo entre estes, quaisquer agitações por ocasião dos acontecimentos da Hungria. O mesmo aconteceu com a burguesia nacional, para não falarmos no fundamental das massas – os operários e os camponeses.

Após a libertação, eliminamos uma série de contrarrevolucionários. Alguns foram condenados à morte por cometer graves delitos. Isso era absolutamente necessário e o povo assim o exigia. Procedeu-se dessa maneira para libertar as massas oprimidas durante longos anos pelos contrarrevolucionários e por toda espécie de tiranos locais, ou seja, em outras palavras, para liberar as forças produtivas. Se assim não procedêssemos, as massas populares não teriam podido levantar a cabeça. Todavia, a situação transformou-se radicalmente a partir de 1956. Considerando o país em seu conjunto, as forças principais da contrarrevolução estão já aniquiladas. A nossa tarefa principal já não é libertar as forças produtivas, mas sim defendê-las e desenvolvê-las, no contexto das novas relações de produção. Certas pessoas não compreendem que nossa política atual corresponde a nossa situação atual, e que a política anterior correspondia à situação anterior; pretendem utilizar a nossa política atual para revogar decisões tomadas no passado e esforçam-se para negar os grandes sucessos que alcançamos quanto à eliminação dos contrarrevolucionários. Isto é completamente errado e as massas populares não o consentirão.

O nosso trabalho de eliminação dos contrarrevolucionários assinado principalmente pelos êxitos; porém, cometemos também erros. Foram cometidos excessos em alguns casos e em outros os contrarrevolucionários escaparam ao merecido castigo. A nossa política consiste em: “os contrarrevolucionários devem ser eliminados sempre que sejam encontrados; os erros devem ser corrigidos sempre que sejam descobertos”. A nossa linha de conduta no trabalho de eliminação dos contrarrevolucionários fundamenta-se na sua eliminação pelas próprias massas. Contudo, mesmo ao aplicar esta

linha de massas, nós podemos cometer erros no nosso trabalho, mas estes erros serão relativamente menos numerosos e mais fáceis de corrigir. As massas ganham experiência na luta. Agindo corretamente, adquirem a experiência das ações corretas; se cometerem erros, tiram a lição dos erros cometidos.

Quanto aos erros já descobertos na prática no trabalho de eliminação dos contrarrevolucionários, foram ou estão a ser tomadas disposições para os eliminar. Quanto aos erros ainda não descobertos, logo que o sejam, estamos dispostos a corrigi-los. As decisões que se referem à reabilitação de alguém devem ser publicamente tratadas, com a mesma medida de publicidade que foi conferida à errada decisão original. Eu proponho que se realize, neste ano ou no próximo, uma completa verificação do trabalho de eliminação dos contrarrevolucionários, a fim de fazer um balanço das experiências adquiridas, estimular o espírito de justiça e combater as medidas injustas. Esta verificação seria realizada à escala nacional sob a direção do Comitê Permanente da Assembleia Popular Nacional e do Comitê Permanente da Conferência Política Consultiva do Povo Chinês, e, à escala local, sob a direção dos comitês populares provinciais e municipais e dos comitês locais da Conferência Política Consultiva do Povo Chinês. Durante essa verificação, nós devemos ajudar o grande número de quadros e ativistas que têm tomado parte no trabalho de eliminação, ao invés de lhes arrefecermos os ânimos. Seria errado desencorajá-los. Não obstante, os erros devem ser corrigidos logo que são descobertos. Tal deve ser a atitude de todos os órgãos de segurança pública, ministério público, departamentos judiciais, prisões e organismos encarregados da reeducação dos criminosos pelo trabalho. Esperamos que, sempre que possível, todos os membros do Comitê Perma-

nente da Assembleia Popular Nacional, os membros da Conferência Política Consultiva do Povo Chinês e os deputados populares participem nessa verificação. Isto contribuirá para o aperfeiçoamento da nossa legislação e para a adoção de medidas corretas em relação aos contrarrevolucionários e outros elementos criminosos.

Em relação aos contrarrevolucionários, a situação pode ser presentemente caracterizada da seguinte maneira: embora poucos, existem ainda contrarrevolucionários. Acima de tudo, é necessário ver que estes ainda existem. Há pessoas que afirmam que já não existem mais contrarrevolucionários, que reina a tranquilidade em toda a parte, que se pode dormir sem sobressaltos. Esta atitude não corresponde à realidade. Não há dúvida de que há ainda contrarrevolucionários (não em todas as localidades, nem em todas as organizações, bem entendido) e que é necessário continuar a travar a luta. Está imposto reconhecer que os contrarrevolucionários escondidos não renunciarão aos seus desígnios, que procurarão certamente todas as oportunidades para criar desordens. Os imperialistas dos Estados Unidos e a camarilha de Chiang Kai-shek enviam constantemente seus agentes, para se entregarem a atividades de sabotagem. Mesmo depois da liquidação de todos os contrarrevolucionários ainda existentes, certos elementos contrarrevolucionários novos poderão surgir. Se descuidarmos a nossa vigilância, poderemos incorrer em erros muito graves e pagar por isso um preço muito elevado. Onde quer que sejam descobertos a provocar desordens, os contrarrevolucionários devem ser energicamente eliminados. Mas, se considerarmos o conjunto do país, não restam, efetivamente, muitos contrarrevolucionários. Seria, pois, igual-

mente errado afirmar que os contrarrevolucionários são ainda numerosos em todo o país. A aceitação de uma tal apreciação daria também lugar a confusões.

III. A cooperação agrícola

Nós temos uma população agrícola de mais de 500 milhões de pessoas e a situação dos nossos camponeses é, pois, de importância vital para o desenvolvimento da nossa economia e para a consolidação do poder do nosso Estado. Na minha opinião, neste domínio a situação é fundamentalmente boa. A realização da cooperação agrícola resolveu a grande contradição entre a industrialização socialista e a economia agrícola individual. Algumas pessoas temem que possam ter sido cometidos erros devido à rapidez com que foi realizada a cooperação agrícola. Existem realmente alguns erros, mas, felizmente, não são muito grandes e a situação pode no geral considerar-se sã. Os camponeses trabalham com entusiasmo e apesar das calamidades naturais provocadas pelas inundações, pelas secas e pelos tufões terem sido muito mais graves no ano passado do que nos anos anteriores, a produção de cereais aumentou em todo o país. Algumas pessoas provocaram um tufão em miniatura: afirmam presentemente que a cooperação agrícola não serve para nada, nem oferece qualquer vantagem. Afinal, oferece ou não vantagens? Entre os documentos que foram distribuídos na sessão de hoje há um que se refere a uma cooperativa do distrito de Hopei, dirigida por Uam Cuo-fan, documento cuja leitura vos recomendo. Essa cooperativa está situada em uma região montanhosa, conhecida no passado pela sua pobreza e que vivia do auxílio de cereais que lhe era anualmente dispensado pelo Governo Popular. Quando foi fundada, em 1953, houve quem lhe cha-

masse de “cooperativa de pedintes”. Contudo, a situação melhorou de ano para ano durante quatro anos de trabalho tenaz e, atualmente, a esmagadora maioria dos seus membros dispõe de excedentes de cereais. O que conseguiu essa cooperativa outras poderão igualmente consegui-lo em condições normais, mesmo que para tanto tenham que levar um pouco mais de tempo. É, portanto, evidente que a afirmação de que a cooperação agrícola não serve para nada, não tem qualquer fundamento.

Disso se infere também que a criação de uma cooperativa exige necessariamente uma luta árdua e difícil. É através de dificuldades e vicissitudes que cresce tudo quanto é novo. Na causa do socialismo, contar com ir sempre de vento em popa, contar com obter facilmente os sucessos sem passar por necessidades nem vicissitudes e sem fazer os máximos esforços constitui uma pura ilusão.

Quem apoia ativamente as cooperativas? A imensa maioria dos camponeses pobres e camponeses médios da camada inferior, o que totaliza mais de 70% da população rural. A maioria dos restantes camponeses deposita também suas esperanças no futuro das cooperativas. Os que estão realmente descontentes são em número ínfimo. Muita gente não analisou esta situação, não estudou em todos seus aspectos os êxitos e as deficiências das cooperativas, nem tampouco as causas que originam tais deficiências, e tomou a parte ou apenas um dos aspectos pelo todo. Eis a razão porque certas pessoas têm provocado um tufão em miniatura, pretendendo que as cooperativas não oferecem vantagens.

Quanto tempo será ainda necessário para consolidar as cooperativas e pôr fim às atoardas que dizem que estas não oferecem vantagens? A julgar pela experiência do desenvolvi-

mento de muitas cooperativas, isto levará provavelmente cinco anos ou pouco mais. Atendo ao fato de que a maior parte das nossas cooperativas existe há pouco mais de um ano, não seria razoável esperar mais delas em tão breve período de tempo. Quanto a mim, seria muito bom se conseguíssemos estabelecer as cooperativas durante o Primeiro Plano Quinquenal e consolidá-las no decurso do segundo.

As nossas cooperativas consolidam-se progressivamente. Determinadas contradições aguardam ainda solução neste domínio, tais como as existentes entre o Estado e as cooperativas, as existentes no seio das cooperativas e as que existem entre as diferentes cooperativas.

Para resolvermos tais contradições, devemos ter sempre presentes os problemas da produção e da distribuição. Vejamos o problema da produção: por um lado, a economia da cooperativa deve subordinar-se aos planos econômicos unificados do Estado, mas, ao mesmo tempo, deve conservar certa flexibilidade e independência de ação, sem que isto prejudique os planos unificados do Estado, a sua política ou as suas leis e decretos; por outro lado, cada família que adira a uma cooperativa pode estabelecer seu próprio plano de produção da parcela de terra reservada ao uso privado e os planos de outras atividades de exploração individual, desde que se subordine ao plano geral da cooperativa ou da equipe de produção de que faça parte. Relativamente ao problema da distribuição, devemos ter em conta tanto interesses estatais e coletivos como interesses individuais. É necessário estabelecer uma correlação adequada entre os impostos estatais, o fundo de acumulação das cooperativas e os rendimentos pessoais dos camponeses e dedicar uma constante atenção aos reajustamentos indispensáveis para resolver contradições à

medida que estas forem aparecendo. A acumulação é necessária tanto para o Estado como para as cooperativas, mas de maneira nenhuma deve ser excessiva. Nós devemos fazer todo o possível para que os camponeses, nos anos de colheita normal, aumentem de ano para ano, os rendimentos pessoais, com base no crescimento da produção.

Muitos dizem que camponeses levam uma vida dura. Será isto verdade? Por um lado, é. Com efeito, a China foi submetida durante mais de um século ao jugo e à exploração dos imperialistas e dos seus agentes, que a transformaram em um país muito pobre, com baixo nível e vida não só para os camponeses, mas também para os operários e intelectuais. Precisaremos de muitas décadas de exaustivos esforços para melhorar, progressivamente, o nível de vida de todo o nosso povo. Neste sentido, “vida dura” é o justo qualificativo. Mas visto de outro ângulo, não o é. Referimo-nos à alegação de que, nos sete anos transcorridos após a libertação, apenas melhorou a vida dos operários e não a dos camponeses. Na realidade, salvo raras exceções, tanto a vida dos operários como a dos camponeses melhorou em certa medida. Após a libertação, os camponeses desembaraçaram-se da exploração dos senhores de terra e sua produção tem aumentado a cada ano. Tomemos como exemplo o caso dos cereais: em 1949, a produção de todo o país mal ultrapassou 105 milhões de toneladas, enquanto que em 1956 foi superior a 180 milhões, o que representa um aumento de cerca de 75 milhões de toneladas. O imposto agrícola recebido anualmente pelo Estado eleva-se somente a uma quinzena de milhões de toneladas, o que não pode ser considerado pesado. A quantidade de cereais que o Estado compra todos os anos dos camponeses, ao preço normal, mal ultrapassa os 25 milhões de toneladas. A quantidade global de cereais atribuída a estes dois últimos

capítulos eleva-se assim a uns 40 milhões de toneladas. No entanto, mais de metade dessa quantidade de cereais é vendida nas aldeias e nas vilas situadas nas imediações daquelas. É, pois, evidente que não se pode dizer que a vida dos camponeses não melhorou. Nós contamos estabilizar, no decurso dos próximos anos, a quantidade global de cereais que recebida dos camponeses a título de imposto e mediante compra feita pelo Estado, em um nível de mais de 40 milhões de toneladas por ano. Isto auxiliará o desenvolvimento da agricultura e a consolidação das cooperativas; permitirá que as poucas famílias de camponeses a quem ainda faltam cereais não voltem a sofrer essa falta; permitirá que todas as famílias camponesas, exceto algumas explorações agrícolas especializadas em culturas industriais, tenham excedentes de cereais ou, pelo menos, disponham de grão em quantidade suficiente para satisfazer suas necessidades; permitirá o desaparecimento dos camponeses pobres nas zonas rurais e fará com que todos os camponeses atinjam ou ultrapassem o nível de vida dos camponeses médios. Não é justo fazer uma comparação superficial dos rendimentos médios anuais de um camponês com os de um operário e deduzir que uns são muito mais baixos e outros excessivamente altos. A produtividade do trabalho dos operários é muito maior do que a dos camponeses, enquanto que o custo de vida destes é muito inferior ao dos operários urbanos. Consequentemente, não se pode dizer que os operários desfrutam de privilégios especiais por parte do Estado. No entanto, não há dúvida que uma pequena parte dos operários e alguns trabalhadores do Estado recebe salários um pouco elevados demais. Os camponeses têm por isto, razão em estar descontentes com tal situação. Daí que se afigura necessário efetuar um reajuste adequado de acordo com as circunstâncias concretas.

IV. O problema dos industriais e dos comerciantes

No domínio da reforma do nosso sistema social, além da cooperação agrícola e artesanal, conseguimos igualmente, em 1956, realizar a transformação das empresas privadas industriais e comerciais em empresas mistas, com capital estatal e privado. A realização rápida e bem-sucedida de tal empreendimento está intimamente ligada ao fato de termos tratado as contradições entre a classe operária e a burguesia nacional como contradições no seio do povo. Estas contradições de classes foram completamente resolvidas? Não, estas não foram completamente resolvidas e ainda é necessário um tempo considerável para que o sejam. Contudo, há pessoas que vão ao ponto de dizer que os capitalistas estão tão reeducados que quase não se distinguem dos operários e que não é necessário prosseguir sua reeducação. Alguns chegam inclusive a afirmar que os capitalistas são um pouco melhores do que os operários. E outros dizem ainda: se a reeducação é necessária, porque é que a classe operária não tem necessidade dela? Serão tais juízos acertados? É claro que não.

Quando se edifica uma sociedade socialista, todos têm necessidade de reeducação, tanto exploradores quanto trabalhadores. Quem é que diz que a classe operária não necessita de reeducação? A reeducação dos exploradores e a dos trabalhadores são naturalmente dois tipos qualitativamente diferentes de reeducação e é necessário não os confundir. No decurso da luta de classes e da luta contra a natureza, a classe operária transforma toda a sociedade e, ao mesmo tempo, reeduca-se a si mesma. A classe operária deve aprender constantemente através do trabalho e libertar-se gradualmente dos seus defeitos. Ela não deve, jamais, deixar de proceder assim. Tomemo-nos a nós, os presentes, como exemplo: muitos de nós fazemos alguns progressos todos os anos, isto é,

reeducamo-nos a cada ano. Eu próprio tinha anteriormente toda a espécie de ideias não marxistas e só mais tarde é que abracei o marxismo. Aprendi um pouco de marxismo nos livros e assim comecei a remodelar as minhas ideias. Contudo, esta transformação efetuou-se principalmente através de uma prolongada luta de classes. E tenho que continuar meus estudos se ainda quiser fazer progressos; de outra maneira, ficarei para trás. Serão os capitalistas tão bons que já não necessitem ser reeducados?

Certas pessoas pretender que a burguesia chinesa já não possui um duplo caráter e sim um caráter único. Será isto verdade? Não. Por um lado, os elementos da burguesia tornaram-se membros do pessoal administrativo das empresas mistas e estão em vias de ser transformados de exploradores em trabalhadores vivendo do seu próprio trabalho; por outro lado, ainda recebem um juro fixo sobre os seus investimentos nas empresas mistas, o que significa que não se desligaram ainda das raízes da exploração. Entre eles e a classe operária existe ainda uma diferença apreciável no domínio dos sentimentos, ideologia e dos hábitos da vida cotidiana. Como é que é possível então afirmar que deixaram de ter duplo caráter? Mesmo que cessem de receber juros fixos e se desembarquem da etiqueta de “burgueses”, continuarão ainda a necessitar de uma reeducação ideológica durante um período considerável. Se a burguesia já não possui um duplo caráter, como pretendem alguns, então deixa de ser necessária para os capitalistas a tarefa de reeducação e estudo.

É necessário, no entanto, dizer que a citada opinião não somente não corresponde à situação real dos industriais e dos comerciantes como também não está de acordo com as aspirações da maioria deles. Durante os últimos anos, a maior

parte tem estudado com diligência e realizado notáveis progressos. A completa transformação, tanto dos industriais, como dos comerciantes, não poderá efetuar-se senão no decurso do trabalho: devem trabalhar lado a lado com os operários e os empregados nas empresas e considerá-los como o centro principal da sua reeducação. É também importante que modifiquem alguns dos seus velhos pontos de vista por meio do estudo, devendo este revestir-se de um carácter voluntário. Após terem participado durante algumas semanas em um curso de estudo, muitos industriais e comerciantes, ao regressarem as suas empresas, descobrem então que falam com mais facilidade uma linguagem comum à dos operários e dos representantes do setor estatal, o que beneficia o trabalho conjunto. Eles compreendem pela sua própria experiência que lhes é útil continuar a estudar e a fazer sua reeducação. A opinião a que acabo de referir, de que não é necessário continuar o estudo e a reeducação, não representa de modo algum o ponto de vista da maioria dos industriais e dos comerciantes. Tal opinião não é senão de uma minoria.

V. A questão dos intelectuais

As contradições no seio do povo manifestam-se também entre os intelectuais. Os vários milhões de intelectuais que antes serviam a velha sociedade passaram a prestar os seus serviços à nova sociedade. Isto levanta um problema: como podem adaptar-se às necessidades da nova sociedade e como podemos nós ajudá-los a fazê-lo? Esta é igualmente uma contradição no seio do povo.

A maior parte dos nossos intelectuais realizaram progressos evidentes no decurso dos sete últimos anos e pronunciaram-se a favor do sistema socialista. Muitos dentre estes

estudam com afinco o marxismo e alguns tornaram-se comunistas. Apesar de pequeno, o número destes últimos não deixa de crescer. Claro que existem ainda alguns intelectuais que duvidam do socialismo ou que o não aprovam; porém, estes são minoria.

A China necessita do maior número possível de intelectuais para levar a cabo a colossal tarefa de edificação do socialismo. Devemos confiar nos intelectuais que estão verdadeiramente dispostos a servir a causa do socialismo, melhorar de maneira radical nossas relações com estes e ajudá-los a resolver todos os problemas cuja solução é necessária para que possam manifestar ativamente todas as suas faculdades. Muitos dos nossos camaradas não sabem unir aos intelectuais. São duros com estes, demonstram falta de respeito com seu trabalho e, no terreno científico e cultural, ingerem-se inoportunamente em questões nas quais não devem intervir. Devemos acabar com todas essas deficiências.

Ainda que a ampla massa dos intelectuais tenha já realizado progressos, não deve, no entanto, contentar-se só com isso. Deve continuar sua reeducação, desembaraçar-se progressivamente da sua concepção burguesa do mundo e adotar a concepção proletária e comunista, para poder satisfazer plenamente as necessidades da nova sociedade e a formar um todo único com os operários e os camponeses. Esta transformação da concepção do mundo é uma transformação radical e, até ao momento presente, não podemos dizer que tenha já sido realizada pela maior parte dos nossos intelectuais. Esperamos que continuem a fazer progressos e que, no decurso do estudo e do trabalho, adquiram gradualmente uma concepção comunista do mundo, assimilem bem o marxismo-leninismo e se identifiquem com os operários e camponeses. Esperamos que não se detenham a meio caminho

ou, o que seria pior, que não façam marcha atrás, porque, se assim procedessem, isso os levaria a um impasse. Uma vez que se operou uma transformação no sistema social do nosso país e que a base econômica da ideologia burguesa foi no seu aspecto essencial destruída, não só é necessário como também é possível que muitos dos nossos intelectuais transformem a sua concepção do mundo. Contudo, a transformação radical da concepção do mundo exige um lapso de tempo bastante prolongado. Por isto, devemos atuar com paciência e evitar todas as precipitações. Não faltarão certamente pessoas que de maneira algum quererão aceitar ideologicamente o marxismo-leninismo e o comunismo. Não devemos exigir muito destas. Enquanto se submeterem às exigências do Estado e se entregarem a atividades lícitas, devemos conceder-lhes a possibilidade de se dedicarem a trabalho apropriado.

Nestes últimos tempos tem-se verificado uma quebra no trabalho ideológico e político entre intelectuais e jovens estudantes e surgiram certos desvios. A algumas pessoas parece-lhes que já não é necessária a preocupação com a política, com o futuro da pátria e com os ideais da humanidade. Parece-lhes que o marxismo, tão na moda em certa época, já não está agora. Para enfrentar tal situação é necessário reforçar o nosso trabalho ideológico e político. Tanto os intelectuais, quanto os jovens estudantes devem estudar com afinco. Além do estudo das suas especialidades, devem fazer progressos, tanto ideológica como politicamente, isto é, devem estudar o marxismo, os problemas da atualidade e as questões políticas. Não possuir um ponto de vista político correto é como não ter alma. A reeducação ideológica já realizada foi necessária e deu resultados positivos. No entanto, os métodos empregados foram rudes, o que feriu algumas pessoas.

Isto não está certo. Futuramente, é preciso evitar tais deficiências. Todos os departamentos e organizações devem assumir as suas responsabilidades no trabalho ideológico e político. Isso aplica-se tanto ao Partido Comunista como à Liga da Juventude, aos departamentos governamentais encarregados desse trabalho e, em especial, aos diretores e professores dos estabelecimentos de ensino. A nossa política no domínio da educação deve permitir que todos os que recebem se desenvolvam moral, intelectual e fisicamente e se converta em trabalhadores dotados de uma cultura e consciência socialistas. Devemos divulgar o espírito de edificar nosso país com aplicação e economia. Devemos fazer toda a juventude compreender que nosso país é ainda muito pobre, que é impossível modificar radicalmente esta situação em pouco tempo e que somente através dos esforços conjugados da nova geração e de todo o povo, trabalhando com suas próprias mãos, é que nosso país poderá, no decurso de várias décadas, se transformar em um país próspero e poderoso. A instauração do regime socialista abriu-nos o caminho que conduz a uma sociedade ideal; mas para que essa sociedade ideal se converta em realidade, temos que trabalhar duramente. Certos jovens pensam que, por vivermos em uma sociedade socialista, tudo deve marchar às mil maravilhas e que, sem despende quaisquer esforços para isto, podem fruir uma vida de felicidade. Este pensamento não é realista.

VI. A questão das minorias nacionais

Em nosso país, as minorias nacionais constituem uma população de mais de 30 milhões de habitantes. Apesar de não representarem mais do que 6% da população total do país, habitam, no entanto, vastas regiões que abarcam cerca de 50% a 60% da área total do território nacional. Por isto, é

uma necessidade imperiosa o estabelecimento de boas relações entre os Hans e as minorias nacionais. A chave deste problema está em superarmos o chauvinismo Han. É necessário, ao mesmo tempo, superar o nacionalismo regionalista das minorias nacionais onde quer que se manifeste. Tanto o chauvinismo Han, quanto o nacionalismo regionalista dificultam a unidade entre as nacionalidades; são contradições existentes no seio do povo que devem ser superadas. Já fizemos certo trabalho nesse sentido, havendo, em relação ao passado, uma grande melhoria nas relações entre as nacionalidades, na maior parte das regiões habitadas por minorias nacionais. Mas há ainda alguns problemas por resolver. Em certas regiões existem ainda, em grau elevado, tanto o chauvinismo Han, como o nacionalismo regionalista, motivo pelo qual é necessário dispensar-lhes uma grande atenção. Graças aos esforços realizados nos últimos anos por todas as nacionalidades, as reformas democráticas e as transformações socialistas foram já realizadas, no essencial, na imensa maioria das regiões do nosso país habitadas por minorias nacionais. As reformas democráticas não foram até agora realizadas no Tibet porque as condições ainda não estão maduras. Em conformidade com o Acordo em 17 Pontos concluído entre o Governo Popular Central e o governo local do Tibet, a reforma do regime social será realizada, mas não devemos nos impacientar: a decisão sobre o momento em que convirá proceder a tal reforma não pode ser tomada senão quando a grande maioria dos tibetanos e seus dirigentes a julgarem praticável. Por agora, tomou-se a decisão de não aplicar reformas no Tibet durante o período do segundo plano quinquenal. Quanto à questão de saber se as mesmas reformas serão aplicadas no período do terceiro plano quinquenal, não poderá ser resolvida a não ser de acordo com a situação apresentada.

VII. Planificação geral e disposições apropriadas

A planificação geral que se refere aqui é a planificação geral que leva em conta o conjunto dos interesses dos 600 milhões de habitantes do nosso país. Ao traçar os planos, ao realizar os trabalhos e ao meditar nos problemas, devemos ter sempre em mente que nosso país tem uma população de 600 milhões de habitantes. Seja em que caso for, não devemos nunca perder isto de vista. Porque levantamos esta questão? Existirão ainda pessoas que não sabem que nosso país tem 600 milhões de habitantes? Claro que todo mundo o sabe; mas, na prática, alguns esquecem-se deste fato e procedem como se pensassem que tanto melhor será quanto menos gente houver, e quanto mais reduzida for a esfera da sua atividade. Os que são pela “esfera reduzida” opõem-se à ideia de pôr em jogo todos os fatores positivos, de unir todas as pessoas suscetíveis de serem unidas e de, na medida do possível, transformar fatores negativos em fatores positivos, de modo a pô-los ao serviço da grande causa da edificação da sociedade socialista. Espero que essas pessoas alarguem os seus horizontes, que reconheçam verdadeiramente que nosso país tem uma população de 600 milhões de habitantes, que isto é um fato objetivo e constitui para nós uma vantagem capital. A numerosa população do nosso país é uma coisa boa, mas é claro que também levanta dificuldades. A nossa obra de edificação nacional se desenvolve vigorosamente em todos os domínios; obtivemos grandes sucessos, mas no período atual de transição – rico em grandes transformações sociais – ainda nos deparamos com problemas complexos. A existência simultânea de progressos e dificuldades – eis aqui precisamente uma contradição. Ora, todas as contradições devem e podem ser completamente resolvidas. A nossa orientação é fazer a planificação geral e tomar as disposições apropriadas.

Em todos os nossos problemas, quer se trate de cereais, de calamidades naturais, do emprego, da educação, dos intelectuais, da frente única de todas as forças patrióticas, do problema das minorias nacionais ou de qualquer outra coisa, devemos partir sempre do princípio da planificação geral que tome em consideração a totalidade do povo e devemos tomar as medidas adequadas à luz das possibilidades concretas em cada momento e lugar, uma vez consultados os interessados. Em nenhum caso devemos voltar as costas ao trabalho, queixando-nos que há pessoas a mais, que estão muito atrasadas e que o trabalho é de realização pesada e difícil. Significa isto que o governo tomará a seu exclusivo cargo todas as pessoas e todas as questões? Seguramente que não. As organizações sociais e as próprias massas podem elaborar e aplicar medidas destinadas a resolver muitas questões que afetam tanto coisas, como pessoas. São perfeitamente capazes de encontrar soluções excelentes. Isto também faz parte do princípio da planificação geral e das disposições apropriadas. Devemos transmitir esta orientação às organizações sociais e às massas de todas as regiões do país.

VIII. Sobre as palavras de ordem “Que cem flores desabrochem”, “Quem cem escolas rivalizem” e “Coexistência duradoura e controle mútuo”

Como é que foram formuladas as palavras de ordem “Que cem flores desabrochem”, “Que cem escolas rivalizem” e “Coexistência duradoura e controle mútuo”? Estas foram formuladas à luz das condições específicas da China, com base do reconhecimento de várias espécies de contradições ainda existentes na sociedade socialista e com base das exigências prementes do Estado, que necessita de rápido desenvolvimento, tanto econômico como cultural. A política “Que

cem flores desabrochem” e “Que cem escolas rivalizem” é a política para estimular o progresso da arte e da ciência e o florescimento da cultura socialista em nosso país. Na arte, podem desenvolver-se livremente distintas formas e estilos; na ciência, diferentes escolas podem rivalizar livremente. Julgamos que a imposição, por meio de medidas administrativas, de um só estilo e de uma só escola, e a proibição de outros estilos ou escolas, dificultam o progresso da arte e da ciência. O problema do correto e do errado na arte e na ciência deve resolver-se pela livre discussão nos meios artísticos e científicos e no decurso da prática da arte e da ciência. Esse problema não deve ser resolvido por métodos simplistas. A determinação do correto e do errado exige muitas vezes um certo período de tempo de experiência. A história ensina que muitas vezes o que é novo e correto não é nos primeiros momentos admitido pela maioria dos homens e não pode desenvolver-se a não ser na luta e através de caminhos sinuosos. Acontece muitas vezes que o correto e o bom não são considerados ao princípio como flores perfumadas, mas, pelo contrário, como ervas venenosas. A teoria de Copérnico sobre o sistema solar e a teoria da evolução de Darwin foram consideradas erradas quando surgiram e só se impuseram através de uma árdua luta. A história da China oferece também numerosos exemplos análogos. Na sociedade socialista, as condições necessárias ao desenvolvimento das coisas novas são radicalmente diferentes e muito mais favoráveis do que as condições na sociedade antiga. Não obstante, sucede ainda com frequência as forças nascentes serem entravadas e as iniciativas razoáveis impedidas. O crescimento das coisas novas pode também ser entravado não pela vontade deliberada do fazer, mas sim por falta de um claro discernimento. Eis porque, para determinar o correto e o errado nas ciências e nas

artes, é necessário adotar-se uma atitude prudente, encorajar a livre discussão e não tirar conclusões prematuras. Cremos que esta última atitude pode assegurar um desenvolvimento relativamente fácil da ciência e da arte.

O marxismo desenvolveu-se também através da luta. No princípio, foi alvo de todo tipo de ataques e considerado como uma erva venenosa. Ainda hoje continua a ser objeto de ataques e considerado como uma erva venenosa em numerosos lugares do mundo. Todavia, nos países socialistas, o marxismo ocupa uma posição bem diferente. Mas até mesmo nos países socialistas existem ainda ideias não marxistas e, inclusive, até ideias antimarxistas. Na China, embora no essencial se tenha concluído a transformação socialista, no que diz respeito ao sistema de propriedade, e tenham cessado as vastas e tempestuosas lutas de classes travadas pelas massas e próprias dos períodos revolucionários anteriores, subsistem ainda vestígios das classes derrubadas, dos senhores de terras e compradores; subsiste ainda uma burguesia, e a transformação da pequena burguesia ainda está no começo. De modo nenhum terminou a luta de classes. A luta de classes entre o proletariado e a burguesia, entre as diversas forças políticas, bem como, no plano ideológico, entre o proletariado e a burguesia, será ainda prolongada e sinuosa e, por vezes, se tornará inclusivamente muito encarniçada. O proletariado procura transformar o mundo conforme sua concepção do mundo e o mesmo se passa com a burguesia. A este respeito, a questão de saber quem vencerá, se o socialismo ou o capitalismo, não está verdadeiramente decidida. Os marxistas são até o presente uma minoria, tanto no conjunto da população, como no seio dos intelectuais. Assim, tal como no passado, o marxismo deve desenvolver-se por intermédio da luta: isto é

válido não só para o passado e o presente, como também necessariamente para o futuro. O que é correto desenvolve-se sempre em um processo de luta contra o que não é. A verdade, o bom e o belo existem sempre por contraste com o falso, o mau e o feio e desenvolve-se na luta contra estes. Logo que uma ideia errada é rejeitada pela humanidade e substituída por uma ideia correta, uma nova ideia correta entra em luta contra novas ideias erradas. Esta luta jamais terminará; tal é a lei do desenvolvimento da verdade e tal é também, evidentemente, a lei do desenvolvimento do marxismo.

É ainda necessário um longo período para se decidir o resultado da luta ideológica travada em nosso país entre o socialismo e o capitalismo, visto que a influência da burguesia e dos intelectuais que provêm da velha sociedade persistirá ainda na China durante muito tempo como ideologia de classe. Se não compreendermos bem esta situação, ou se não a compreendermos totalmente, correremos o risco de cometer o mais grave dos erros, o de ignorar a necessidade de conduzir a luta no plano ideológico. A luta ideológica difere das restantes formas de luta: não consente a aplicação de métodos brutais de coação, mas apenas o método da argumentação paciente. O socialismo dispõe atualmente de condições favoráveis na luta ideológica. A força principal do poder do Estado encontra-se nas mãos dos trabalhadores, dirigidos pelo proletariado. O Partido Comunista é forte e seu prestígio é muito grande. Embora existam deficiências e erros no nosso trabalho, qualquer indivíduo imparcial pode ver que somos leais ao povo, que estamos plenamente decididos e aptos a edificar bem a nossa pátria conjuntamente com o povo, que já obtivemos grandes êxitos e ainda obteremos outros maiores. A grande maioria dos elementos burgueses e dos intelec-

tuais originários da velha sociedade são patriotas; estes elementos estão dispostos a servir a sua florescente pátria socialista e sabem que ao ser apartarem da causa do socialismo e do povo trabalhador dirigido pelo Partido Comunista, não terão mais em quem apoiar-se e que não se lhes abrirá nenhum futuro brilhante.

Poder-se-á perguntar: pode o marxismo ser criticado, uma vez que a maioria das pessoas do nosso país já o reconheceu como ideologia orientadora? Com certeza. O marxismo, como verdade científica que é, não teme a crítica. Se o marxismo temesse as críticas e pudesse ser derrotado por estas, então não teria valor algum. Na realidade, não é o marxismo criticado diariamente e de todas as maneiras possíveis pelos idealistas? Não é verdade que as pessoas que se atêm aos pontos de vistas burgueses e pequeno-burgueses e que não desejam modificá-los criticam de todas as maneiras possíveis o marxismo? Os marxistas não devem temer a crítica, venha de onde vier. Pelo contrário, devem temperar-se, desenvolver-se e conquistar novas posições no calor da crítica e na tormenta da luta. Lutar contra as ideias erradas é como uma vacina; o organismo humano fortalece sua imunidade graças à ação da vacina. As plantas de estufa não podem chegar a ser robustas. A política de “Que cem flores desabrochem” e “Que cem escolas rivalizem”, longe de enfraquecer a posição orientadora do Marxismo no plano ideológico, pelo contrário, a reforçará.

Qual deverá ser a nossa política em relação às ideias não marxistas? Em relação aos contrarrevolucionários declarados e aos elementos que sabotam a causa socialista, a questão é fácil: privamo-los simplesmente da liberdade de palavra. Mas o assunto apresenta-se de maneira bem diferente quando se trata de ideias incorretas existentes no seio do povo.

Pode-se banir tais ideias e não se lhes dar oportunidade de se manifestarem? Naturalmente que não. A aplicação de métodos simplistas para resolver problemas ideológicos no seio do povo e problemas relativos ao mundo espiritual do homem não só é ineficaz como é também extremamente pernicioso. Pode-se proibir a expressão de ideias erradas, mas tais ideias continuarão a existir. Por outro lado, se as ideias corretas forem cultivadas em estufas, sem serem expostas aos ventos e às chuvas e sem serem imunizadas, não poderão triunfar quando se defrontarem com as ideias erradas. Por isso, só a discussão, a crítica e a argumentação nos permitem, na realidade, desenvolver as ideias corretas, eliminar as erradas e resolver os problemas.

A burguesia e a pequena burguesia hão de, fatalmente, manifestar a sua ideologia. Obstinar-se-ão, inevitavelmente, em afirmar-se por todos os meios nos domínios político e ideológico. Não se deve esperar que atuem de outro modo. Não devemos usar o método da repressão para impedi-las de se manifestar; pelo contrário, devemos dar-lhes essa possibilidade e, ao mesmo tempo, argumentar e criticá-las apropriadamente. Não há dúvida que temos que criticar todos os tipos de ideias erradas. Claro que é inadmissível renunciar à crítica, ficar indiferente enquanto as ideias erradas se propagam por toda a parte, permitir-lhes que dominem a situação. Os erros devem ser criticados e as ervas venenosas arrancadas onde quer que cresçam. Contudo, tal crítica não deve ser dogmática, não se deve usar o método metafísico, mas sim fazer esforços por aplicar o método dialético. Aquilo que necessitamos é de uma análise científica e de uma argumentação convincente. A crítica dogmática nada resolve. Combatamos toda a espécie de ervas venenosas; contudo, devemos distinguir cuidadosamente o que é na verdade erva venenosa e o que é

uma autêntica flor perfumada. Devemos aprender, juntamente com as massas populares, a estabelecer esta cuidadosa distinção e a usar métodos corretos para combater as ervas venenosas.

Paralelamente à crítica ao dogmatismo, devemos efetuar à crítica ao revisionismo. O revisionismo ou oportunismo de direita é uma corrente ideológica burguesa ainda mais perigosa do que o dogmatismo. Os revisionistas, os oportunistas de direita, defendem em palavras o marxismo e atacam o “dogmatismo”. Na realidade, porém, o que atacam é a própria essência do marxismo. Eles combatem ou deturpam o materialismo e a dialética, combatem ou tentam enfraquecer a ditadura democrática popular e o papel dirigente do Partido Comunista, assim como combatem ou tentam enfraquecer a transformação e construção socialistas. Mesmo depois da vitória quanto ao essencial da revolução socialista no nosso país, ainda existem pessoas que sonham restaurar o sistema capitalista e que combatem a classe operária em todas as frentes, inclusive na frente ideológica. Nessa luta, os revisionistas são seus melhores ajudantes.

Aparentemente, as duas palavras de ordem “Que cem flores desabrochem” e “Que cem escolas rivalizem” não têm caráter de classe: podem ser utilizadas pelo proletariado, assim como pela burguesia e por outras pessoas. Mas cada classe, cada camada social e cada grupo social tem sua própria noção acerca das flores perfumadas e das ervas venenosas. Ora, então pergunta-se: do ponto de vista das grandes massas populares, quais são presentemente os critérios para distinguir as flores perfumadas das ervas venenosas? Como determinar, na vida política do nosso povo, se as nossas palavras e atos são ou não corretos? Nós pensamos que com

base nos princípios da nossa Constituição, na vontade da esmagadora maioria do nosso povo e nas posições políticas comuns proclamadas em várias ocasiões pelos nossos partidos e grupos políticos, é possível formular, em termos gerais, o critério seguinte:

As palavras e os atos devem: 1) favorecer a unidade e não a divisão do nosso povo de distintas nacionalidades. 2) beneficiar e não prejudicar a transformação e construção socialistas. 3) ajudar a consolidar e não minar ou enfraquecer a ditadura democrática popular. 4) ajudar a consolidar e não a minar ou enfraquecer o centralismo democrático. 5) ajudar a reforçar e não a rejeitar ou enfraquecer a direção do Partido Comunista. 6) favorecer e não prejudicar a unidade socialista internacional e a unidade internacional entre todos os povos do mundo amantes da paz.

Dentre estes seis critérios, os mais importantes são o da via socialista e o do papel dirigente do Partido. Todos são elaborados com o fim de desenvolver e não de entrar a livre discussão dos diversos problemas existentes no seio do povo. Aqueles que os não aprovam podem formular seus próprios pontos de vista e defendê-los. Contudo, logo que a maioria das pessoas tiver critérios bem definidos, a crítica e a autocrítica poderão ser conduzidas por vias justas e se poderá, pela aplicação desses critérios, determinar se as palavras e os atos das pessoas são corretos ou não, se se trata de flores perfumadas ou de ervas venenosas. Os critérios referidos são critérios políticos. Claro que para a determinação da justeza das teorias científicas ou do valor artístico das obras de arte é necessário utilizar outros critérios específicos. Contudo, os seis critérios políticos já mencionados são aplicáveis a toda a atividade científica e artística. Em um país socialista como o

nosso poderá existir alguma atividade científica ou artística útil que vá contra esses critérios políticos?

Todos os pontos de vista expostos têm por base as condições históricas concretas da China. As condições variam nos diferentes países socialistas e com os diferentes partidos comunistas; por esta razão, não pensamos de maneira nenhuma que esses partidos e países devam ou sejam obrigados a aplicar os métodos chineses.

A palavra de ordem “Coexistência duradoura e controle mútuo” é também um produto das condições históricas concretas no nosso país. Ela não foi formulada de repente, mas sim amadurecida ao longo de vários anos. A ideia de coexistência duradoura é antiga entre nós. No ano passado, no qual o regime socialista foi instaurado no fundamental, essa palavra de ordem foi formulada em termos explícitos. Por que razão é então necessário admitir a coexistência prolongada dos partidos democráticos da burguesia e da pequena burguesia com o partido político da classe operária? Porque não temos motivos para não aplicar a política de coexistência duradoura em relação a todos os partidos sinceramente dedicados à tarefa de unir o povo à causa do socialismo e que gozam da confiança do povo. Já em junho de 1950 eu disse, na Segunda Sessão da Conferência Política Consultiva do Povo Chinês: “se alguém deseja realmente servir o povo, se ajudou realmente o povo nos seus períodos difíceis, se procedeu de um modo correto e continua a fazê-lo com determinação, nem o povo, nem o Governo Popular têm motivo para rejeitá-lo ou negar-lhe a possibilidade de existir e de prestar serviços”.

Isto que eu disse nessa altura constitui precisamente a base política da coexistência duradoura dos diferentes partidos. O desejo do Partido Comunista, e também a sua orienta-

ção política, é a coexistência duradoura com os demais partidos democráticos. Contudo, a existência prolongada desses partidos não depende exclusivamente dos desejos do Partido Comunista; depende igualmente da sua forma de atuar e do grau de confiança de que gozam junto às massas populares. Existe há muito tempo o controle mútuo entre os partidos políticos quanto à crítica e conselhos recíprocos. O controle mútuo não é, evidentemente, um controle unilateral; o Partido Comunista pode controlar os partidos democráticos e estes podem também exercer o mesmo direito em relação ao Partido Comunista. Por que razão se admite que os partidos democráticos controlem o Partido Comunista? Porque um partido, tal como um indivíduo, tem grande necessidade de escutar as opiniões diferentes das suas. Todos nós sabemos que o controle sobre o Partido Comunista é essencialmente feito pelas massas trabalhadoras e pelos seus militantes. Porém, será para nós mais proveitosos ainda se os partidos democráticos participarem também deste controle. É evidente que a troca de conselhos e de críticas entre os partidos democráticos e o Partido Comunista apenas desempenhará um papel positivo no domínio do controle mútuo ao se conformar aos seis critérios políticos já expostos. Esperamos por isso que os outros partidos democráticos dispensem a necessária atenção à reeducação ideológica e que se esforcem para chegar a uma coexistência duradoura e ao controle mútuo com o Partido Comunista, para que possam corresponder às necessidades da nova sociedade.

IX. A questão das desordens provocadas por um pequeno número de pessoas

Em 1956, um pequeno número de operários e estudantes entrou em greve em um número reduzido de localidades

do país e a causa imediata de tais desordens foi o fato de não terem sido satisfeitas algumas reivindicações materiais. Algumas dessas reivindicações deviam e podiam ter sido satisfeitas; outras, inoportunas ou exageradas, não o podiam ser no momento. Mas o fator mais importante das desordens foi o burocratismo dos dirigentes. A responsabilidade de determinados erros ocasionados pelo burocratismo deve ser, em alguns casos, imputada aos organismos superiores; não devemos fazer recair toda a responsabilidade sobre os organismos dos escalões inferiores. Outras das causas das desordens foi a insuficiente educação ideológica e política ministrada aos operários e aos estudantes. No mesmo ano, um reduzido número de membros de cooperativas agrícolas gerou também distúrbios cujas causas principais foram o burocratismo da parte dos dirigentes e a educação insuficiente das massas.

É preciso reconhecer que determinados elementos das massas têm, muitas vezes, tendência para concentrar a sua atenção nos interesses imediatos, parciais e individuais, e não compreendem, ou não compreendem devidamente, o que representam os interesses nacionais e coletivos a longo prazo. Uma boa parte da juventude, por falta de experiência política e de convivência social, não sabe comparar a velha China com a nova, não compreende a fundo, facilmente, quão dura e difícil foi a luta do nosso povo para se libertar do jugo do imperialismo e dos reacionários do Kuomintang, assim como o trabalho tenaz que é necessário realizar, com afinco, durante um longo espaço de tempo, para edificar uma radiosa sociedade socialista. Por esta razão, devemos empreender, ininterruptamente, uma educação que deverá comportar o esclarecimento constante da verdade acerca das dificuldades que surgem e a discussão com as massas sobre o modo de as resolver.

Não aprovamos os distúrbios, porque as contradições existentes no seio do povo podem ser resolvidas de acordo com a fórmula “unidade-crítica-unidade”, enquanto que distúrbios causam inevitavelmente prejuízos e são perniciosos para o desenvolvimento da causa socialista. Estamos seguros de que as grandes massas populares do nosso país apoiam o socialismo, são altamente disciplinadas e sensatas e que nunca provocarão desordens sem que tenham motivos para isto. Porém, isso não significa que esteja excluída a possibilidade de haver desordens no nosso país entre as massas. Em relação a esta questão, devemos prestar atenção ao seguinte: 1) para eliminar radicalmente as causas das desordens, devemos extirpar resolutamente o burocratismo, intensificar consideravelmente a educação ideológica e política e resolver de maneira adequada todas as contradições. De modo geral, a simples satisfação destas condições elimina a possibilidade do surgimento de desordens. 2) no caso de surgirem desordens devido a defeitos verificados no nosso trabalho, é preciso conduzir a um bom caminho as massas que nestas participarem, bem como utilizar as mesmas desordens como um meio particular para melhorar nosso trabalho, educar os quadros e as massas e resolver as questões que o não tivessem sido antes. Na resolução dos problemas causadores dos distúrbios é necessário efetuar um trabalho minucioso, não empregar métodos simplistas, nem “ter pressa em declarar o assunto encerrado”. Os instigadores de desordens não devem ser sumariamente afastados de seus postos de trabalho, excetuando os que tenham transgredido o Código Penal e os contrarrevolucionários ativos, os quais devem ser tratados em conformidade com a lei. Em um país grande como o nosso, não há razão para alarmes por desordens provocadas por um

pequeno número de pessoas; antes pelo contrário, essas desordens devem ajudar-nos a extirpar o burocratismo.

Na nossa sociedade existe igualmente um pequeno número de pessoas que não pensam no interesse público, recusam-se a ouvir a voz da razão, cometem crimes e violam as leis. Acontece utilizarem e desnaturarem essas pessoas a nossa política, apresentando deliberadamente exigências irracionais a fim de excitar as massas ou, com intenções preconcebidas, difundirem rumores para semear a confusão e alterar a ordem pública. Não temos a intenção de deixar essas pessoas atuar a seu bel-prazer. Pelo contrário, devemos adotar contra estas todas as medidas de repressão previstas na lei. As grandes massas exigem a sua punição; não o fazer é agir contra a sua vontade.

X. É possível uma coisa má transformar-se em uma coisa boa?

Como já disse, as desordens provocadas na nossa sociedade por pequenos grupos de pessoas são uma coisa má e nós não as aprovamos. No entanto, tais incidentes podem servir para destes tirarmos lições, para eliminar o burocratismo e educar os quadros e as massas. Neste aspecto, uma coisa má pode transformar-se em uma coisa boa. As desordens têm um caráter duplo. Todas podem ser encaradas deste ângulo.

Todos entendem que os acontecimentos da Hungria não foram uma coisa boa. Porém, estes também possuem um duplo caráter. Dado que nossos camaradas húngaros tomaram medidas justas no decurso dos acontecimentos, estes transformaram-se de uma coisa má em uma coisa boa. O Estado húngaro tornou-se mais sólido do que antes e os outros países do campo socialista tiraram igualmente lições dos acontecimentos.

A campanha anticomunista e antipopular desencadeada à escala mundial, na segunda metade de 1956, foi também uma coisa má. Porém, serviu de lição aos partidos comunistas e à classe operária dos diferentes países e temperou-os, transformando-os assim em uma coisa boa. Em numerosos países, uma boa parte dos membros dos partidos comunistas desertou durante essa campanha. Essa deserção provocou uma redução dos efetivos dos partidos, o que é, evidentemente, uma coisa má; mas teve também um lado bom. Os elementos vacilantes não quiseram permanecer nas fileiras do partido e desertaram, ao passo que a maioria dos membros, firmes na sua convicção, uniram-se de maneira ainda mais sólida para a luta. Não será isso uma coisa boa?

Em resumo: devemos aprender a examinar as questões sob todos os aspectos, tanto no seu aspecto positivo, quanto no negativo. Em condições determinadas, uma coisa má pode produzir bons resultados e, por sua vez, uma coisa boa pode produzir maus resultados. Há mais de dois mil anos, dizia Lao Tsé: “é na desgraça que vive a felicidade e é na felicidade que se esconde a desgraça”. Os japoneses consideraram como sendo uma vitória a invasão da China pelo exército japonês. Os chineses consideraram como sendo uma derrota a ocupação, pelo agressor, de castas áreas territoriais da China. No entanto, na derrota da China vivia o germe da vitória e a vitória do Japão escondia a sua derrota. Não foi isso que a história confirmou?

Em todos os países do mundo, as pessoas discutem hoje sobre a eventualidade do desencadeamento de uma III Guerra Mundial. Nós devemos estar psicologicamente preparados para essa eventualidade e devemos abordar as coisas de um ponto de vista analítico. Nós somos resolutamente pela

paz e contra a guerra. Não obstante, se os imperialistas insistem em desencadear a guerra, nós não a devemos temer. A nossa atitude perante esta questão é a mesma a adotar perante qualquer “desordem”: em primeiro lugar, nós somos contra; em segundo lugar, não a tememos. A I Guerra Mundial foi seguida pelo nascimento da URSS, com 200 milhões de habitantes; a II Guerra Mundial foi seguida pela formação do campo socialista, que abarca uma população de 900 milhões. Se os imperialistas insistirem, apesar de tudo, em desencadear uma terceira guerra mundial, é certo que outras centenas de milhões de homens passarão para o lado do socialismo; restará assim pouco terreno para os imperialistas, e a ruína total do sistema imperialista será igualmente possível.

Em determinadas condições, cada um dos dois aspectos opostos de uma contradição transforma-se inevitavelmente no seu contrário respectivo, como resultado da luta entre eles. Neste caso, as condições são importantes. Sem estas condições, nenhum dos dois aspectos opostos poderá transformar-se no seu contrário respectivo. De todas as classes do mundo, é o proletariado que mais deseja transformar a sua situação; segue-lhe o semiproletariado. Isto porque o primeiro nada tem e o segundo quase nada tem. A situação atual de controle da maioria dos votos na ONU e do controle de numerosas regiões do mundo, exercido pelos Estados Unidos, é uma situação transitória. Virá necessariamente o dia em que esta situação se transformará. A situação da China como um país pobre cujos direitos são negados na arena internacional também se transformará: o país pobre transformar-se-á em país rico, a ausência de direitos transformar-se-á na plenitude de direitos, isto é, produzir-se-á a transformação das coisas

nos seus contrários. Neste caso, as condições que desempenham um papel decisivo são o regime socialista e os esforços conjugados de todo um povo unido.

XI. Sobre a realização de economias

Quero aqui falar brevemente da prática de economias. Nós queremos empreender uma obra de edificação de grande envergadura, mas nosso país é ainda muito pobre. Nisto reside uma contradição. Uma das maneiras de a resolver consiste no emprego de esforços contínuos na aplicação de um regime rigoroso de economias que abranja a totalidade dos domínios.

Em 1952, durante o movimento contra os “três males”, combatemos a corrupção, o esbanjamento e o burocratismo, tendo sido os esforços despendidos centrados essencialmente no combate à corrupção. Em 1955, advogamos a prática de um regime de economias; nossa maior atenção incidiu sobre a luta contra as normas excessivas nas construções de base de carácter improdutivo e sobre a economia de matérias-primas na produção industrial. Os nossos sucessos foram notáveis neste domínio. No entanto, a política de fazer economias não era ainda aplicada conscientemente em todos os ramos da economia nacional, nem nas administrações, nas unidades do exército, nos estabelecimentos de ensino e nas organizações de massas em geral. Este ano temos que estimular a realização de economias e lutar contra o esbanjamento em todos os aspectos da vida do país. Ainda não possuímos uma experiência suficiente no domínio da edificação. Durante os últimos anos, paralelamente a grandes sucessos, houve também esbanjamentos. Nós devemos construir progressivamente um certo número de empresas modernas de grandes dimensões como ossatura da nossa indústria; sem

estas não seremos capazes de transformar nosso país, no decurso de algumas décadas, em uma moderna potência industrial. Mas a maioria das nossas empresas não deve ser construída a essa escala; temos que criar mais empresas médias e pequenas, aproveitar ao máximo a base industrial herdada da velha sociedade e tratar, por todos os meios, de realizar economias, de modo a que se possa fazer mais coisas com menos dinheiro. Depois de o Comitê Central do Partido Comunista da China ter destacado ainda com mais ênfase, na Segunda Sessão Plenária, em novembro de 1956, o princípio da prática de um regime de rigorosa economia e de luta contra o esbanjamento, foram já obtidos bons resultados no decurso dos últimos meses. O atual movimento para observação do regime da rigorosa economia deve ser consequente e duradouro. A luta contra o esbanjamento, assim como a crítica a outras deficiências e erros, pode ser comparada com o ato de lavar o rosto. Não lavam o rosto as pessoas todos os dias? O Partido Comunista, os partidos democráticos, os democratas sem partido, os intelectuais, os industriais e os comerciantes, os operários, camponeses e artesãos, em uma palavra, todos nós – os 600 milhões de habitantes da China – devemos aumentar a produção, fazer economias e lutar contra o desperdício e o esbanjamento. Isto é de importância primordial não somente sob o ponto de vista econômico, como também sob o ponto de vista político. Entre muitos dos nossos funcionários do Estado manifesta-se atualmente uma perigosa tendência, que se traduz na sua falta de desejo de compartilhar com as massas as alegrias e as dificuldades e na sua aspiração a posições destacadas e a benefícios individuais. Isto é muito mau. No decorrer da campanha para o aumento da produção e para a realização das economias, exigimos a redução do pessoal das nossas organizações: muitos quadros devem ser transferidos

para os organismos do escalão inferior e um grande número deve retornar para a produção. Este é um dos métodos para vencer essa tendência perigosa. Deve-se lembrar incessantemente a todos os quadros e a todo povo que, apesar da China ser um grande país socialista, é, ao mesmo tempo, um país pobre e economicamente atrasado e que nisto reside uma enorme contradição. Se queremos ver uma China rica e poderosa, devemos nos preparar para algumas décadas de trabalho intensivo, o que exige, entre outras coisas, a aplicação da política de edificar nosso país através de um trabalho assíduo e pleno de abnegação, isto é, através da prática de um regime rigoroso de economias e de luta contra o esbanjamento.

XII. A via para a industrialização da China

Ao examinar a questão da nossa via para a industrialização, me deterei aqui, sobretudo, na correlação entre o crescimento das indústrias pesada e ligeira e o da agricultura. É necessário afirmar que a indústria pesada é o centro da edificação econômica do nosso país. Porém, é necessário conceder ao mesmo tempo uma total atenção ao desenvolvimento da agricultura e da indústria ligeira.

Sendo a China um grande país agrícola cuja população rural atinge mais de 80% da população global, o desenvolvimento da indústria e da agricultura devem efetuar-se paralelamente. Somente assim, a indústria poderá dispor de matérias-primas e de mercado e somente assim será possível a acumulação de fundos relativamente grandes para a criação de uma poderosa indústria pesada. Todos sabem que a indústria ligeira e a agricultura estão estreitamente ligadas entre si. Sem agricultura não pode haver indústria ligeira. Mas muitas pessoas não compreendem ainda que a agricultura constitui um mercado importante para a indústria pesada. Isto será, no

entanto, compreendido mais facilmente logo que, com o avanço gradual da técnica agrícola e a modernização constante da agricultura, esta venha a exigir, em um ritmo crescente, máquinas, adubos, obras hidráulicas, energia elétrica e meios de transporte, assim como carburantes e materiais de construção para a população rural. Se, nos períodos do segundo e do terceiro planos quinquenais, nossa agricultura se desenvolver mais ainda, provocando deste modo um desenvolvimento paralelo da indústria ligeira, toda a nossa economia nacional beneficiará com isso. O desenvolvimento da agricultura e da indústria ligeira assegurará à indústria pesada os seus mercados e os seus fundos e acelerará o seu desenvolvimento. À primeira vista, parece que o ritmo da industrialização decaiu um tanto; contudo, isto não é verdade e pode mesmo acontecer que ela aumente de ritmo. Em três planos quinquenais, ou talvez um pouco mais, a produção anual de aço do nosso país pode mesmo passar de 900 mil e tantas toneladas – produção anual máxima antes da libertação registrada em 1943 – para 20 milhões de toneladas ou mais, resultado que alegrará certamente tanto a população urbana como a população rural.

Não é minha intenção falar hoje demoradamente sobre as questões econômicas. Com apenas sete anos dedicados à edificação econômica, nossa experiência não é ainda suficiente e precisamos, obviamente, adquirir ainda muito mais. Para fazer a revolução, faltava-nos também experiência logo no início. Foi somente após sofrer um certo número de reveses que a adquirimos e que alcançamos a vitória em todo o país. Agora, devemos proceder de modo que o período necessário para adquirir a experiência da edificação econômica seja menos longo do que o período que necessitamos para adquirir a experiência da revolução e, ao mesmo tempo, fazer com

que essa experiência não nos saia tão cara. De todas as maneiras, teremos que pagar algum preço por esta. Mas desejaríamos que esse preço não fosse tão elevado como o foi no período da revolução. É necessário compreendermos que esta questão envolve uma contradição, a contradição existente entre as leis objetivas do desenvolvimento econômico da sociedade socialista e os nossos conhecimentos subjetivos, contradição que precisa de ser resolvida na prática. Esta contradição manifesta-se também como uma contradição entre as pessoas, isto é, entre as que compreendem com relativa precisão as leis objetivas e as que compreendem as mesmas leis de maneira relativamente imprecisa; esta é também uma contradição no seio do povo. Todas as contradições são uma realidade objetiva, e nossa tarefa é compreendê-las e resolvê-las da forma mais correta possível.

Para transformar a China em um país industrializado devemos estudar seriamente a experiência de vanguarda da URSS. A União Soviética edifica o socialismo há quarenta anos e a sua experiência é bastante valiosa entre nós. Vejamos quem projetou e equipou para nós tantas fábricas importantes: Estados Unidos? Inglaterra? Não, nenhum deles. Apenas a União Soviética o fez, porque é um país socialista e é nossa aliada. Além da URSS, alguns países irmãos da Europa Oriental dispensam-nos igualmente o seu auxílio. É incontestável que devemos estudar a experiência positiva de todos os países, socialistas ou capitalistas. Mas o essencial é, mesmo assim, aprender com a União Soviética. Há duas atitudes em relação à aprendizagem. Uma é dogmática e consiste na cópia indiscriminada de tudo, do que convém e do que não convém às condições do nosso país. Esta não é uma boa atitude. A outra consiste em pôr o cérebro a funcionar e aprender tudo

o que corresponde às condições do nosso país, isto é, assimilar a experiência que nos possa ser útil. Esta é a atitude que nós devemos adotar.

É no fortalecimento da nossa solidariedade com a União Soviética e com todos os países socialistas que reside a nossa política fundamental e os nossos interesses essenciais. Devemos também consolidar e alargar a nossa solidariedade com países da Ásia e da África, bem como com todos os países e povos amantes da paz. Unidos a estas duas forças já não estaremos sós. Quanto aos países imperialistas, devemos também unir-nos aos seus povos, esforçando-nos por conseguir a coexistência pacífica com esses países, negociar e conjurar todas as possibilidades de guerra. Porém, em relação a estes países, não devemos, em nenhuma circunstância, nutrir pontos de vista que não correspondam à realidade.

Discurso pronunciado na XI Sessão (Ampliada) da Conferência Suprema de Estado, em 27 de fevereiro de 1957

Sobre o trabalho de Propaganda

Camaradas! Nossa conferência teve um feliz desenvolvimento. Foram colocados numerosos problemas, o que nos permitiu conhecer muitas coisas. Farei agora algumas observações sobre os temas que vocês estavam discutindo.

Vivemos um período de grandes mudanças sociais. Há bastante tempo a sociedade chinesa encontra-se em meio a grandes modificações. A Guerra de Resistência Antijaponesa foi um período de grandes mudanças e a Guerra de Libertação, outro. Mas as mudanças atuais são, por seu caráter, muito mais profundas do que as anteriores. Estamos construindo o socialismo. Centenas de milhares de pessoas se incorporaram ao movimento de transformação socialista. As relações de todas as classes entre si encontram-se em processo de mudança. Tanto a pequena burguesia agrária e artesã, quanto a burguesia industrial e comercial sofreram mutações. Transformou-se o sistema econômico-social; a economia individual tornou-se economia coletiva e a propriedade privada capitalista está sendo transformada em propriedade pública socialista. Mudanças de tal magnitude, evidentemente, tem que ser refletidas no pensamento das pessoas. O ser social determina a consciência. Diante destas grandes mudanças no sistema social, as pessoas reagem de distintas maneiras de acordo com as classes, camadas ou grupos sociais aos quais pertencem. As grandes massas do povo os respaldam calorosamente, pois a própria vida demonstrou que o socialismo é a única solução possível para a China. Derrubar o antigo sistema social e estabelecer um sistema novo, o socialismo, é

uma grande batalha, uma imensa modificação no sistema social e nas relações entre os homens. Deve se dizer que a situação é basicamente saudável. Contudo, o novo sistema social acaba de ser estabelecido e sua consolidação ainda requer tempo. Não é possível supor que um novo sistema pode consolidar-se no exato momento em que se estabelece; isto é impossível. Tem que ir se consolidando passo a passo. Para sua consolidação definitiva é necessário não somente realizar a industrialização socialista do país e perseverar na revolução socialista na frente econômica, mas também levar adiante, de forma ininterrupta e com duros esforços, a luta revolucionária socialista e a educação socialista nas frentes política e ideológica. Ademais, se requer o concurso de diversos fatores internacionais. Na China, a luta para garantir o sistema socialista, a luta para decidir se vencerá o socialismo ou o capitalismo, levará um período histórico bastante longo. Mas todos devemos ter claro que o novo sistema socialista se consolidará inexoravelmente. Conseguiremos construir um país que conte com uma indústria, com uma agricultura, uma ciência e uma cultura modernas.

Este é o primeiro ponto que queria tratar.

Em segundo lugar, sobre a situação dos intelectuais do nosso país. Não dispomos de estatísticas precisas sobre o número de intelectuais chineses. Calcula-se que há em torno de cinco milhões de todos os tipos, entre intelectuais de alta categoria e intelectuais em geral. Destes cinco milhões, a absoluta maioria são patriotas, amam nossa República Popular e estão dispostos a servir ao povo e ao Estado socialista. Um pequeno número de intelectuais não gosta muito do sistema socialista, nem se sente feliz com este. Mas ainda que se mostre cético quanto ao socialismo, não deixa de ser patriota frente ao imperialismo. Os intelectuais hostis ao nosso Estado

são muito poucos. A estes não lhes agradam nosso Estado de ditadura do proletariado e desejam a velha sociedade. Na primeira ocasião que se apresente, agitam as águas e provocam distúrbios, com a intenção de derrotar o Partido Comunista e restaurar a velha China. Entre a linha proletária e a burguesa, entre a socialista e a capitalista, se obstinam em seguir a segunda. E como seguir esta linha é impraticável, de fato estão dispostos a entregar-se ao imperialismo, ao feudalismo e ao capitalismo burocrático. Tais indivíduos figuram nos círculos políticos, industriais e comerciais, culturais e docentes, científico-tecnológicos e religiosos, e são extremamente reacionários. Constituem somente 1, 2 ou 3% dos cinco milhões. A esmagadora maioria, ou seja, mais de 90%, apoia em diversos graus o sistema socialista. Muitos deles ainda não têm claro como trabalhar sob o socialismo e como compreender, manejar e resolver tantos problemas novos.

Sobre a atitude dos cinco milhões de intelectuais perante o marxismo, se poderia dizer que mais de 1% – comunistas e simpatizantes – estão relativamente familiarizados com o marxismo e, com os pés no chão, se situam firmemente na posição do proletariado. Estes somente representam uma minoria deste total de cinco milhões, mas constituem seu núcleo e têm grande força. A maioria deseja estudar o marxismo e já aprendeu algo, mas ainda não o conhece bem. Nesta maioria há alguns que, sendo céticos e carentes de uma posição firme, vacilam quando se levanta uma tormenta. Este setor de intelectuais, que constituem a grande maioria dos cinco milhões, mantém uma posição intermediária. Aqueles que se opõem obstinadamente ao marxismo ou lhe têm ódio representam uma mínima proporção. Há alguns que, ainda que não declarem abertamente, de fato desaprovam o marxismo. Ha-

verá pessoas de tal tipo durante muito tempo e devemos permitir que o desaprovem. Por exemplo, alguns idealistas podem apoiar o sistema político e econômico do socialismo, mas discordam da concepção marxista do mundo. O mesmo ocorre com os patriotas dos círculos religiosos. Eles são teístas, e nós, ateus. Não podemos forçá-los a aceitar a concepção marxista de mundo. Em suma, sobre a atitude dos cinco milhões de intelectuais perante o marxismo, pode se dizer o seguinte: os que aprovam o marxismo e estão relativamente familiarizados com este são uma minoria, os que se opõem a este são também uma minoria e a maioria aprova-o, mas não o conhece bem, e tal aprovação se dá em muitos graus. Apresentam-se, por conseguinte, três posições: apoio resolutivo, vacilação e oposição. Tal situação perdurará por longo tempo; isto devemos reconhecer, pois do contrário, pode acontecer que exijamos demasiadamente dos demais e atribuamos a nós mesmos tarefas muito pequenas. A tarefa dos camaradas encarregados da propaganda é divulgar o marxismo. Isto deve ser feito gradualmente e de forma apropriada, de modo que as pessoas aceitem de bom grado. Não podemos obrigar as pessoas a aceitar o marxismo; o único admissível neste sentido é a persuasão. Seria bom que, em um período de vários planos quinquenais, um bom número de intelectuais aceitasse o marxismo e conseguisse compreendê-lo melhor através do seu trabalho e de sua vida, através de sua prática na luta de classes, na produção e nas atividades científicas. E isto é o que esperamos.

Em terceiro lugar, acerca do problema da reeducação dos intelectuais. Nosso país tem escasso desenvolvimento cultural. Para um país tão imenso como o nosso, cinco milhões de intelectuais são pouco. Sem intelectuais não poderíamos executar bem nosso trabalho, e isto nos impõe fazer o

necessário para nos unir a estes. A sociedade socialista é composta principalmente por três setores: operários, camponeses e intelectuais. Intelectuais são aqueles que se dedicaram ao trabalho mental; sua atividade está a serviço do povo, ou seja, a serviço dos operários e camponeses. No que diz respeito à maioria dos intelectuais, podem servir à nova China da mesma forma que serviram à velha China, e servir ao proletariado do mesmo modo que serviram à burguesia. Quando os intelectuais serviam à velha China, a ala esquerda resistia, o setor médio vacilava e somente a ala direita permanecia firme. Agora, quando se trata de servir à nova sociedade, a situação se apresenta de forma inversa. A ala esquerda permanece firme, o setor médio vacila (estas vacilações na nova sociedade não são as mesmas que no passado) e a ala direita resiste. Os intelectuais são também educadores. Diariamente nossos jornais educam o povo. Nossos escritores e artistas, cientistas e técnicos, professores e mestres, todos estão ensinando seus educandos, ao povo. Como são educadores e mestres, antes de mais nada eles mesmos devem ser educados. Ainda mais quando o presente período é de grandes mudanças no sistema social. Nos últimos anos, receberam certa educação marxista e alguns estudaram com empenho e alcançaram notáveis progressos. Contudo, a maioria está ainda muito longe de ter substituído totalmente sua concepção burguesa do mundo pela proletária. Alguns leram uns tantos livros marxistas e se creem muito doutos, mas como o que leram não penetrou e tampouco fixou na mente, não sabem utilizá-los e seus sentimentos de classe seguem como antes. Outros são muito presunçosos e, tendo memorizado algumas frases livrescas, se consideram grande coisa e se enchem de orgulho, mas cada vez que se levanta uma tormenta, assu-

mem uma posição muito diferente da dos operários e da maioria das massas trabalhadores do campesinato. Vacilam enquanto estes permanecem firmes, se mostram equivocados enquanto estes são francos e diretos. Portanto, é errado supor que quem educa não necessita, ao mesmo tempo, receber educação, nem tampouco aprender, ou que reeducação socialista significa tão somente reeducar aos demais – aos latifundiários, capitalistas e produtores individuais – mas não aos intelectuais. Os intelectuais também necessitam de reeducação; não somente devem reeducar aqueles que ainda não modificaram sua posição básica, mas todos devem aprender e se reeducar. Eu digo “todos”, e isto inclui todos que estamos aqui presentes. As situações estão em constante mudança, e para adaptar seu pensamento às novas situações, deve-se aprender. Inclusive quem tem uma maior compreensão do marxismo e se mantém relativamente firme na posição proletária, devem continuar aprendendo, assimilar coisas novas e estudar problemas novos. A menos que eliminem de suas cabeças o que não está são, os intelectuais se encontraram abaixo da sua tarefa de educar os demais. Evidentemente, devemos estudar enquanto ensinamos, ser alunos e professores ao mesmo tempo. Para ser um bom mestre, primeiro há que ser um bom aluno. São muitas as coisas que não podem ser aprendidas apenas através dos livros, e que é necessário aprender dos produtores – operários e camponeses – e, nas escolas, dos estudantes, daqueles a quem está ensinando. Na minha opinião, a maioria dos nossos intelectuais está disposta a aprender. É nossa tarefa ajudá-las no estudo, de todo coração e de maneira adequada, sobre a base de sua boa disposição; não devemos forçá-los a estudar recorrendo a métodos compulsórios.

Em quarto lugar, o problema da integração dos intelectuais com as massas de operários e camponeses. Dado que sua tarefa é servir às massas de operários e camponeses, os intelectuais devem, antes de mais nada, entendê-los e familiarizar-se com sua vida, seu trabalho e suas ideias. Estimulamos os intelectuais a irem às massas, às fábricas e ao campo. É uma coisa muito ruim que alguém em sua vida nunca tenha lidado com operários ou camponeses. Os funcionários do Estado, escritores, artistas, professores e investigadores científicos devem aproveitar toda oportunidade para aproximar-se dos operários e camponeses. Alguns podem ir às fábricas ou ao campo somente para dar uma volta e ver a paisagem. Isto se chama “ver as flores a partir do trote do cavalo” e, de todas as maneiras, é melhor que não veja nada. Outros podem permanecer ali durante meses levando a cabo investigações e fazendo amigos; isto se chama “descer do cavalo para ver as flores”. Há outros mais que podem viver ali durante um tempo considerável, digamos dois ou três anos ou até mais, o que pode ser chamado de “estabelecer-se”. Alguns intelectuais já vivem, de fato, entre operários e camponeses; por exemplo, os técnicos industriais, nas fábricas, e os técnicos agrícolas e professores de escolas rurais, no campo. Eles devem cumprir bem seu trabalho e fundir-se com os operários e camponeses. É preciso que a aproximação aos operários e camponeses se converta em uma prática generalizada, isto é, que o faça um grande número de intelectuais. Naturalmente, não poderão fazê-lo 100% destes, pois alguns, devido a uma ou outra razão, não estão em condições de ir; contudo, aspiramos que vá o maior número possível. Tampouco podem ir todos ao mesmo tempo, mas sim por grupos e em diferentes períodos. Esta experiência de fazer com que os intelectuais entrem em

contato direto com os operários e camponeses tivemos na época de Yen-an. Naquele tempo, muitos intelectuais em Yen-an tinham ideias muito confusas e apresentavam todo tipo de opiniões incoerentes. Celebramos uma reunião com estes e os aconselhamos a ir às massas. Posteriormente, muitos foram e obtiveram excelentes resultados. Os conhecimentos adquiridos pelos intelectuais nos livros serão incompletos, e as vezes extremamente incompletos, enquanto que não os integrem com a prática. É fundamentalmente através da leitura dos livros que os intelectuais recebem a experiência dos nossos antepassados. Desde o início, é indispensável ler livros, mas a leitura somente não resolve os problemas. Há que estudar a situação atual, as experiências práticas e materiais concretos, e fazer amizades com operários e camponeses. Forjar esta amizade não é coisa fácil. Também hoje há pessoas que vão às fábricas ou ao campo, e algumas obtêm resultados e outras não. O que aqui está colocado é que a posição ou atitude que se adote, é um problema de concepção de mundo. Defendemos o “que cem escolas rivalizem”, isto é, para que em cada ramo do saber possa haver múltiplas tendências e escolas; mas quanto à concepção do mundo, na época atual somente existem essencialmente duas escolas, a proletária e a burguesa. É uma ou outra: a concepção proletária do mundo ou a burguesa. A concepção comunista do mundo é a concepção do proletariado e de nenhuma outra classe. A maioria dos nossos intelectuais de hoje provém da velha sociedade e de famílias não pertencentes ao povo trabalhador. Alguns, apesar de sua origem operária ou camponesa, não deixam por isto de ser intelectuais burgueses, pois receberam uma educação burguesa antes da Libertação e sua concepção do mundo segue essencialmente burguesa. Se não

se desfazem do velho, o substituindo pela concepção proletária do mundo, seguirão tendo pontos de vista, posições e sentimentos distintos aos dos operários e camponeses e se sentirão desadaptados entre os operários e camponeses, quem, por sua vez, não lhes abrirão o coração. Se os intelectuais se integram com estes e os tornam amigos, estarão em condições de apropriar-se do marxismo que aprenderam nos livros. Para adquirir uma verdadeira compreensão do marxismo, há que aprendê-lo não apenas nos livros, mas também e principalmente através da luta de classes, do trabalho prático e do íntimo contato com as massas operárias e camponesas. Se, além da leitura dos livros marxistas, nossos intelectuais alcançarem determinada compreensão do marxismo através do íntimo contato com as massas operárias e camponesas e mediante seu próprio trabalho prático, todos teremos uma linguagem comum; não somente a linguagem comum do patriotismo e do sistema socialista, mas também, provavelmente, a da concepção comunista de mundo. Neste caso, todos trabalharemos muito melhor.

Em quinto lugar, retificação. A retificação significa correção do modo de pensar e do estilo de trabalho. Campanhas de retificação dentro do Partido Comunista foram levadas a cabo em três ocasiões: durante a Guerra de Resistência Anti-japonesa, no curso da Guerra de Libertação e nos dias posteriores à fundação da República Popular da China. Agora, o Comitê Central do Partido Comunista decidiu iniciar este ano outra campanha de retificação dentro do Partido. Pessoas não pertencentes ao Partido podem tomar parte ou não nesta, segundo seu desejo. Esta campanha está dirigida principalmente a criticar as seguintes tendências errôneas no modo de pensar e no estilo de trabalho: o subjetivismo, o burocratismo

e o sectarismo. Assim como na campanha de retificação efetuada durante a Guerra de Resistência, o método consistirá, em um primeiro momento, em estudar uma série de documentos e, sobre tal base, examinar cada qual suas próprias ideias e trabalho e desenvolver a crítica e a autocrítica para descobrir defeitos e erros e estimular o que seja bom e correto. No curso da campanha, por um lado, devemos ser rigorosos, praticando de forma conscienciosa e não superficialmente a crítica e autocrítica dos erros e defeitos para, em seguida, corrigi-los; por outro, devemos proceder com a suavidade de uma brisa, seguindo o princípio de “tirar lições dos erros passados para evitá-los no futuro, e tratar a enfermidade para salvar o paciente”, e opor-nos ao procedimento de “acabar com tudo com uma marretada”.

O nosso é um Partido grande, glorioso e correto. Isto é inegável. Mas ainda temos defeitos, e isto também é inegável. Não devemos considerar como positivo tudo o que fizemos, mas unicamente o que é correto; ao mesmo tempo, não devemos negar tudo, mas somente o errôneo. Ainda que os êxitos constituam o fundamental do nosso trabalho, não são poucos os defeitos e erros. Daí a necessidade de uma campanha de retificação. Será minado o prestígio do nosso Partido acaso criticarmos nosso próprio subjetivismo, burocratismo e sectarismo? Penso que não. Pelo contrário, isto servirá para elevá-lo. Assim demonstrou a campanha de retificação realizada durante a Guerra de Resistência, pois acrescentou ao prestígio do nosso Partido, dos camaradas militantes e dos nossos quadros veteranos, e também permitiu aos novos quadros alcançar grandes progressos. Qual dos dois temia a crítica, o Partido Comunista ou Koumintang? O Kuomintang, que proibiu a crítica, mas não pode se salvar da ruína. O Partido Comunista não teme a crítica, pois somos marxistas, a

verdade está do nosso lado e as massas dos operários e camponeses estão conosco. A campanha de retificação é, como dizíamos, “uma ampla campanha de educação marxista”.³⁵ Por retificação entendemos o estudo do marxismo em todo o Partido através da crítica e autocrítica. Poderemos, sem dúvidas, aprender mais sobre o marxismo no transcurso da campanha de retificação.

A responsabilidade de dirigir a transformação e a construção da China recai sobre nós. Quando tenhamos retificado nosso modo de pensar e nosso estilo de trabalho, gozaremos de maior iniciativa nas nossas tarefas, seremos mais capazes e trabalharemos melhor. O país necessita de muita gente que sirva de todo coração ao povo e à causa do socialismo e que tenha vontade de transformações. Assim devemos ser todos como comunistas. Antigamente, na velha China, falar em reformas era um crime que se pagava com a decapitação ou o cárcere. Não obstante, houveram reformadores resolutos que, sem temor a nada e desafiando todo tipo de dificuldades, publicaram livros e jornais, educaram e organizaram o povo e travaram inflexíveis lutas. Nosso Poder, a ditadura democrática popular, pavimentou o caminho para um rápido desenvolvimento econômico e cultural do país. Somente passaram uns poucos anos desde o estabelecimento do nosso Poder e já se pode ver todo um quadro de florescimento sem precedentes da economia, da cultura, da educação e da ciência. Na luta para construir uma nova China, os comunistas não tememos nenhuma dificuldade. Contudo, não basta somente nossos esforços. Necessitamos de muitas pessoas não militantes

35. Ver *“Sobre a produção no Exército para sua subsistência e a importância das duas grandes campanhas pela retificação do estilo de trabalho e pela produção”*; Obras Escolhidas de Mao Tsé-tung, t. III.

do Partido que tenham grandes ideais e que, seguindo o caminho do socialismo e do comunismo, lutem ao nosso lado valentemente pela transformação e construção da nossa sociedade. É tarefa árdua assegurar uma vida melhor às centenas de milhões de chineses e fazer de um país econômica e culturalmente atrasado como a China, outro próspero, poderoso e com elevado nível cultural. Precisamente para poder assumir esta tarefa com maior eficácia e trabalhar melhor junto com todos aqueles que, sem ser militantes do Partido, têm altos ideais e estão decididos a fazer reformas, devemos desenvolver campanhas de retificação tanto agora como no futuro e desprendermos constantemente de tudo que haja de errado em nós. Os materialistas consequentes são intrépidos; esperamos que todos os que lutam ao nosso lado assumam valentemente suas responsabilidades, superem as dificuldades e não tenham medo ante os reveses, nem vacilem em fazer a nós comunistas críticas e sugestões. “Quem não teme morrer cortado em mil pedaços, se atreve a destronar o imperador”: este é o espírito que nos exige a luta pelo socialismo e pelo comunismo. De nossa parte, os comunistas devemos brindar facilidades aos que cooperam conosco, estabelecer boas relações de camaradagem na tarefa comum de nos unir com estes para lutar juntos.

Em sexto lugar, o problema da unilateralidade. Ser unilateral significa pensar em termos absolutos, ou seja, focar os problemas metafisicamente. Na avaliação do nosso trabalho, é unilateral considerá-lo todo positivo ou todo negativo. Há, todavia, não poucas pessoas dentro do Partido Comunista, e muitas fora dele, que abordam as questões desta maneira. Considerar tudo positivo é ver somente o bom e perder de vista o mau, é admitir unicamente elogios e não críticas. Apresentar nosso trabalho como se fosse totalmente bom é

contradizer os fatos. Não é certo que tudo seja bom; ainda existem deficiências e erros. Mas tampouco é correto que tudo seja mal; pensar assim é, igualmente, ir contra os fatos. Daí a necessidade de fazer análises. Negar tudo é crer, sem nenhuma análise, que nada foi feito corretamente e que a grandiosa construção socialista, a grande luta na qual participam centenas de milhões de pessoas é um embrolho sem nada digno de elogio. Esta maneira de abordar as coisas é extremamente errada e prejudicial e somente contribuiu a desalentar as pessoas, ainda que muitas das que adotam tal enfoque se diferenciem das que são hostis ao sistema socialista. Na avaliação do nosso trabalho, é errôneo tanto o ponto de vista de que tudo é positivo, como o de que tudo é negativo. Aos que incorrem nesta unilateralidade devemos criticar, mas, naturalmente, com uma atitude de auxílio, partindo do princípio “tirar lições dos erros passados para evitá-los no futuro e tratar a enfermidade para salvar o paciente”.

Há quem argumente que, como trata-se de uma campanha de retificação e como a todo mundo se pede que expresse suas opiniões, a unilateralidade é inevitável e que, portanto, ao propor evitar a unilateralidade, parece que, na realidade, se quer impedir que as pessoas falem. É acertada esta observação? É difícil exigir que não haja em ninguém um mínimo de unilateralidade. A pessoa sempre examina e trata os problemas e expressa seu critério à luz da sua própria experiência; por isto, é inevitável que as vezes se mostre um pouco unilateral. Contudo, não deveríamos pedir que supere gradualmente esta unilateralidade e encare os problemas com uma visão mais ou menos completa? Na minha opinião, se deve pedir. Se procedêssemos de outra forma, se não exigíssemos que a cada dia, a cada ano, houvesse um maior número de pessoas capazes de focar os problemas com uma visão mais

ou menos completa, nos estancaríamos e estaríamos dando carta branca à unilateralidade, o que equivaleria a ir contra o propósito da campanha de retificação. Unilateralidade significa violação da dialética. Pedimos que gradualmente se divulgue a dialética e que, passo a passo, todos aprendam a manejar este método científico. A alguns dos artigos que agora aparecem, o que lhes sobra em grandiloquência lhes falta em conteúdo, pois não sabem analisar os problemas e carecem de argumentos e força convincente. É desejável que cada vez haja menos artigos deste tipo. Ao escrever um artigo, não se deve estar pensando todo o tempo, “quão brilhante eu sou!”, mas considerar seus leitores em absoluto pé de igualdade. Se alguém diz algo errôneo, as pessoas o refutarão, assim se dá em muitos anos de militância revolucionária. Quanto mais se dá uma pessoa, menos caso lhe fará a gente e menos se preocupará em ler seus artigos. Devemos cumprir honestamente nosso trabalho, tratar as coisas com espírito analítico, escrever artigos que tenham força convincente e nunca nos dar auto-elogios para impressionar as pessoas.

Há quem sustente que a unilateralidade pode ser evitada em um artigo extenso, mas não em um ensaio curto. Necessariamente deve-se pecar na unilateralidade em um ensaio curto? Como já disse, muitas vezes é difícil evitar a unilateralidade e não há nada de terrível em que se deslize por aí uma lâmina desta. Exigir que todo mundo enfoque os problemas com uma visão completíssima significaria sobrecarregar o desenvolvimento da crítica. Não obstante, pedimos que cada um se esforce para focar os problemas com uma visão mais ou menos completa e para evitar a unilateralidade tanto nos longos artigos, quanto nos curtos, incluso os ensaios. Alguns perguntam: como é possível fazer análises em um ensaio de umas poucas centenas ou de mil a dois mil caracteres? Eu

respondo: Por que não? Acaso não o conseguiu Lu Sin? Método analítico é método dialético. Quando dizemos análise, nos referimos a analisar as contradições das coisas. Não é possível nenhuma análise acertada sem um conhecimento íntimo da vida, nem uma compreensão real das contradições que estão na mesa. Os ensaios de Lu Sin escritos nos últimos anos de sua vida são de uma extraordinária profundidade e vigor e estão isentos de unilateralidade, precisamente porque já então ele havia assimilado a dialética. Alguns ensaios de Lenin também podem ser chamados de ensaios curtos; são satíricos e mordazes, mas não tem nada de unilateral. Quase todos os ensaios de Lu Sin apontavam o inimigo, enquanto que os de Lenin dirigiam-se uns ao inimigo e outros a camaradas. Pode-se escrever ensaios ao estilo de Lu Sin contra os erros e defeitos no seio do povo? Acredito que sim. Claro, devemos traçar uma linha divisória entre o inimigo e nós, e não adotar uma posição hostil diante dos nossos camaradas, tratando-os como inimigos. Há que se falar em uma linguagem encharcada de ardente desejo de defender a causa do povo e de elevar sua consciência política, e em nenhum momento ridicularizá-lo ou atacá-lo.

Que fazer quando a pessoa não se atreve a escrever? Algumas pessoas dizem que, mesmo quando tem algo sobre o que escrever, não se atrevem a fazê-lo por temor de ofender a outros ou de ser criticadas. Penso que estes receios podem ser descartados. O nosso é um Poder democrático popular, e isto assegura um ambiente propício para escrever no interesse do povo. A política “Que cem flores desabrochem, que cem escolas rivalizem” oferece novas garantias para o florescimento da ciência e da arte. Se o que você escreve é correto, não tem porque temer a crítica e, através do debate, pode es-

clarecer ainda mais seus corretos pontos de vista. Se, do contrário, o que escreve é errôneo, a crítica pode ajudá-lo a corrigir, e nisso não há nada de mau. Em nossa sociedade, a crítica e a contra crítica revolucionárias e combativas constituem um método eficaz para evidenciar as contradições e resolvê-las, desenvolver a ciência e a arte e assegurar o êxito em todo o nosso trabalho.

Em sétimo lugar, “abertura” ou “restrição” da expressão de opiniões. Este é um problema de orientação. “Quem cem flores desabrochem, quem cem escolas rivalizem” é uma orientação fundamental e a longo prazo, de nenhum modo transitória. Na discussão, vocês expressaram seu desacordo com a “restrição”, e eu penso que tem toda a razão. O Comitê Central do Partido opina que o que deve ser feito é “abertura” e não “restrição”.

Na condução do nosso país se pode adotar um destes dois métodos ou orientações: “abertura” ou “restrição”. “Abertura” significa dar as pessoas a possibilidade de expressar-se livremente, de maneira que se atreva a falar, criticar e debater; significa não temer as opiniões equivocadas, nem as espécies venenosas; quer dizer fomentar o debate e a crítica entre pessoas de critérios divergentes, permitindo tanto a liberdade de crítica como a da contra crítica; significa não reprimir as opiniões errôneas, mas sim convencer as pessoas mediante o raciocínio. “Restrição” quer dizer não permitir que ninguém manifeste opiniões divergentes e ideias equivocadas, e “acabar com tudo com uma marretada” chega a ser feito. Longo de resolver as contradições, este método não faz mais do que agravá-las. Destas duas orientações, “abertura” e “restrição”, há que se escolher uma. Nós optamos pela primeira, pois esta é a orientação que contribui para consolidar nosso país e desenvolver nossa cultura.

Com esta orientação de “abertura” nos propomos unir em torno de nós milhões de intelectuais e fazer que mudem sua atual fisionomia espiritual. Como já disse anteriormente, a esmagadora maioria dos nossos intelectuais querem progredir, e desejam poder reeducar-se. A política que adotemos a este respeito terá um papel muito importante. O problema dos intelectuais é, antes de tudo, de ordem ideológica, e os métodos rudes e coercitivos no tratamento dos problemas ideológicos somente trazem prejuízos e não vantagens. A reeducação dos intelectuais e, em especial, a transformação da sua concepção de mundo, é um processo que requer longo tempo. Nossos camaradas devem compreender que a reeducação ideológica supõe um trabalho prolongado, paciente e minucioso, e que não se pode pretender que com umas quantas conferências ou reuniões a pessoa modifique sua ideologia, formada ao longo de décadas de vida. A única forma de fazer que algo seja aceito é a persuasão, em nenhum caso a coação. Com a coação somente se consegue submeter, jamais convencer. É inútil toda tentativa de impor as coisas pela força. Este método somente pode ser utilizado com o inimigo, mas nunca com camaradas e amigos. Que fazer se não sabemos convencer? Bom, então temos que aprender. Devemos aprender a vencer todo tipo de ideias errôneas através do debate e o raciocínio.

“Que cem flores desabrochem” é um meio para desenvolver a arte e “Que cem escolas rivalizem”, um meio para desenvolver a ciência. Esta política não somente é um bom meio para impulsionar a ciência e a arte, mas que, se lhes dão uma aplicação mais ampla, pode ser um bom método para todo o nosso trabalho, e nos permitirá cometer menos erros. Há muitas coisas que não entendemos e que, portanto, somos

incapazes de resolver, mas, por meio do debate e da luta, chegaremos a compreendê-las e saber como solucioná-las. A verdade se desenvolve através do debate entre pontos de vista divergentes. O mesmo método pode ser adotado a respeito de tudo que seja venenoso, antimarxista, porque o marxismo será desenvolvido na luta contra o antimarxismo. Este é desenvolvimento na luta dos contrários, desenvolvimento que corresponde à dialética.

Não se falou sempre do verdadeiro, do bom e do bonito? Seus contrários são o falso, o mau e o feio. Sem estes últimos, não existiriam os primeiros. A verdade existe em oposição à falsidade. Tanto na sociedade humana como na natureza, um todo se divide invariavelmente em partes diferentes, com apenas o conteúdo e a forma variando segundo as condições concretas. Sempre há de existir coisas erradas e fenômenos feios. Sempre existirão contrários como o correto e o errado, o bom e o mau, o bonito e o feio. O mesmo sucede com as flores perfumadas e as ervas venenosas. A relação entre o um e o outro é a unidade e luta dos contrários. Sem comparação não pode fazer diferenciação; sem diferenciação, nem luta não pode haver desenvolvimento. A verdade se desenvolve na luta contra a falsidade. É desta forma que o marxismo se desenvolve. O marxismo avança na luta contra a ideologia burguesa e pequeno-burguesa e somente através da luta pode avançar.

Estamos a favor da “abertura”, mas esta, longe de ser excessiva, tem sido insuficiente até agora. Não devemos temer a “abertura” e tampouco as críticas, nem as ervas venenosas. O marxismo é uma verdade científica; não tem medo da crítica, nem pode ser derrotado por esta. Da mesma forma ocorre com o Partido Comunista e o governo popular: não temem a crítica, nem podem ser derrotados por esta. Sempre

haverá coisas erradas e não há porque se assustar. Recentemente foi posto em cena alguns absurdos e imundícies. Há camaradas que se mostraram muito preocupados com isto. Na minha opinião, não importa muito que haja um pouco deste gênero de coisas; em algumas décadas estas desaparecerão por completo do cenário, e ainda que se queira, não poderão ser vistas. Devemos promover o correto e opor-nos ao incorreto, mas sem temor de que as pessoas entrem em contato com coisas errôneas. Não solucionarão nenhum problema as simples ordens administrativas nas quais se proíbe as pessoas de ter contato com fenômenos anormais e feios e ideias errôneas, assim como ver absurdos e imundícies. Evidentemente, não estou propondo a divulgação de tais absurdos e imundícies, somente digo que “não importa muito que haja um pouco deste gênero de coisas”. A existência de umas quantas coisas errôneas não deve ser motivo de estranheza, nem temor, pois permitirá que as pessoas aprendem a lutar melhor contra estas. Nem sequer as grandes tormentas têm nada de temível. É em meio a estas grandes tormentas que progride a sociedade humana.

Em nosso país subsistirá por longo tempo a ideologia burguesa e pequeno-burguesa, as ideias antimarxistas. Foi estabelecido no fundamental o sistema socialista. Obtemos a vitória básica na transformação da propriedade dos meios de produção, mas ainda não conquistamos a vitória completa nas frentes política e ideológica. No terreno ideológico, ainda não se resolveu de forma definitiva a questão de quem vencerá: o proletariado ou a burguesia. Ainda devemos sustentar uma luta prolongada contra a ideologia burguesa e pequeno-burguesa. É errôneo ignorar isto e abandonar a luta ideológica. Todas as ideias errôneas, todas as ervas venenosas e todos os absurdos e imundícies devem ser submetidos à crítica;

em nenhuma circunstância podemos tolerar que se reproduzam livremente. Contudo, a crítica deve ser plenamente racional, analítica e convincente, e não tosca e burocrática, nem metafísica e dogmática.

Há muito tempo se critica profusamente o dogmatismo. Isto é necessário, mas com frequência se descuida da crítica ao revisionismo. Tanto dogmatismo, quanto revisionismo são contrários ao marxismo. Inexoravelmente, o marxismo avançará, progredirá com o desenvolvimento da prática e não permanecerá estático. Ficaria sem vida se fosse estancado e estereotipado. Não obstante, nunca se devem violar os princípios básicos do marxismo; violá-los conduz a cometer erros. É dogmatismo focar o marxismo a partir do ponto de vista metafísico, considerando-o como algo fossilizado. É revisionismo negar os princípios básicos do marxismo, a verdade universal do marxismo. O revisionismo é uma variedade da ideologia burguesa. Os revisionistas apagam o que distingue o socialismo do capitalismo, a ditadura do proletariado da ditadura burguesa. O que preconizam não é, de fato, a linha socialista, mas sim a capitalista. Nas circunstâncias atuais, o revisionismo é ainda mais pernicioso do que o dogmatismo. Uma importante tarefa que atualmente encaramos na frente ideológica é desenvolver a crítica ao revisionismo.

Em oitavo e último lugar, os comitês do Partido em nível de província, município e região autônoma que devem tomar em suas mãos o problema ideológico. Este é um ponto que alguns dos camaradas aqui presentes queriam que eu tratasse. Em muitos lugares, comitês do Partido ainda não tomaram em suas mãos este problema, ou fizeram muito pouco a respeito disto. A razão principal é que estão muito atarefados. Mas devem fazê-lo indefectivelmente. Por “tomar nas mãos” quero dizer que este problema deve ser colocado na

ordem do dia e ser estudado. Em nosso país, as vastas e tempestuosas lutas classistas das massas, características dos períodos de revolução, no fundamental chegaram ao seu fim; mas ainda há luta de classes, principalmente nas frentes política e ideológica, onde esta se apresenta inclusive bastante acirrada. O problema da ideologia passou a ser de singular importância. Os primeiros secretários dos comitês do Partido em todos os lugares devem ocupar-se pessoalmente desta questão, que somente poderá resolvida corretamente quando se tenha prestado séria atenção e estudá-la. Em todas as partes devem ser convocadas reuniões sobre o trabalho de propaganda, similares a que estamos celebrando aqui, para discutir sobre seu trabalho ideológico e sobre todos os problemas vinculados a este. A tais reuniões não somente devem assistir camaradas do Partido, mas também pessoas de fora deste, incluindo pessoas de diferentes opiniões. Isto não trará dano, mas vantagens para tais reuniões, como demonstrou a experiência da presente conferência.

Discurso ante a Conferência Nacional do Partido Comunista da China sobre o trabalho de propaganda, em 12 de março de 1957

De onde vêm as Ideias Corretas?

De onde vêm as ideias corretas? Caem do céu? Não. São inatas dos cérebros? Também não. Elas somente podem vir da prática social, dos três tipos de prática: a luta pela produção, a luta de classes e os experimentos científicos na sociedade. A existência é sócia do povo e determina seus pensamentos.

Uma vez dominadas pelas massas, as ideias corretas, características da classe mais avançada, se converterá em uma força material para transformar a sociedade e o mundo.

Na prática social, enfrentamos todo tipo de lutas e extrai ricas experiências de seus êxitos e fracassos. Inumeráveis fenômenos da realidade objetiva se refletem nos cérebros das pessoas através dos órgãos e seus cinco sentidos, a visão, a audição, o olfato, o paladar e o tato.

No início, o conhecimento é puramente sensitivo. Ao acumular-se este conhecimento o mesmo produzirá um salto e se converterá em conhecimento racional, em ideias. Este é o processo do conhecimento.

É a primeira etapa do processo de conhecimento em seu conjunto, a etapa que conduz da matéria objetiva à consciência subjetiva, da existência das ideias.

Nesta etapa, contudo, não se comprovou se a consciência e as ideias (incluindo teorias, políticas, planos e resoluções) reflitam corretamente as leis da realidade objetiva, como também não podem determinar se são justas.

Em seguida se apresenta a segunda etapa do processo de conhecimento, a etapa que conduz da consciência à matéria, das ideias à existência, isto é, aplicar na prática social o

conhecimento obtido na primeira etapa para ver se estas teorias, políticas, planos e resoluções podem alcançar as consequências esperadas.

Falando de forma geral, os que der bons resultados são adequados, e os que der maus resultados são errôneos, especialmente na luta da humanidade contra a natureza.

Nas lutas sociais, as forças que representam a classe avançada às vezes encaram algum fracasso, mas a causa não é de que suas ideias sejam incorretas, mas, na verdade, da correlação das forças em luta, as forças avançadas ainda não são tão poderosas naquele momento quanto as forças reacionárias, e conseqüentemente fracassam temporariamente, porém alcançam os êxitos previstos mais cedo ou mais tarde.

Depois das provas da prática, o conhecimento do povo realizará outro salto, que é mais importante que o anterior. Porque só mediante o segundo salto poderá comprovar o que ocorreu de errado e certo no primeiro salto de conhecimento, isto é, das ideias, teorias, políticas, planos e resoluções formadas durante a reflexão da realidade objetiva.

Não existe nenhum outro método para comprovar a verdade. A única finalidade do proletariado e seu conhecimento acerca do mundo são transformá-lo.

O pequeno só pode ganhar um conhecimento correto depois de muitas reiterações do processo que conduz da matéria à consciência e da consciência à matéria, ou seja, da prática ao conhecimento e do conhecimento à prática.

Esta é a teoria marxista do conhecimento, a teoria materialista dialética do conhecimento.

Porém, muitos dos nossos camaradas não compreendem esta teoria do conhecimento.

Quando lhes é perguntado de onde extraem suas ideias, opiniões, políticas, métodos, planos, conclusões, eloquentes discursos e longos artigos, consideram estranha a pergunta e não podem respondê-la.

Encontramos frequentemente incompreensíveis fenômenos na vida cotidiana na qual a matéria pode transformar-se em consciência e a consciência em matéria.

Por isso, é preciso educar nossos camaradas na teoria materialista dialética do conhecimento para que possam orientar corretamente seus pensamentos, seja para investigar e estudar corretamente, seja para realizar um balanço correto de suas experiências, para que superem suas dificuldades, cometam menos erros, trabalhem bem e lutem esforçadamente para converter a China em uma grande potência socialista e ajudar as grandes massas dos povos oprimidos e explorados do mundo, cumprindo assim os grandes deveres internacionais que havemos de assumir.

excerto do documento "Decisões do Comitê Central do Partido Comunista da China sobre alguns problemas no atual trabalho rural", de maio de 1963

